



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**VIVIANNE DE OLIVEIRA COSTA**

**ENTRE CASAS E TUCUNS: UMA ANÁLISE SOBRE ATORES SOCIAIS E  
COTIDIANO NO BAIRRO SÃO JOSÉ EM PARNAÍBA - PI**

**TERESINA- PI**

**2021**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e  
Letras Serviço de Processos Técnicos

C837e Costa, Vivianne de Oliveira.

Entre casas e tucuns : uma análise sobre atores sociais e cotidiano no bairro São José em Parnaíba - PI / Vivianne de Oliveira Costa. -- 2021.

102 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Teresina, 2021.

“Orientador: Prof. Dr. Samuel Pires Melo.”

1. Vida Cotidiana – Parnaíba (PI). 2. Atores sociais. 3. São José (Bairro) - Parnaíba (PI). I. Melo, Samuel Pires. II. Título.

CDD 301.981 22

Bibliotecária: Thais Vieira de Sousa Trindade -  
CRB3/1282

VIVIANNE DE OLIVEIRA COSTA

ENTRE CASAS E TUCUNS: UMA ANÁLISE SOBRE ATORES SOCIAIS E  
COTIDIANO NO BAIRRO SÃO JOSÉ EM PARNAÍBA - PI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí - UFPI como requisito para a obtenção do Título de Mestra em Sociologia.

Área de concentração: Estado, Territorialidades e processos sociais.

Orientador: Prof.º Dr.º Samuel Pires Melo.

TERESINA- PI  
2021

**ENTRE CASAS E TUCUNS: UMA ANÁLISE SOBRE ATORES SOCIAIS E  
COTIDIANO NO BAIRRO SÃO JOSÉ EM PARNAÍBA - PI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí - UFPI como requisito para a obtenção do Título de Mestra em Sociologia.

Orientador: Prof.º Dr.º Samuel Pires Melo

Defendida em: 26 de OUTUBRO de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Presidente: Prof.º Dr.º Samuel Pires Melo**  
**Universidade Federal do Delta do Parnaíba - PPGS**

---

**Interno: Prof.º Dr.º Eriosvaldo Lima Barbosa**  
**Universidade Federal do Piauí- PPGS**

---

**Externo: Prof.º Dr.º Danilo Alves Bezerra**  
**Universidade Estadual do Piauí - PROFHISTÓRIA**

---

**Suplente: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Francisca Verônica Cavalcante**  
**Universidade Federal do Piauí - PPGS**

*Este trabalho é dedicado a todos profissionais da educação, minha eterna gratidão!*

## AGRADECIMENTOS

Nesse momento de agradecer, o espaço é pequeno para caber minha gratidão a cada um que esteve presente comigo. Sou eternamente grata a todos que de alguma forma passaram pela minha vida em mais uma etapa. Primeiramente minha gratidão ao Deus criador e mantenedor do universo, por nos possibilitar a capacidade de enfrentarmos os desafios impostos no decorrer da nossa jornada. Ao meu companheiro, Alexandre, pelo apoio e incentivo, pela força, e por sempre me fazer acreditar que tudo pode dar certo, gratidão amor! A minha avó e mãe, Dindinha, por me fazer ser a mulher que sou hoje e pela inspiração. Ao meu avô (*in memoriam*) por sempre acreditar em mim. A todo corpo docente do PPGS /UFPI: as professoras Rossana Marinho, Dione Moraes, Francisca Verônica, Beatriz Seraine, aos professores Francisco Mesquita, Eriosvaldo Barbosa, Carlos Buenos Ayres, Francisco Barros Junior e ao Érico, nosso secretário. Muita gratidão ao meu orientador Samuel Pires Melo pela paciência, dedicação e por não deixar eu desistir. Agradeço imensamente aos moradores do bairro São José, que se dispuseram a participar desta pesquisa, em um período tão difícil para cada um de nós. Às minhas amigas: Maria, Hyorranne, Estela, e ao Otávio pela existência, confiança, parceria, carinho, e por sempre estarem presentes mesmo, as vezes, com minha ausência, amo vocês. À Vitória (Vi), minha prima/ irmã pela amizade e parceria. Ao Leo, por estar sempre disposto a ajeitar meu pc! (rsrsrsrsrsrs). Aos meus irmãos Zé Neto e Vinícius, pela existência em minha vida. Aos meus familiares. A minha mãe Socorro Oliveira e meu pai Reginaldo Costa por me proporcionarem a vida! A 8ª turma do PPGS pelos bons momentos e pelos vexames nas aulas: Carlito, Rayanne, Gabi, Lara, Verônica, Rafa, Lucas, Renzyo, Vanda, João Victor, João, Maria Clara, Oliver, Nicodemos, Ramon. A Eliane pela companhia e amizade. Ao NUPECIMP pelas trocas de conhecimento e reuniões prazerosas. A Lídia e ao Alair, por me receberem em Teresina e pela amizade. Ao Sebo K.A.P. e ao Jean. E finalmente a todos que se dedicam para a pesquisa, pela ciência, e pela educação, GRATIDÃO!

## O Bairro

O bairro dos alagados  
O bairro das prostitutas  
O bairro dos miseráveis  
O bairro das “puta”.  
O bairro dos perdidos e humilhados  
O bairro dos libertários  
O bairro do jornalismo  
O bairro dos pés-descalços.  
O bairro das grandes calçadas  
Sujas e escassas  
O bairro do Tamancão  
Das ruas de tradição.  
O bairro dos ordinários  
O bairro sem inventário.  
O bairro dos Bezerra, Silva e Cerqueira  
O bairro dos Oliveira.  
O bairro dos pescadores  
Marinheiros, bons senhores  
O bairro da mocidade  
Da velhice  
O bairro da humildade.  
O bairro da esperança  
Dos vareiros a meia noite  
O bairro da infância.  
O bairro do espetáculo  
Do cinema e do teatro.  
O bairro dos excluídos  
Os que sofrem pelo vício  
O bairro da ausência  
Solidão que envenena.  
O bairro do suicídio  
Morte súbita, sem suplício.  
O bairro dos atacados  
De bandidos comerciários.

O bairro da ilusão  
De grande emoção  
O bairro dos sem teto  
Sem comida e sem remédio.

O bairro do coração  
Do amor e do perdão.

O bairro do carpinteiro  
Que não quer pedir arrego.

O bairro da cidade  
Sem muro ou autoridade  
O bairro dos Tucuns  
De grandes fazendeiros  
Dos que morrem por dinheiro.

O bairro do Santo Zé  
Dos fanáticos e apáticos  
O bairro dos operários  
Ou apenas, o bairro São José.

*(Vivianne Oliveira)*

*Poema premiado com 3º lugar  
no concurso do Almanaque da  
Parnaíba - 2021*

## RESUMO

Sabendo que as relações sociais podem se desenvolver sob diferentes formas, principalmente com o advento da modernidade na sociedade contemporânea, é que, analisamos aqui o bairro São José, sob o viés da Sociologia Urbana. Bem como, uma das suas ruas onde se buscou compreender as noções de identidade, estigma social, relações de vizinhança, sentimento de pertença e ressentimento que perpassam o ambiente da cidade. A rua é aqui tomada como espaço de socialização dos atores sociais, que compartilham do ambiente do bairro em que os papéis são expostos conforme a reprodução de interesses e escolhas (VELHO, 2004), entre outros atributos que fornecem elementos para a memória e história da cidade de Parnaíba -PI. As Ciências Sociais se expandiram desde seus pesquisadores e teóricos clássicos até os contemporâneos e as pesquisas acerca do entendimento da vida nas cidades proporciona a compreensão das diversas formas de viver e conviver nas sociedades urbanas, onde o indivíduo passa a ser objeto de investigação. É pensando nesse sujeito, que a cidade de Parnaíba se torna um cenário prolífero para as investigações acerca dos processos sociais, políticos, morais, culturais, históricos, econômicos e subjetivos onde podemos compreender a representação da vida cotidiana. E nesse sentido o ambiente do bairro é estudado como locus das manifestações e representações das relações sociais, a partir dos atores que compartilham sentimentos, emoções, laços de solidariedades, bem como ações e conflitos entre grupos e indivíduos interdependentes (SIMMEL, 2006). Dessa forma, este trabalho busca compreender o bairro Tucuns, sob a ótica do seu cotidiano e análise dos atores sociais que fazem desse ambiente um espaço de relações sociais que se estruturam através das narrativas da vida cotidiana dos seus moradores.

Palavras chave: Vida Cotidiana; Cidade; Parnaíba; São José; Atores sociais; Bairro

## RESUMÉN

Considerando que, las relaciones sociales se pueden desarrollar de diferentes formas, sobre todo con la aparición de la modernidad en la sociedad contemporánea, es que, analizamos desde la sociología urbana el barrio de San José. Así como una de sus calles, donde se busca comprender las nociones de identidad, estigma social, relaciones de vecindario, sentimientos de pertenencia y resentimientos que atraviesan el ambiente de la ciudad. La calle es aquí tomada como espacio de socialización de los actores sociales, que comparten el ambiente del barrio en el que los roles son expuestos conforme la reproducción de intereses y elecciones (VELHO, 2004), entre otros atributos que proporcionan elementos para la memoria e historia de la ciudad de Parnaíba - PI. Las ciencias sociales se expandieron desde sus investigadores y teóricos clásicos hasta los contemporáneos, y las investigaciones acerca del entendimiento de la vida en las ciudades proporciona una comprensión de las diversas formas de vivir y convivir en las sociedades urbanas, donde el individuo pasa a ser un objeto de investigación. Es para las investigaciones acerca de los procesos sociales, políticos, morales, culturales, históricos, económicos y subjetivos donde podemos comprender la representación de la vida cotidiana. Y en ese sentido, el ambiente del barrio es estudiado como locus de las manifestaciones y representaciones de las relaciones sociales a partir de los actores que comparten sentimientos, emociones, lazos de solidaridad, así como acciones y conflictos entre grupos e individuos interdependientes (SIMMEL, 2006). De esta forma, este trabajo busca comprender el barrio de Tucuns, sobre la mirada de su cotidiano y el análisis de los actores sociales que hacen de ese ambiente un espacio de relaciones sociales que se estructuran a través de las narrativas de la vida cotidiana de sus moradores.

Palabras clave: Vida Cotidiana; Ciudad; Modernidad; Barrio; Actores Sociales.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Rua Coronel Gervásio (CGS).....	30
Figura 2 Mapa da rua coronel gervásio(Feições empíricas da pesquisa) .....	30
Figura 3 Jornal Inovação Ano VIII n° 52 março - maio 1985.....	38
Figura 4 Mapa de localização das Feições empíricas da pesquisa.....	Error! Indicador Não Definido .
Figura 5 Gráfico da porcentagem da população do bairro São José por idade .....	41
Figura 6 Mapa de 1928 do traçado da cidade de Parnaíba, seta indicando o bairro Tucuns.....	43
Figura 7 Imagem de São José Operário circulando pelo bairro no Festejo (março 2020).....	45
Figura 8 - Posição geográfica de Parnaíba no mapa do Piauí.....	49
Figura 9 Feições rurais e urbanas de Parnaíba.....	50
Figura 10 Imagem da construção de Parnahyba.....	53
Figura 11- Vala da 40 anos 2000 em período chuvoso (mercado Central /Mercado da 40) .....	55
Figura 12- Tabela indicativo do crescimento populacional de Parnaíba – PI.....	57

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO I: (COM) PARTILHANDO EXPERIÊNCIAS - VER, OUVIR, INTERAGIR E VIVENCIAR OU A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA SOCIAL EM CONTEXTO CRÍTICO.....</b>	<b>14</b>
1.1 Olhando de perto e sendo estrangeira no próprio lugar – considerações sobre o método.....	14
1.2 Notas antropológicas sobre o campo – a pesquisa social em contexto crítico.....	23
1.3 Da rua à casa, da casa à rua – caracterização dos Sujeitos da Pesquisa.....	27
<b>CAPÍTULO II: O TUCUNS E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS DO MUNDO SOCIAL.....</b>	<b>34</b>
2.1 O cotidiano ou como as relações sociais se mantém.....	34
2.2 Entre o Santo e a Planta - construindo uma história do bairro.....	37
2.3 “ <i>Aqui é minha vida</i> ” – envelhecimento e pertencimento no bairro São José.....	45
<b>CAPÍTULO III: A CIDADE: PARNAHYBA E A MODERNIDADE - UMA PROMESSA SEDUTORA.....</b>	<b>48</b>
3.1 A cidade e a promessa industrial.....	48
3.2 “ <i>Progredir sempre é o nosso lema</i> ” - urbanizar para quem?.....	54
3.3 A cidade vista sob a ótica dos que vivem – o ressentimento como forma de memória.....	62
<b>CAPÍTULO IV: A TRANS (FORMAÇÃO) DA SOCIABILIDADE E O CÓDIGO DE CONDUTAS EM UMA RUA .....</b>	<b>67</b>
4.1 Pelas nuances da rua - a rua Coronel Gervásio como espaço de Sociabilidades.....	67
4.2 Sobre a interrupção do cotidiano na rua CGS.....	73
4.3 Entre o que foi e o que é – memória dos antigos moradores da Rua Coronel Gervásio.....	74
4.4- Relato de uma moradora/pesquisadora.....	78
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>81</b>

## INTRODUÇÃO

*Os principais fatores ambientais que caracterizam a cidade são: tempo, cheiro, ritmo e espaço. O tempo da cidade tem uma cadência especial. É afetado pela breve duração dos eventos. O cheiro é uma cacofonia de emissões de um sem-número de empreendimentos. O ritmo é um elemento da velocidade que deita como os habitantes. Tem de negociar o movimento. E o espaço é a limitada área habitável deixada pelos obstáculos no labirinto do concreto. (EISNER, p. 240, 2009)*

A proposta em trabalhar este tema, “Entre casas e Tucuns: uma análise sobre atores sociais e cotidiano em um bairro de Parnaíba - PI” vem sendo edificada desde a graduação no curso de Ciências Sociais, na Universidade Estadual do Piauí- UESPI/Parnaíba, na qual pude juntamente com meu orientador, elaborar uma pesquisa sobre as práticas de sociabilidade, e o cotidiano no bairro São José.

A questão urbana nas Ciências Humanas e Sociais é muito atrativo para mim. Pois, posso perceber minha condição de moradora, de andarilha da cidade, de pessoa comum ou vizinha, condições estas que por ventura traziam alguns questionamentos, como: a de compreender a complexidade do espaço em que habito, ou tentar entender porque determinados pontos são turísticos e outros não, por que os bairros são diferentes tanto em estrutura física como social, por que nos sentimos pertencentes a uma cidade, mesmo longe dela, esses questionamentos e outros que iam aparecendo no decorrer deste trabalho me instigavam a querer entender um pouco mais sobre um dos maiores produtos da ação humana: a cidade.

Portanto, ao escolher a cidade, como um dos objetos de estudo, não estou apenas escolhendo um espaço urbano qualquer, mas um ambiente em que se manifesta as mais diversas formas de viver, onde meu semelhante/dessemelhante vive, onde as trajetórias de vida perpassam. Portanto o interesse desta pesquisa vincula-se partir da experiência, ou como diria Gadamer (1997) “*o modo como vivenciamos uns aos outros, como vivenciamos as tradições históricas, as ocorrências naturais de nossa existência do nosso mundo*” (p. 35). É a partir dessa forma de vivenciar nossas experiências neste mundo, que entendemos a cidade: além do seu espaço urbano construído.

O ambiente citadino é composto de diversos mosaicos historiográficos, culturais, sociais, subjetivos, que tracejam a vida cotidiana, dos “fazedores da cidade” (FORTUNA, 2019) as células que torna este ambiente uma gigante unidade estrutural. Mas afinal o que é cidade? Nos termos mais comuns da palavra, podemos defini-la como um aglomerado de pessoas, dentro de uma área previamente definida (BOUDON, 1990), no entanto, apenas esse conceito não dá conta de responder às complexidades desta categoria sociológica, mas

também histórica, social, subjetiva, econômica, geográfica, filosófica, dentre outros conhecimentos que podem defini-la. Weber (1982) por exemplo, que ao desenvolver sua “Tipologia das cidades”, vincula a noção de cidade, relação de localidade, ou seja, um aglomerado de construções com casas uma ao lado da outra, e suas características principais são: tamanho, oferta de bens e serviços, centros que criam suas leis, política, sistema de impostos, mas para ele, essa categoria analítica estaria sujeita apenas as cidades ocidentais.

Diferente de Weber, Benjamin (1985) em sua condição de “viajante da modernidade” (FREITAG, 2006, p.33) assume seu papel de andarilho da cidade com a categoria de *flâneur*, em busca de captar como a cidade se mostra, e mergulha pelas ruas de Paris do século XIX, fotografando seus aspectos mais ínfimos, praças, cafés, *boulevards*, metrô, galerias de arte, e tudo o que compõe o cenário urbano, para ele, só poderíamos realmente compreender o que é a cidade, quando nos colocamos a disposição dela e para ela, olhando, entrando, conhecendo, sentindo seu cheiro.

Este cenário, tem se tornado tema bastante difundido nas Ciências Sociais, haja vista, as diversas modificações que o espaço tem experimentado diante das mudanças sociais estruturais e culturais. O espaço da cidade compreende o passado e presente, caminhando lado a lado, gerações que se articulam a formar um conjunto humano de significados simbólicos, em que diferentes classes constroem o sentido de existir, onde os bairros reproduzem a heterogeneidade dos grupos sociais é o espaço fragmentado que articula os reflexos do condicionamento social com símbolos que em conjunto descrevem a cidade, como um *campo de lutas* (CORRÊA, 1995).

Neste campo de lutas, na condição de *flâneur*, busquei enxergar a cidade de Parnaíba - PI, enquanto produto da civilização. Podemos então dividir a cidade desta forma: de um lado, a arquitetura física, o espaço simbolicamente construído através das suas casas, ruas, praças, avenidas, prédios, mas também, podemos olhar para aquele cenário em que se desenrolam as ações humanas, desde as paixões aos medos, ou nas simples confluências de relações corriqueiras e banais, este último é o que nos interessa aqui. A cidade existe, no intuito de manter viva as interações dos seus fazedores. Desta forma, este trabalho busca entender Parnaíba como um “*palco*”, ou, segundo a categoria analítica goffmaniana, o espaço onde transcorre o enredo da vida cotidiana.

Como lembra Calvino (1990) “*a cidade permanece na memória ponto a ponto, na sucessão de ruas e casas ao longo das ruas e das portas e janelas das casas*” (p.20), é através dessa sucessão e permanência que tratamos dos sujeitos (atores sociais) que compõe este

espaço e a forma em que o tempo, o cheiro, o ritmo, como diz Eisner (2009) vai contornando o viver de cada morador, na arquitetura, nas subjetividades, na vida cotidiana.

Vale ressaltar que, a cidade na tessitura dos estudos urbanos brasileiros manteve uma tradição sociológica e antropológica nos estudos sobre classe social, desigualdade, violência, movimentos sociais, favelização, pobreza, bem como as promessas de uma modernidade tardia. Com o aumento populacional, a correria das grandes metrópoles, arquitetos e urbanistas, buscaram discutir a cidade encontrando no modelo de análise da Escola de Chicago as bases metodológicas para a compreensão desta categoria (VELHO, 1973).

A cidade está para além dos teóricos que buscam seu significado, ela está nas fotografias, nos mapas, na televisão, em nossos *smartphones*, da janela que olhamos a rua, nos jornais e revistas, livros e sobretudo, ela também está na segregação, na desigualdade, na riqueza e na pobreza, nas classes sociais, na fome, no acúmulo de riqueza, nós a vemos de acordo com o lugar em que habitamos, a forma como nos movemos nela e para ela, portanto, o intuito deste trabalho é tentar pensar o lado subjetivo que a cidade nos permite enxergar. É possível olhar para a cidade a partir das emoções? Conseguimos ler a cidade de acordo com seus moradores? Podemos estudar a cidade a partir de um bairro?

Sabemos que a cidade enquanto produto humano pode ser caracterizado dentre tantos aspectos citados acima, pelo grau de integração e interação entre os indivíduos. Concordando com Elias (1994), falamos aqui em uma sociedade de indivíduos, que agregam relações de experiências, conflitos, amor, paixão, sociabilidade, interesses, vergonha, medo, entre tantos aspectos que permeiam as relações humanas, tendo em vista, que cada indivíduo na sociedade é diferente de todos os outros. Logo, a sociedade existe porque existe uma relação entre os indivíduos que a compõe nas palavras de Elias “*a sociedade somos todos nós, uma porção de pessoas juntas*” (1994, p.13). É sobre essa porção de pessoas que nos interessa aqui, os indivíduos (atores sociais) que compõe a sociedade, os moradores da cidade que inventam suas vidas, tramas, interesses e criam suas histórias de vida neste cenário.

Para isso, o **objeto de análise desta pesquisa**, é um bairro. É através do bairro, que buscamos entender como o cenário da cidade se delineia, a partir da lógica cultural de nossos hábitos, e das práticas sociais dos moradores de uma rua. É no bairro que podemos observar a cidade e suas nuances, a partir da observação do cotidiano, das suas minuciosidades, o imaginário, o jogo comunicacional, as trocas simbólicas, a ordem/ desordem social, a convivência entre gerações, o habitar.

Entendemos como bairro uma parcela do ambiente urbano (CERTEAU, 1994) que pode ser caracterizado como um espaço privado em que há uso de relações cotidianas graças a

proximidade, a repetição. Um *dispositivo prático*, cuja função é estabelecer continuidade entre o espaço público (o resto do mundo) e privado (a intimidade da residência) (CERTEAU, 1994, p. 42). Este pedaço da cidade, tem diversos significados, seja bairro urbano ou bairro rural, será visto como espaço onde os indivíduos habitam.

Nessas características, podemos perguntar quem produz o bairro? O ambiente citadino do bairro, é produzido através dos *atores sociais* que compartilham esse espaço o tornando funcional (ou não), são eles que irão reivindicar, como mostra Henry Lefebvre (2004), o direito de estar e permanecer na cidade, pois além de tudo, ela é também um produto social resultante das ações que se acumulam através do tempo, construídas pelos agentes que *produzem e consomem* (CORRÊA, 1995, p. 11) o espaço. São eles, o Estado, os donos dos meios de produção, os que trabalham com imóveis, os grandes reprodutores do espaço. Como lugares em que se fundam as redes de compartilhamento individual e coletivo, (vizinhança) o bairro é visto como “*espaço de emergência do indivíduo como uma unidade do pensamento e da ação*” (PARK, 1916, p.26). É na vizinhança que encontramos as formas mais simples de sociabilidade. Park, como um bom pensador da Escola de Chicago, pensa a problemática do fenômeno urbano a partir da lente que dicotomiza a sociedade tradicional da urbana, sendo a tradicional, de acordo com autor, a rural.

Nesse cenário, os estudos sobre os bairros também proporcionam reflexões, sobre os laços e vínculos sociais que se estabelecem enquanto formas de *socialização e sociabilidade*. Consequência, sobretudo, das novas formas estruturais entre centro e periferia das cidades (MARTINS, 2008; FRÚGOLI, 2007; SANTOS, 2008) atravessada pelo antagonismo, entre as condições sociais, culturais e econômicas que conduziria a passagem do rural ao urbano, de modo a estruturar uma teia de tempos e espaços significativamente desencontrados. Tais desencontros podem ser entendidos como a ideia na qual falamos anteriormente, entre rural e urbano, que desencadeou noções vinculadas a perspectiva de uma ruralidade tradicional em decadência, a uma possível modernidade urbana em progresso.

Assim, os moradores envolvidos pela tal modernidade ou “onda dos bons tempos”, puderam experimentar este cenário, tendo como bússola a moderna cidade parisiense, onde seus atores sociais desfrutariam de um ambiente citadino dito belo, atual, próspero, erudito, civilizado (BENJAMIN, 1985) com seus espaços planejados, o seu crescimento econômico movido pela industrialização e navegação marítima. No caso de Parnaíba, não foi muito diferente, adentro, ao rio Igarauçu, a cidade vai sendo contemplada pela ótica de um suposto progresso que se mostrava inocente à pobreza e àquela miséria que se esconderia as margens de seus rios, é lá que nasce o bairro Tucuns/São José. Localizado beirando ao rio Igarauçu o

bairro vai surgindo aos poucos com pequenas casas de barro batido. Ficou conhecido como bairro boêmio da cidade por abrigar casas noturnas, bares, botecos onde marinheiros que iam e vinham nas embarcações, fazia suas paradas no para se divertir e beber como forma de entretenimento. Primeiramente o bairro surge com o nome de Tucuns, devido a grande quantidade desta planta na região, depois, veio a ficar conhecido como bairro São José, santo padroeiro dos trabalhadores. Meu interesse em pesquisar o bairro, se dá através da minha condição como moradora, e das minhas inquietações como tais. Pois como poderia um bairro tido como tradicional da cidade, que ainda buscou ter um planejamento, abrigando um amplo cenário no que diz respeito ao patrimônio industrial e histórico da cidade, bem como uma ampla rede educacional, ser hoje apenas resquícios de memória em seus moradores? O que torna o bairro dentro da categoria tradicional? Por que seus moradores, mesmo com ressentimento do bairro não ter “ido pra frente”, nutrem um sentimento de pertencimento? Não sei se dou conta de responder todas as minhas inquietações, mas busco tentar compreende-las e estuda-las de acordo com o que a pesquisa me permitiu nesse período de tempo.

Podemos então entender a cidade dividida em duas: a cidade transformada pelas políticas públicas sanitárias, tentando se estabelecer dentro de uma nova lógica urbana, e a cidade fora da cidade, ou do que convencionou-se chamar “cidade oficial”, aquela fora das estruturas formais do planejamento cartográfico que, como nos diz Agier (2008) são espaços que se constituem como “negação da cidade”, este espaço, acabou se tornando o bairro São José, um pedaço da cidade, negado.

O projeto arquitetônico das cidades contemporâneas vai culminar na reestruturação e amplificação dos espaços de sociabilidades (praças, casas, parques, avenidas, ruas) que não apenas permitem o fluxo de automóveis e transeuntes, como também, oferta uma vasta cadeia econômica de entretenimento, consumo e lazer, como os *Shopping centers* por exemplo. Mas qual o preço desse projeto urbano, para a sociedade? Não é por acaso que o recorte aqui feito é o da Parnaíba -PI atravessando os alhures do que se convencionou chamar de modernidade, entre os séculos XIX e início do século XX, pois a partir desse período seus habitantes puderam experimentar uma nova etapa do desenvolvimento urbano da cidade.

A categoria modernidade é trazida aqui para compreendermos o conjunto das ações urbanísticas na cidade que desenha um padrão seguido por diversas cidades no mundo. Tal categoria, abrange uma centena de teorias na História, Literatura, Sociologia, dentre tantas outras disciplinas que buscam analisar este complexo conceito. Busco aqui, de forma acanhada, trabalhar com este conceito dentro do que a cidade me mostrou, e aposto na

categoria modernidades com S no final, tentando sair da caixinha dos relatos dentro do parêntese: progresso, felicidade e salvação (MIGNOLO, 2017).

Ao estudarmos a sua historiografia da cidade percebemos que Parnaíba está intrinsicamente ligada a própria formação do Bairro São José, escolhido aqui não de modo aleatório, mas sim, por perceber que além de ser um dos bairros que compõe a malha da cidade tida pelos moradores como “tradicional”, mas também, pelo próprio bairro possuir elementos históricos e subjetivos que auxiliam na formação e construção identitária do morador de Parnaíba.

Assim observamos, de acordo com pesquisa bibliográfica de vários textos trabalhados por historiadores, poetas, jornalistas, bem como as publicações nos almanaques da cidade, para compreendermos a importância que esse período teve com as inúmeras representações expressas nos seus códigos sociais, aferindo sentido as práticas sociais coletivas, como a mudança da paisagem urbana, e a forma em que estes contribuíram para a edificação do imaginário social de Parnaíba. Logo nos anos 30, a cidade já mantinha um forte poderio comercial, (LIMA, 2013) uma situação privilegiada, em termos de desenvolvimento urbanístico. Ainda de acordo com esse autor eram nas páginas do *Almanaque* que a cidade demonstrava seu privilegiado lugar do desenvolvimento econômico e social, com uma ampla estrutura de serviços públicos federais como alfandega, capitania dos portos, correios, telegrafo, estrada de ferro, dentre outros (Almanaque de Parnaíba, 1932, apud LIMA, 2013, p. 23).

Dessa forma é importante que percebamos as formas nas quais essa rede significativa de serviços resinificariam os usos do espaço da cidade, assim como modificaria o cotidiano dos moradores que nesse período já passava de 40. 000 habitantes (LIMA, 2013). Nesse sentido Park nos diz que “*A cidade assim como a choupana tem suas raízes no solo*” (PARK, 1916 p. 26) nos propondo que voltemos nosso olhar para os estudos da cidade como uma “ecologia”, pois de acordo com esse autor a cidade é o *habitat* natural do que seria o homem “civilizado”, mas acima de tudo a cidade está enraizada nos hábitos e nos costumes das pessoas que a habitam. Portanto, é partindo desse pressuposto, que tomamos a cidade de Parnaíba como palco dessas consequências, a saber, sua organização moral e física, interagindo em sintonia moldando e modificando toda uma cultura urbana. Ora a cidade construída fisicamente, ora a cidade dos tipos sociais, construída não somente para atender as necessidades mais básicas, mas espontaneamente as redes de interação e relação social as teias sentimentais e emocionais.

Acreditamos que estudar as redes de compartilhamento dos atores sociais e seu cotidiano bem como os vínculos sociais que se estabelecem em um bairro, pode contribuir expressivamente para o aprofundamento das pesquisas em desenvolvimento sobre a realidade urbana da cidade e do Estado do Piauí, da região Nordeste e, do Brasil. O pano de fundo é buscar compreender as dinâmicas das relações sociais cotidianas, e vínculos sociais entre moradores, para que possam nos dar um panorama de como os processos da ideia de *cidade moderna*, tão presente no cotidiano do senso comum parnaibano, em que se encontra ou desencontra sob aquelas estruturas sociais consideradas tradicionais, ruralizadas e relacionais.

Buscamos fazer essas aferições a partir de um bairro tido pelos seus moradores, como tradicional da cidade, o bairro São José ou Tucuns como preferem alguns moradores, que foi fundamental para a compreensão de como as relações sociais se mantem nesse ambiente, uma vez que, também nos ajuda a relacionar sem, contudo, deixarmos de olhar para o cenário mais amplo que é a cidade de Parnaíba. A saber, a importância que a pesquisa em bairro tem para a cidade, pois fortalece a história da cidade, bem como ajuda-nos a compreender as dinâmicas sociais nesse cenário, com uma população consideravelmente grande.

O bairro Tucuns consente a compreensão das redes de compartilhamento e reciprocidade mútua entre moradores que, aparentemente, ainda mantém laços estreitos de sociabilidade e vínculos sociais pautados sobre os efeitos dos códigos de personalidade e familiaridade, no qual é possível perceber um sentimento de pertencimento em relação ao local que se mora e convive com os outros, dito com outras palavras, parece existir, neste bairro, certo apego emocional dos moradores em relação a ele e a cidade, derivados do tempo de moradia que converge com o espaço social e que, segundo Elias e Scotson (2000, p. 09) “contribui para consolidação dos laços de interdependência que unem, separam e hierarquizam indivíduos e grupos sociais”. Trata-se, como sugere Elias e Scotson (2000), apreender os processos de figurações sociais das redes de compartilhamento que podem agregar valores e sentimentos comuns nas relações sejam dos *estabelecidos* (moradores mais antigos do bairro) ou *outsiders* (aqueles que também moram no bairro, porém em região consideradas periféricas e habitam há menos tempo o bairro).

À medida que tentava identificar os laços de vizinhança, de sociabilidade entre os moradores, também percebia as minhas formas de conviver no bairro, que iam se revelando no decorrer de todo o trabalho. As modificações espaciais no bairro, no decorrer das últimas décadas, também determinam o seu cotidiano, em meio a pluralidade de formas de sociabilidades que se encontravam convergentes as suas ruas, características sob diferentes

aspectos sociais, estilísticos, culturais e simbólicos, logo foi no plano de compreender certo padrões rotineiros do cotidiano de alguns moradores, como, por exemplo: ao de sair e de entrar no bairro; de como estes atores acessam os códigos de conduta do vizinho; dos seus trajetos percorridos; formas de lazer e convivência diária, entre outros signos habituais do dia a dia, que pude perceber também a formação de uma sociabilidade, aqui entendida enquanto práticas de sociação que geram interações movidas por semelhança e interdependência entre indivíduo e sociedade (SIMMEL, 2006, p. 60).

Para tanto, o estudo das práticas cotidianas, que foi possível, com o estudo de caso aqui realizado, tendo como aparato metodológico o estudo de campo, percebi, que mesmo sendo moradora do bairro, senti vários estranhamentos no decorrer do trabalho. Estranhamentos esses que me fizeram perceber que o fato de o objeto de estudo ser familiar, não necessariamente quer dizer que eu pudesse saber das estratégias para entrar em campo, ou que pudesse saber por onde ir, pelo contrário, por diversas vezes sentia-me estranha, e essa estranheza foi diminuindo com o tempo, o período que se estendeu entre final de 2019 a início de 2020, que marca o final do período de disciplinas no mestrado, ao início da Pandemia do Covid 19, foi bastante significativa para a pesquisa, pois foi o período que mais estava presente no bairro, mesmo cumprindo as regras de isolamento social e distanciamento, ainda assim, compartilhava o silêncio do bairro e das ruas, que muito diziam sobre o cotidiano deste bairro.

Compreendemos por cotidiano a repetição. Dentro desse sentido, Heller (2008) apresenta o cotidiano como a vida de todos os homens. Essa vida é regida por algumas regras, ou meros contratos, que nós fazemos sem que percebamos que assinamos. Dessa forma, o cotidiano existe como um amontoado de práticas é o ordinário, o banal, é o lugar das formas de viver (NÓBREGA, 2017) e nessas formas de viver é que está à sociedade e as suas práticas, por onde se revelam sob a observação espontânea do corriqueiro. Sucessão de acontecimentos, movimento, rotina, tudo isso, caracteriza o cotidiano. A vida cotidiana por sua vez, é a organização do cotidiano dentro das esferas da vida. Ou seja, como diz Heller (2008), é o trabalho, a hora do lazer, do descanso, do sair e entrar do emprego, do acordar, em que já nascemos inseridos, pois ainda para Heller “O homem já nasce inserido em sua cotidianidade” (2008, p.33).

Este trabalho se divide em quatro capítulos, onde, no primeiro capítulo busco trazer a pesquisa sob um panorama geral, sua construção metodológica e teórica, as bases epistemológicas e algumas considerações sobre a organização do campo e como se deu o trabalho dentro de um contexto extraordinário que vivenciamos entre 2020 a 2021.

Sobretudo no segundo capítulo, pretendo trazer os aspectos que tangenciam o bairro Tucuns, juntamente com sua construção historiográfica, social e cultural, buscando demonstrar como os atores sociais se situam dentro do cotidiano do bairro, quais as consequências do processo de modernização ocorrida na cidade para o bairro, bem como juntamente com os interlocutores, trazer uma análise acerca do sentimento de pertencimento, e como ele vai se forjando nos moradores da Rua Coronel Gervásio (RCG), escolhida para a construção deste estudo, bem como uma análise acerca do envelhecimento, tida aqui como uma característica limiar para a compreensão dos atores sociais, que permeiam a o dia a dia do bairro bem como da pujante modernidade em construção, entre o que foi e o que é.

No terceiro capítulo pretendo tratar sobre os aspectos historiográficos da cidade de Parnaíba – PI que teve como marco a expansão do comércio de exportação de matérias prima, da navegação e do aceleração da economia extrativista, bem como a mudança do estilo de vida dos moradores do bairro São José que teve como suporte o controle social através da manutenção de poder imposta pelos manuais de posturas como forma de reorganização da vida cotidiana, buscando a racionalização dos usos do espaço, para que possamos compreender como essas mudanças tem relação com os moradores e as suas subjetividades, o sentimento de ressentimento que existe para com a cidade.

Já no quarto capítulo trago uma discussão acerca da rua Coronel Gervásio como espaço de sociabilidades, o que ela representa para os seus moradores, de acordo com os autores da teoria social urbana, do cotidiano bem como a abordagem antropológica e sociológica das emoções, para a compreensão da rua como espaço lúdico, vivo de memória, onde as relações sociais se desenrolam.

## CAPÍTULO I

### (COM) PARTILHANDO EXPERIÊNCIAS: VER, OUVIR, INTERAGIR E VIVENCIAR OU A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA SOCIAL EM CONTEXTO CRÍTICO.

#### 1.1 Olhando de perto e sendo estrangeira no próprio lugar – consideração sobre o método

Neste capítulo busco discutir sobre as etapas da pesquisa e sua metodologia, por meio de um diálogo entre teoria e prática de pesquisa nas Ciências Sociais. Será também discutido aqui, além dos métodos, a sua aplicabilidade no decorrer da pesquisa, a busca pelo entendimento das Ciências Humanas, bem como as dificuldades que encontrei, dentro do que se instituiu chamar de “o novo normal”.

Durkheim, propõe para o estudo da sociedade uma série de métodos e técnicas específicos que partem de uma concepção maior do fenômeno para uma concepção menor. Um dos pontos altos de suas discussões, como também de sua forma de fazer sociologia, é que a Ciência Social se basearia em uma ciência do Fato social, que é toda maneira de fazer possuidora de um poder de *coerção* sobre os indivíduos e independe de manifestações individuais, uma vez que, o fenômeno social se caracteriza por ser *coletivo*. Logo os fatos sociais não devem ser explicados unicamente pelo prisma da “utilidade”, mas também, pela sua “causalidade”(DURKHEIM, 1984), pois a causa aponta a generalidade dos fatos sociais nas formas coletivas.

O autor, aflito em tentar demonstrar que existe uma sociologia objetiva, ao basear-se conforme o modelo trazido pelas demais ciências, demonstraria que as Ciências Humanas, assim como as Ciências Naturais poderiam também progredir como Ciência alcançando *objetividade*. Nesse contexto a filosofia da ciência, que se desenvolve no século XX, trata de discutir essas questões com mais profundidade (ZILLES, 2005), afinal, interessa saber quais valores científicos tem os resultados das pesquisas para a sociedade, ou tão somente, para a realidade em função dela. A questão é: o que em nossas refutações tem validade? O que comprova nossa *autoridade* enquanto observadores da sociedade seja antropólogo, historiador, sociólogo, cientista político ou psicólogo?

As Ciências Sociais, preocupada em estabelecer um caminho para compreensão dos fenômenos complexos da vida social vai construindo um conjunto de metodologias que nos auxiliam na construção da pesquisa social. A teoria, para que possamos entender a realidade como nos é mostrada e como expressão do conhecimento em forma de linguagem

(GUIDDENS E TURNER, 1999) e as técnicas de pesquisa, como vamos chegar até ela. Para os que argumentaram que as Ciências Humanas deveriam seguir o modelo que se serviam as Ciências Naturais, o conceito de (*Verstehen*) vem incorporar uma tradição metodológica diferente. O conhecimento nas Ciências Sociais pode então transformar o seu objeto, que de acordo com Weber (1979), utilizamos dele para modificar o comportamento humano.

Para ser fiel ao seu destino, à ciência social precisa encontrar *sentido*, que os indivíduos atribuem a suas *ações*. Ou seja, a verdadeira ciência social deve partilhar o caminho da explicação com as outras ciências, mas deve também se aventurar num percurso solitário em busca da Compreensão (*Verstehen*). (p.74)

De fato, a busca pela compreensão a determinados fatos da sociedade, é um caminho solitário e muitas vezes sem resposta a alguns dos questionamentos que encontramos. Por *compreensão*, Weber (1979) entende que, são regularidades psíquicas tão comprovadas quanto às da natureza física, relacionam-se na forma que o homem apreende o comportamento e como este é interpretado *racionalmente*, se apresenta no que diz respeito, à análise sociológica das conexões compreensíveis, como o "*tipo ideal*" mais apropriado.

Tanto a Sociologia como a História fazem interpretações, sobretudo de caráter pragmático a partir das conexões racionalmente compreensíveis de uma *ação*. (WEBER, 2010, p. 315) Podemos perceber que Weber buscou compreender de que forma a sociologia poderia ser reivindicada como ciência, que de acordo com ele, se ocuparia em ser a ciência da ação social. Essa ciência teria, portanto, a função de investigar a ação social de acordo com sua generalidade, nas fases do processo histórico da sociedade. Para isso, a ação social desempenhada pelos indivíduos tem algumas características como: motivação, valores e sentido. Weber (2010) conceitua cada elemento em sua obra e, nos faz compreender que as “ciências do espírito” são antes de tudo, “ciências da ação”. Se Durkheim (1984) estava tentando consolidar na França uma Ciência dos Fatos Sociais, Weber estava tentando consolidar uma Ciência da Ação Social, na qual a sociedade seria uma soma construída de múltiplas *interações sociais*.

Weber (1982) reconhecendo que o caráter de fenômeno “socioeconômico” de um sociedade não é algo que lhe seja “*objetivamente*” inerente, posto que estaria condicionado pela orientação do nosso interesse de conhecimento, define que, esta orientação se daria conforme o *significado cultural* atribuído ao fenômeno em estudado, e explica que o problema da Ciência Social seria, portanto algo que tenha um *significado* próprio de *fenômeno cultural*, reforçando a diferenciação entre as Ciências Humanas e as exatas. Diferente de Durkheim (1984) em sua proposta, haveria uma delimitação do campo do que

viria a ser a Sociologia, dando ênfase à ideia de significado cultural como campo dentro do qual as ciências humanas deveriam concentrar seus esforços. Assim influenciado por Dilthey (1986), Weber acreditava que as Ciências Humanas (*Ciências do Espírito*) não se servem de explicação, mas sim de *compreensão*. Este é um dos traços que fundamentam a hermenêutica weberiana, postulando que a tarefa das Ciências Humanas seria a construção de um sistema inteiramente voltado para a vida.

A delimitação do campo do que viria a ser a Sociologia sob a perspectiva weberiana, enfatiza à ideia de significado cultural, da qual corroboramos aqui, como campo no qual as ciências humanas deveriam concentrar seus esforços. Ele reforça a separação entre o paradigma cartesiano de objetividade, ou seja, conexões objetivas entre coisas independentes do contexto social entre elas, passando a conceber os fenômenos sociais como integrantes de conexões conceituais entre problemas no qual observamos o fenômeno, conceituando-o, observando outro fenômeno, novamente conceituando-o, para então buscar conexões, ou o *princípio da causalidade*, destacando que:

O domínio do trabalho científico não tem por base as conexões “objetivas” entre as “coisas”, mas as conexões *conceituais* entre os *problemas*. Só quando se estuda um novo problema com o auxílio de um método novo e se descobrem verdades que abrem novas e importantes perspectivas é que nasce uma nova “ciência” (WEBER, 1982, p. 83-84).

Portanto, os fenômenos observados neste trabalho não poderiam ser considerados despidos das perspectivas subjetivas da pesquisadora, estas verificadas por meio das significações por mim dadas. Portanto, o trabalho científico aqui estudado, demanda também, de inquietações minhas e se apresentam como ressalva o controle de manifestações de ordem individual. Nessa perspectiva, Weber (1982) expõe que:

Não existe *qualquer* análise científica puramente “objetiva” da vida cultural, ou (...) dos “fenômenos sociais”, que seja independentemente de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente selecionadas, analisadas e organizadas na exposição enquanto objeto de pesquisa. (p. 87)

Diante do exposto, dentre as várias tradições sociológicas, concordamos que a objetividade dos fenômenos sociais é passível de manifestações pessoais, a começar da escolha do objeto de pesquisa, o que não quer dizer que as observações não sejam válidas por conter também das subjetividades da pesquisadora. Pois como bem frisa, Velho (1980) ao estranharmos o familiar, colocamos em xeque nossa experiência de estranhamento quanto ao outro e a nós mesmos, dentro do que se assemelha ou não ao estudarmos nossa própria

sociedade, buscamos fazer como bem coloca Gueertz (1978) uma *interpretação de interpretações*.

Assim, dentre tantas possibilidades de objetos de pesquisa nas Ciências Sociais, escolhi o que foi para mim, um desafio: *estudar o familiar*, como dito anteriormente, o desafio antropológico proposto por Velho (2003), no qual a Antropologia e Sociologia urbana se debruçam para a pesquisa social, foi teorema metodológico para o cumprimento deste trabalho. Nesse sentido, os pesquisadores passam a debruçar-se sobre temas próximos, “conhecidos” usando da sua própria rede de relações para suas investigações. O autor buscou fazer isso, em *Utopia Urbana* (1982) onde demonstra que o universo da classe média de um determinado local de Copacabana, que também era seu local de moradia, se fixaria através de estereótipos analisados por proposições pessoais e impessoais fazendo com que o autor estranhasse o que lhe parecia, de primeira vista, familiar.

Nessa tentativa de Velho (1982), busquei dar continuidade a pesquisa monográfica de graduação, em que na ocasião o objetivo era o de compreender as formas de sociabilidade, o sentimento de pertença dos moradores do bairro São José, também conhecido como Tucuns, bairro este em que resido, sob a ótica dos atores sociais que compartilham deste ambiente, e de maneira significativa, contribuiu para que eu pudesse dar continuidade ao trabalho desenvolvido nesta dissertação.

Falar do bairro Tucuns (São José) e seus moradores foi uma tarefa que se confundia com minha própria trajetória como moradora. Muitas vezes, sendo questionada por colegas, ao dizer que eu estaria fazendo um “trabalho biográfico”, pois para eles seria “mais fácil” escrever sobre o que já se conhece. Durante um longo período foram sentimentos e experiências compartilhadas com os moradores que convivem naquele espaço, portanto, o ambiente em que realizo minhas investigações científicas é também um ambiente familiar, onde minhas práticas corriqueiras de vida, aparentemente, se assemelham a muitos moradores do bairro.

Nessa busca em desconhecer para (re) conhecer, transformar o “familiar em exótico” (VELHO, 2004) foi possível refletir com mais cuidado os rumos da pesquisa de campo. Pois como diria Roy Wagner “*quanto mais familiar se torna o estranho, mais estranho parece o familiar*” (2012, p.27). Assim esta pesquisa é de natureza qualitativa, buscando a compreensão dos detalhes, significados e características situacionais sob a ótica apresentada pelos interlocutores, ou seja, pelos moradores do bairro e também por mim, como moradora. (RICHARDSON, 1999).

Ao utilizar essas estratégias metodológicas, percebi que a utilização destes métodos me ajudou a compreender como os moradores organizavam algumas práticas cotidianas. Como por exemplo, seu aparente *sentimentos de pertença* compartilhados, os discursos corriqueiros, as narrativas de histórias de vida. Na busca em ler o ambiente através dos “imponderáveis da vida real” (MALINOWSKI, 1978) a observação participante entendida segundo (HAGUETTE, 2007), como ação comunicativa entre pesquisadora e pesquisado, ajudou-me na realização epistemológica para interpretação prévia da realidade observada.

Assim, buscando estar atenta a estas estratégias metodológicas no sentidos e significados que o ator social (e muitas vezes eu mesma) produziam sua existência, com a qual contornamos o mundo da vida através de reciprocidades linguísticas, tentei, nesse sentido, entender as relações sociais em conformidade com as ações do ambiente do bairro que pretendia conhecer. Pois como diria Coulon (1982), precisamos “*preservar a integridade do mundo social (cultural) para poder estudá-lo*” (p.22). Desta forma destaco ainda o enfoque dado por Weber à cultura como *conceito de valor*, em que:

A realidade empírica é cultura para nós porque é na medida em que a relacionamos a ideias de valor. Ela abrange aqueles e somente aqueles componentes da realidade que através desta relação tornam-se *significativos* para nós. (p. 92)

Logo o conceito de cultura, abrange a forma como o que compõe a realidade (o cotidiano) terá um significado para mim e para o outro. Para Weber (1982) a importância de se olhar para o passado e analisar os fatores individuais de cada sociedade, é de extrema importância. Assim, como recurso metodológico, buscamos observar de que forma as características individuais podem proporcionar uma explicação histórica da realidade. Como dito anteriormente, no campo das “ciências da cultura” o conhecimento geral não possui valor por si próprio, ou seja, explicar generalizadamente um fenômeno não convém para a ciência que se propõe aqui, mas sim analisar suas especificidades dentro de um contexto histórico específico e suas consequências, pois, “cultura” aqui, é um segmento finito, possuidor de sentido e significados, já que somos, nas palavras de Weber (1982) “homens de cultura” e podemos adotar frente ao mundo capacidades de senti-lo e dar sentido à ele, nesse sentido, podemos dizer que, cultura não é apenas assunto de sociólogos ou antropólogos, mas também do povo como um todo.

Primeiramente o termo cultura, seria a substantividade de “ser culto” demonstrando algum tipo de refinamento social nesse caso, explicaria os modos de comportamento ditos “refinado” que demonstram etiqueta social de uma classe superior (ELIAS, 1989). Cultura, equivaleria, sobretudo, à formação dentro do sentido de constituição e desenvolvimento seja

individual ou coletivo, um povo tem cultura como uma tradição, assim, existem nações com culturas mais pujantes e consolidadas. Outra categoria do termo Cultura diz respeito às manifestações da arte, ou seja, dizer que teatro é cultura, ou música é cultura, referência às manifestações artísticas de um povo (FLEURY, 2009).

Podemos também perceber a cultura como hábitos e costumes de um determinado povo, que representem o seu modo de ser, e o identificam. (BOURDIEU, 2004) como, por exemplo, o ato de comer rapadura no Nordeste, ou as regras rígidas da gramática da língua portuguesa. Aqui, cultura seria todo o comportamento, as emoções, e o intelectual de um povo. A identidade de um povo é Cultura, que se formam em volta de elementos simbólicos compartilhados, os valores que permitem a coletividade, até mesmo a diferença, seja de região ou religião, classe ou raça ou como Santos (1996) afirma, ao nos dizer que cultura, pode ser considerada como dimensão que perpassa os aspectos da vida social, ou seja aquilo que dá sentido aos atos, e aos fatos de uma determinada sociedade.

É interessante ressaltarmos que à medida que a burguesia ascendia como classe por volta dos séculos XVII e XIX, surgindo maior parte das nações europeias uma série de medidas, tais como, a valorização da história nacional e a criação de museus, bem como a valorização das tradições populares, que vão sendo estimuladas para o sentimento de *pertencimento* à uma nação. Ainda em o Processo Civilizador, Elias (1989) busca explicar os conceitos de cultura e civilização<sup>1</sup> onde enfatiza o distanciamento do homem em relação ao comportamento geral e instintivo, o que seria comum à espécie humana, admitindo que os conceitos são relativos, abrangentes e históricos. Nesse caso, vai além, e nos diz que civilização diz respeito a um conjunto *limitado* ou quase limitado de comportamentos e atitudes que variam de aspectos, sejam eles simples ou mais profundos, e envolvem o gosto estético, a ética, os sentimentos e a autoimagem.

Essas formas de comportamento, tidas como “refinadas”, relacionava-se a posições sociais elevadas, como por exemplo, a corte europeia na época. Dessa forma, o *requinte* fazia parte da autoimagem da corte francesa. Logo o conceito de civilização demonstra as formas de distinções sociais adquiridas entre o convívio de um grupo seletivo e privilegiadas, sejam em termos nacionais ou internacionais como iremos perceber no decorrer desta pesquisa ao que se convencionou chamar por “progresso” e “civilização”, a partir das categorias ocidentais.

Se, portanto, nos perguntarmos o que forma a cultura, podemos inferir que é também a interação dos indivíduos, a troca de experiências de indivíduo para indivíduo, não somente o colocar-se no lugar do outro, mas o fazer, o sentir ou falar, desfazendo-se de conceitos pré-

<sup>1</sup> Mais à frente retomaremos essa categoria;

estabelecidos. Foi o que busquei fazer, dentro de uma cultura que eu estava imersa e que faz parte da minha identidade como pesquisadora e moradora do bairro e da cidade.

Nessa perspectiva foi interessante perceber que, durante a pesquisa pude acionar algumas categorias que por vezes, passava despercebida no viver cotidiano. Dentro desse jogo de identidades, por exemplo, quando ia falar com algum morador mais velho, eu acionava a “Vivianne, neta da dona fulana de tal”; já ao falar com alguém mais jovem acionava a: “Vivi lá de cima” (referência a rua que resido), em bairros tidos como tradicionais, estas categorias compartilham a forma em que os moradores utilizam para se conhecerem e (re)conhecerem no espaço do bairro de forma mais familiar, o que é difícil, perceber em bairros mais novos, ou elitizados por exemplo, dificilmente nestes bairros veremos alguém chamar a vizinha de “neta do fulano de tal que vende tempero”, logo pude fazer o uso de estratégias identitárias, (AGIER,2000), como uma forma de me reinserir no bairro, e também como uma maneira de estabelecer uma relação dialética entre a “Vivi pesquisadora” e o morador do São José, e depois foram surgindo outras categorias para me identificarem no bairro, como “a mocinha que tá fazendo pesquisa aqui”, “a filha do Reginaldo que morou aqui”.

Nesses aspectos definir identidade não é algo fácil a se fazer, tento em vista as novas teorias que surgem e as problemáticas que aparecem de acordo com os processos culturais. Portanto, dizer “sou brasileira”, “sou mulher”, “sou do bairro São José”, “sou alagado (a)”, “sou parnaibana”, “sou periférica”, são formas de identidade. Existem ainda, associações entre a identidade do indivíduo, com as coisas que uma pessoa usa (WOODWARD, 2000), dessa forma, a construção da identidade, é social e também simbólica. A diferença, bem como a identidade, simplesmente existe, ou seja, aquilo que o outro é “ela é parnaibana”, por exemplo. Tais afirmações precisam de negações para poder existir, se afirmo com afinco que “sou parnaibana”, certamente deva existir os “não parnaibanos” senão de nada valida tal afirmação assim como se afirmo que “ela é do São José” significaria dizer que “ela não é do bairro Nova Parnaíba”. Nesses discursos representativos, acreditamos que exista uma cadeia oculta entre as relações de identidade e diferença, que sustentam as afirmações dadas pelos sujeitos.

Nessa perspectiva, corroboramos com a ideia de que a representação é sustentada pelo discurso que compreende um processo cultural. Processo esse que estabelece identidades individuais e coletivas, por exemplo. O que significa ser do bairro São José, ou Tucuns? O que é ser parnaibana? Esses sistemas representativos acabam construindo discursos nos quais os indivíduos podem se posicionar e se expressarem. (WOODWARD, 2000, p.17).

Faz-se aqui necessárias tais abordagens teóricas, ao ponto em que percebemos o que forma a identidade de um bairro, ou de uma cidade? No exercício etnológico, pude captar a essência da vida em grupo, e compreender o que significava, dentro dos aspectos identitários o que é ser moradora do “BSJ<sup>2</sup>”. Logo, a partir de um cotidiano experimentado de uma maneira inversa, no qual busquei fazer o exercício de estranhar o conhecido e os conhecidos desconhecidos, até certo ponto, que pude como pesquisadora, fazer diversos percursos metodológicos durante a realização deste trabalho, principalmente, quando em busca da compreensão da essência da vida dos grupos urbanos.

Não obstante, dentre tantas escolas sociológicas e antropológicas, a Escola de Chicago pôde contribuir de maneira efetiva para o desenvolvimento dos métodos qualitativos na análise da realidade social (COULON, 1995). Esta escola trouxe vários recursos, para compreender a vida em sociedade por meio das miudezas, para abarcar a conduta e comportamentos individuais simultaneamente aos meios sociais no qual se encontravam e assimilavam suas intenções em conformidade aos padrões culturais. Tratou-se, nesse caso específico, de uma herança antropológica que refletia na influência do pensamento de Franz Boas(2009) sobre as Ciências Sociais americanas que mais tarde ficaria conhecido como *interacionismo simbólico*<sup>3</sup>.

Os interacionistas simbólicos de Chicago, através da utilização de documentos pessoais, cartas, histórias de vida, testemunhos, entrevistas, diários, conduziram suas pesquisas (COULON, 1995). Sempre atentos aos aspectos intersubjetivos dos atores sociais no meio urbano, bem como sobre os fenômenos que mais tarde ficariam conhecidos como estudos de *desvio e estigma social*.

Assumimos então, de certa forma, um legado da antropologia buscando fazer uma releitura dos seus métodos, aplicando-os para análise do meio urbano. Vale ressaltar que, no Brasil, antropólogos como Gilberto Velho, Otávio Velho (1987) Magnani (2003), influenciados pelo interacionismo simbólico, propuseram que o estudo da antropologia e sociologia urbana brasileira seria feito através das pesquisas acerca das práticas culturais e das formas de sociabilidade nas cidades.

Dessa forma métodos como a observação participante, viria a se tornar uma forte ferramenta metodológica utilizada pela Escola de Chicago, por antropólogos internacionais e

---

<sup>2</sup> Sigla referente a Bairro São José, bastante utilizada pelos moradores.

<sup>3</sup> É Franz Boas quem inaugura a antropologia cultural e que diferentemente da antropologia social francesa e inglesa, estaria mais atenta aos padrões simbólicos e os comportamentos sociais intersubjetivos do que a funcionalidade das estruturas, normas e relações sociais coercitivas. ERIKSEN, Thomas Heiland e NIELSEN, Finn Silvert. **História da Antropologia**. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 2007.

brasileiros ou como Hannerz (1986) vai falar os “etnógrafos de Chicago” que procuraram desenvolver etnografias no meio urbano. Esses estudos tornaram-se importantes tanto pelo seu caráter metodológico, como também, pela ousadia em busca de *relativizar* a nossa própria cultura tendo em vista, que a proposta da antropologia até então era o estudo do “outro” (ALMEIDA, COSTA, SILVA, 2018).

A observação participante como método que fundamenta este trabalho foi fundamental. De acordo com Haguette (2007) é o método em que o pesquisador está presente, continuamente, no campo observado, é o *face a face, frente* ao objeto de estudo, participando intensamente nas atividades corriqueiras no ambiente que se quer estudar. Busquei dentro do trabalho de campo observar participando do meu *familiar*. Nas conversas pelas esquinas, nas calçadas, e entre uma ida ou outra na quitanda da Casa Verde, ou nas padarias, pelas frestas de portas e janelas de casa, e até mesmo com minha família, dentro de casa. Assim, pude observar atentamente, o cotidiano, o fugaz do bairro, *(des)conhecendo* e tentando *(des)construir* a mim, ao bairro, a cidade e os vizinhos fazendo o que Magnani (2002) chama “de perto e de dentro” com o observar dos agentes da ação (vizinhos), e as formas que se utilizam para gerenciar seu cotidiano, fui percebendo as minuciosidades que a pesquisa de campo traz, apenas dessa forma pude compreender as nuances da vida em sociedade, como ela vai se revelando, talvez, essa seja a beleza da pesquisa empírica.

Para além das observações pelo diário de campo, foi nas narrativas de vida, de alguns moradores do bairro São José que fui gerenciando a pesquisa de acordo com a ótica dos moradores e suas experiências pessoais. Para Becker (1986), a utilização da história de vida possibilita interpretações que o ator social fornece, em sua riqueza de detalhes e significados. Não obstante, não poderia deixar de ser totalmente imparcial ao meu campo, pois além de ser o campo de estudo, é minha casa, são meus vizinhos, é o meu bairro e a minha cidade, logo a imparcialidade com as minhas subjetividades apenas foi possível quando pude construir os vínculos necessários com as teorias que me direcionava na prática da observação participante.

Captar as narrativas históricas dos agentes da ação foi de essencial importância no contexto da pesquisa, considerando que, através dessas aproximações, foi possível compreender a importância da memória como nutriente da história e para a pesquisa empírica. As lembranças, os sentimentos, as sensações recordadas por alguns vizinhos, em conversas no dia a dia, contribuiu para que eu pudesse entender como essas memórias iam se construindo no interior da coletividade. Parafraseando Ecléa Bosi a memória se constitui pela conservação do passado que atua no presente. Assim, a memória é social, pois faz repercutir no modo com que lembramos: “Na maior parte das vezes lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir,

repensar, com imagens e ideias de hoje a experiência do passado”. (BOSI, 1994, p.55), logo a memória social tem como instrumento socializador a linguagem. A autora, toma de empréstimos as teorias de Bergson (1994) para explicar como as lembranças atuam, mostrando o que existe no cerne da memória, onde as lembranças são evocadas, e isso só é possível pelo *compartilhar* de uma linguagem por mim e pelo outro.

Nesse continuo reconstruir-se das memórias, percebi o quanto o sentimento de *pertencer* está relacionado às lembranças. Lembranças estas que conservam um passado que permanece presente nas narrativas de cada morador, na arquitetura do bairro e da cidade, nos cheiros, nos casebres vazios, na rua modificada pela ação do tempo e do homem, nas fotografias e roupas, são as imagens evocadas pelas lembranças que se constituem como *noções* gerais dadas através da linguagem (BOSI, 1994).

Portanto buscamos os significados que dão o sentido da ação, e das formas da vida humana, como bem nos ensina autores como (ELIAS, 2000; WHYTE, 2005; SIMMEL, 2006; AUGÉ, 1994), dentre outros, que dialogam com as interatividades dos indivíduos e grupos que passam a agir conforme os *sentidos* que seu mundo representa e é representado, consegui perceber isto com mais cuidado no ato de entrevistar, as minúcias que a entrevista proporciona não se tratou apenas de ouvir atentamente, mas de perceber a ação, as emoções e os gestos de cada interlocutor, o riso, o choro da lembrança, o olhar, gostaria de ter podido realizar mais entrevistas, saber mais dos moradores, no entanto, o período em que essa pesquisa foi se edificando, não me permitiu entrevistar mais pessoas, ficando, talvez, uma lacuna na voz de alguns atores sociais.

## 1.2 Notas antropológicas sobre o campo – A pesquisa social em contexto crítico

Em dezembro de 2019 ao retornar à Parnaíba, tinha um caminho traçado em mente: voltar ao campo, traçar outros possíveis entrevistados, e buscar novas metodologias de pesquisa, mas não sabia como. A forma que encontrei de fazer isso foi *vivenciar*. Como dito anteriormente, o *vivenciar* que falo, é ir além de ver e ouvir, é o de partilhar os fatos da sua vida com outras pessoas, dessa forma de acordo com Dilthey (1984, p.146-147) conforme citado por Amaral (2004)

Cada palavra, cada frase, cada gesto ou expressão de cortesia, cada obra de arte e cada feito histórico é somente compreensível porque há um fundo comum que une a pessoa que se manifesta com a pessoa que entende; o ser singular **vivencia, pensa, age**, sempre em uma esfera comum e somente nela se entende. Tudo que se compreende traz em si, por assim dizer, o marco do que é conhecido a partir de tal comunhão. Nós vivemos nessa atmosfera, ela nos envolve continuamente. Nós somos mergulhados nela. Nesse mundo

histórico e compreensível estamos por toda parte em casa, compreendemos o sentido e o significado de tudo, nós próprios somos tecidos nessas coisas comuns. (p.56) (*grifos meus*)

Busquei então vivenciar o bairro. Foi dessa forma que participei de comemorações, onde nunca havia participado (carnaval, por exemplo), fortaleci vínculos com alguns vizinhos nos quais nunca havia trocado alguma palavra, colegas tornaram-se amigos que eu pude conhecer melhor, alguns idosos que gostavam de trocar uma palavra ou outra ficaram tão próximos que chegaram a me presentear e dessa forma também me proporcionou fincar laços mais fortes com minha família, que também foram fundamentais para o bom andamento da pesquisa e coleta de dados.

Logo fui percebendo que por mais tempo que eu tivesse como moradora do bairro, não o vivenciava, não o conhecia, na sua mais pura forma, mesmo com a chamada “imersão” completa do observador no campo, (GUEERTZ, 2008) o vivenciar se tornou muito mais do que apenas imergir, mas sim uma profunda e densa conexão para com o bairro e os moradores. Durante esse período, foi um exercício de conhecer e (*des*)conhecer, subjetivamente e mais ainda, conhecer e perceber, a forma com que o ambiente oferecia indícios importantes de sociabilidade, de compartilhamento, e também de não compartilhamento, pois, a medida em que eu estava mais presente, partilhava cada vez mais das formas de vivenciar o dia a dia dos meus vizinhos.

Foi importante pra que eu encontrasse o meu lugar tanto de pesquisadora como de moradora e dessa forma entrevi que existem regras de tempo e espaço que conduzem os atores sociais a usufruir tanto da cidade, como do bairro, enquanto manifestações corriqueiras das práticas diárias. Nesse processo, diferentes caminhos foram percorridos, experienciado e vivenciados por mim. Desde a busca por reunir informações sobre o bairro e a cidade, pois acredito que ao conhecer a cidade, a sua formação histórica, social e econômica pude compreender melhor de que forma o bairro foi surgindo tomando como referência, o processo de construção da cidade de Parnaíba.

Para isso, debrucei-me sobre análise de jornais, periódicos, iconografia pessoal de alguns moradores, e também minhas, almanaques, Códigos de Posturas (1963) e plantas da cidade que pude ter acesso, também pude fotografar o bairro sob as minhas lentes. Dentro desse contexto fui percebendo que a pesquisa tomava o rumo de um *estudo de caso*, sob a perspectiva interacionista também difundido pela Escola de Chicago, onde, caracteriza-se pelo uso de vários métodos, sobretudo qualitativos para a compreensão do fenômeno social,

buscando compreender a realidade, tendo em vista um recorte específico ou individual a ser estudado e pelo levantamento de dados de um determinado grupo (LAKATOS, 2004).

A busca em compreender a realidade por meio do estudo de caso, parecia impossível até certos momentos, por vezes ficava a questionar se as minhas atitudes ou percepções de moradora não poderiam atrapalhar no meu discernimento acerca da pesquisa. A mudança de rotina a partir de março de 2020 foi se tornando cada vez mais difícil. Acredito que esse período e o decorrer do ano de 2020, de forma geral, afetou a população de forma significativa, pois iniciava uma quebra na normalidade do cotidiano de todos, que muitos começaram a chamar de o “novo normal”.

O mundo passara por uma crise global na saúde, que abalou todas as esferas da vida social. Não existem métodos, nem técnicas, nem formas de trabalhar em campo, quando a ordem é o ‘afastamento social’, o ‘desconfiar’ de cada pessoa que está próximo de você, o manter-se distante e vigilante diante de você e do outro.

No mês de março de 2020 chegava ao Brasil o novo coronavírus (SARS-cov-2)<sup>4</sup>, um tipo de gripe que poderia ser fatal. O primeiro caso de infecção foi detectado em fevereiro de 2020. Em março de 2020 comemorou-se o carnaval no Brasil, desfiles pelas grandes cidades, e no bairro São José foi uma festa e tanto! Pude participar de um dos blocos mais tradicionais do bairro que é o bloco Apollo 11, e também o Carnaval da Ivete, ambos realizados pelos moradores do bairro, com colaboração e patrocínio dos moradores, que tem direito a blusas personalizadas, e ingresso. Foi a primeira vez que tive a oportunidade de participar desse tipo de festividade no bairro e perceber os olhares das pessoas, principalmente as mais velhas, pois mesmo conhecida eu era uma estranha naquele lugar, segundo meus familiares todo ano vai “as mesmas pessoas” minha mãe me conta que desde a adolescência ela frequenta os blocos de carnaval do bairro, hoje com menos que antes eram sempre animados, divertidos, mas depois foi diminuindo o número de pessoas.

A pandemia foi um fato que mudou a concepção de vida, alterou rotinas, modificou comportamentos, e o que se conhecia como “normal” não era mais conveniente para essa situação, como as festividades, a ida na casa dos avós, das mães, modificando o cotidiano de cada morador a sua maneira, mas alterando toda uma coletividade. Um evento desse nível, é esperado por muitos dos cientistas (LEITE, 2020), o que não há como saber é a proporção que um fato dessa natureza pode ter sobre a sociedade, quais consequências isso pode acarretar

---

<sup>4</sup> De acordo com LEITE (2020) O coronavírus SARS-CoV-2 foi identificado pela primeira vez em seres humanos na cidade de Wuhan, China, em dezembro de 2019 e transformou-se em uma pandemia, atingindo, em 22 de julho de 2020, 15.214.970 casos confirmados e 617.433 mortes no mundo todo.

nos indivíduos e nas esferas da vida social. Para Leite (2020), pode viabilizar o aumento das desigualdades sociais, por exemplo.

Nesse sentido, cada país buscou adequar-se as normas sancionadas pela OMS (Organização Mundial de Saúde), o isolamento social foi o que até então estava se mostrando mais eficaz: longe das pessoas para que evitasse aglomerações. Sem muito conhecimento sobre como tratar a doença, o pouco que os especialistas sabiam, estava salvando vidas. Outra recomendação também importante, foi que a doença poderia ser mais letal em pessoas que tinham comorbidade (Hipertensão, Diabetes, obesidade, Asmáticos, etc.), estas, deveriam ter cuidado em dobro diante das medidas de proteção.

Dentro desse quadro, percebeu-se que à medida que a doença se espalhava pelo país, era mais fatal em idosos. Esse fator em específico se tornou um agravante para a pesquisa, em vários sentidos. Primeiramente, uma parte dos entrevistados eram idosos, nesse período precisávamos ter mais cautela principalmente quem morava com eles, no meu caso, eu estava cuidando dos meus avós, e residia com os mesmos.

Com o período de confinamento e todas as medidas de restrição, impossibilitou que eu fizesse entrevistas pessoais (*face a face*). Foi um longo período sem saber o que fazer. O mundo se refazia das melhores formas possíveis, e assim eu também tentava me refazer. Dessa forma, o uso de aparelhos (celular e computador) principalmente as mídias sociais, foram fundamentais para dar continuidade ao trabalho, pois, sabendo que a pesquisa social (Estudo de caso) necessita que haja uma mínima interação com os indivíduos, que como dito anteriormente, se valem da convivência do dia a dia, do viver cotidianamente com o grupo a ser pesquisado, e suas bases metodológicas encontra-se na observação e elaboração etnográfica. Essas práticas tiveram que ser ajustadas em momentos finais de elaboração da pesquisa, portanto, o ambiente digital foi um dos suportes que utilizei para que pudesse dar continuidade ao trabalho e também observar à forma em que o uso das tecnologias estão inteiramente ligadas as práticas sociais cotidianas (DESLANDES E COUTINHO, 2020).

Com isso, foram realizados encontros via *Google Meet* com alguns entrevistados, pois nem todos se dispuseram a participar. Essas reuniões foram importantes para que eu pudesse fazer até mesmo, uma nova leitura sobre o cotidiano do bairro no contexto de pandemia, visto que, tal fato, modificou significativamente a rotina de cada morador do bairro, até mesmo a minha como pesquisadora e moradora.

A “*digitalização da vida cotidiana*”, faz com que percebamos o mundo social virtual inteiramente ligado às práticas diárias dos sujeitos, dando uma certa confiança, e comodidade. Isso ficou ainda mais perceptível em um contexto de “distanciamento social”. Se como nos

diz Bauman (2007) tudo muda tão rapidamente em nossa sociedade, que passa a ser percebida mais como uma *rede* do que como uma *estrutura*, as formas de buscar compreendê-la também se tornam infinitas dentro da sua mais pura liquidez.

No entanto foi dentro dessa mesma liquidez descrita por Bauman (2007), que encontrei as mais puras formas de sociabilidade, acredito que a maior dificuldade foi a de manter os laços dentro de uma situação em que poderiam ser rompidos facilmente, seja pela distância ou afastamento pela dificuldade de realizar encontros e entrevistas, de não poder ir às casas das pessoas, de não *vivenciar* como no início do estudo, nesse caso me ative das redes sociais para a continuação do trabalho, como o *Whats App*, onde pude marcar entrevistas, ou realizar vídeo chamadas, logo, a esfera da vida digital permeia toda elaboração deste trabalho, desde as entrevistas, até a escrita em si.

Assim diante de todas essas implicações metodológicas, compactuando com Deslandes e Coutinho (2020), percebemos o sentido funcional da tecnologia aplicada a pesquisa social como um fator que agrega ao trabalho, pois ela não funciona meramente como ferramenta auxiliar para a captação de dados, mas o meio pelo qual a socialidade dos sujeitos de pesquisa é colocada em prática” (p.04). Assim as plataformas digitais, puderam me auxiliar para que eu não perdesse o contato com os entrevistados.

### **1.3 Da rua a casa, da casa à rua – Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa.**

Como havia mencionado parágrafos anteriores, esta pesquisa teve seu nascedouro durante a graduação. Em que pude fazer observações, entrevistas, fotografias, etc. Para este estudo, de acordo com o andamento da pesquisa, foram selecionadas duas famílias chefiadas por mulheres da Rua Coronel Gervásio Sampaio (CGS), mas também foram colhidos alguns depoimentos de outros moradores do bairro, bem como antigos moradores, tendo em vista que essa rua, em específico, carrega um número significativo de casas abandonadas. Também foram entrevistados 5 jovens (19-29 anos de idade), e alguns de seus respectivos familiares, dois homens e três mulheres, cujos nomes dados aqui serão fictícios, pois dois deles não quiseram seus nomes verdadeiros, então mantive todos da mesma forma, a escolha dos entrevistados implicou também, na participação ativa dos moradores na rua, em que pude perceber membros da mesma família mais presentes no cotidiano e nas práticas sociais

A rua C. G. S, possui um total de 37 casas, fazendo um total de 57 moradores, dentre essas 5 são pontos comerciais, 5 delas são abandonadas, 3 delas os moradores frequentam casualmente, e 2 terrenos baldios e uma Vila, esta última, possui 8 casas pequenas divididas em um único espaço. Todas as casas são próprias, sendo em sua maioria de herança familiar.

Das famílias selecionadas para a pesquisa foi observada a renda familiar, a idade, o tempo de moradia, religião, o estado civil, as gerações, ocupação, para isso me vali de entrevistas semiestruturadas. Durante as observações, percebi que as famílias se compunham, em sua maior parte, de avós, netos, e tias sendo encontrado o modelo de família nuclear “pai, mãe e filhos” apenas em duas residências no decorrer da rua.

Outro aspecto que vale ressaltar é a fluidez das pessoas nas residências. Do que pude observar na rua, grande parte das pessoas vêm e vai quase sempre, do que de fato permanecem nas residências, ou seja, são pessoas que tiveram uma vivência no bairro até a vida adulta e depois se mudaram para outra residência, casaram-se, mas ainda mantem os vínculos familiares, laços com os antigos vizinhos, ou abriram pontos comerciais em suas respectivas residências.

Também percebi que algumas casas serviam como palco de comemorações em família, o que me fez entender a rua com um grande espaço familiar, onde há relações pessoalizadas, ou tidas como tradicional e relacional (DaMatta, 1987) tornando as relações sociais mais estreitas. Nesse espaço, tomamos como recorte empírico, a rua, pois nos permite que encontremos e compreendamos de dentro, a manifestação da vida cotidiana.

Muitos autores têm escrito sobre as ruas nas cidades modernas, sob diversos recortes, como um lugar dentro da cidade (SIEBER, 2008); como locais de referência domiciliar (VIDAL, 2008); como arranjo espaço temporal onde a vida se desenrola (ECKERT e ROCHA, 2013); como espaços depositórios de memórias (RODOLPHO, 2013); e até mesmo como espaço moral (DAMATTA, 1997), não podendo ser definido apenas por seu tamanho, mas também por suas contradições. Trata-se, pois de expor os sentidos e saberes (GUEERTZ, 1978) que o cotidiano da rua nos oferece para que tentemos ao menos enxergar nas suas miudezas o sentido de habitar, de existir na cidade, o vivenciar, interagir em cada papel que os atores sociais representam.

Diante disso, compreendo a rua como referência ao espaço de sociabilidade, e nos possibilita enxergar o cotidiano heterogêneo de significados que vai além do espaço físico, e da sua materialidade, onde os códigos mantem viva uma tradição, bem como, as noções de território no palco que se constrói a vida cotidiana. Por exemplo, qual significado que alguns moradores atribuírem categorias a rua CGS (Figura 1) como “rua morta” ou “não passa uma alma viva aqui”? estas características denotam a identidade simbólica que a rua representa diante das suas características mais presentes, uma delas, é o vazio.

A escolha da rua Coronel Gervásio também não foi feita de modo aleatório uma vez que pude observa-la durante o trabalho de graduação. A rua Coronel Gervásio começou a

inquieta-me a partir do nome, pois muitas vezes era confundida com a rua Almirante Gervásio Sampaio, que é uma rua localizada no centro da cidade de Parnaíba, compreende a avenida Álvaro Mendes até a Rua 19 de outubro, de acordo com Passos (1982, p.169) o Coronel Gervásio era ligado a política da cidade, mantinha amizades com chefes políticos, em especial os Moraes Correia, era coronel da guarda nacional de Piracuruca e tornou-se famoso pelo estado. Quase em todas as cidades brasileiras, as ruas são representadas pelo nome de alguém, geralmente presidente, político, coronel barão desembargador, em quase toda cidade brasileira por exemplo, se tem uma Rua ou Avenida Presidente Getúlio Vargas, as mais populares levam nomes comuns, “Rua das flores”, “Rua dos barqueiros” mas não deixam de serem pessoalizadas. Por que escolhi estudar a rua em que resido? Bom, a preocupação em estudar as organizações sociais de povos e tradições, em busca de compreender o diferente vem desde os escritos dos viajantes que descreviam o Brasil em seus diários de viagem, ainda continua ser tema difundido nas Ciências Sociais, neste sentido manter viva certas tradições, ainda é uma das principais formas de preservar a memória e cultura de um povo, e por isso a observação da rua CGS, é importante, para que possamos manter viva essa rede de memória, pois aos poucos os contadores de histórias se perdem com o tempo, a rede de memórias vai definhando junto com as características originais da cidade, do bairro ou da rua.

Percebo que a proximidade com os autores do cotidiano fez, com que, nas minuciosidades das relações, o dia a dia flua, com os sorrisos acanhados, que ganhavam espaço, mesmo no vazio em que os poucos, tornavam-se muitos. É importante ressaltar, que, os nomes aqui citados são ilustrativos, para resguardar a identidade dos moradores, pois alguns não quiseram ter seus nomes revelados na pesquisa, e decidi manter dessa forma com os demais, também, nem todos os familiares participaram das entrevistas, devido ao momento crítico, como já dito anteriormente, alguns se dispuseram a participar pelo aplicativo *Whats app* em chamadas de vídeos e áudios.

**Figura 1 Rua Coronel Gervásio (CGS)**



FONTE: (ARQUIVO PESSOAL)

**Figura 2 Mapa da Rua Coronel Gervásio**



A primeira família que entrevistei tem duas composições. Inicialmente, era formada pela avó, seus dois netos, duas filhas. Uma das filhas (Lídia) tinha outra residência, mas fazia

as refeições e passava o dia na casa da mãe, retornando apenas pela noite, também com sua filha mais nova e uma ajudante. A renda mensal era de dois salários mínimos, sendo essa somente da filha mais velha (Lourdes). Com o falecimento da avó, a família passou a ser composta apenas pela tia (Lourdes), a mãe (Lídia), e os dois netos (Lucas e Luciano). Essa formação também se modificou quando um dos netos (Luciano) se mudou para a casa da sua companheira, ficando apenas na residência a tia (Lourdes), o sobrinho (Lucas) e a ajudante (Mariane).

Lucas tem 27 anos e possui dois filhos, trabalha ajudando a mãe e a tia em uma floricultura recentemente construída na própria residência. Otávio tem 29 anos é graduado em turismo, músico e trabalha em uma rede de turismo, a tia (Célia), é advogada, tem um pequeno escritório, também na residência em que moram, chegou a trabalhar em um cartório, e agora atua apenas como advogada, é quem banca as despesas domésticas. A irmã (Tereza) está atualmente trabalhando na floricultura que montou com outra irmã na residência da mãe, mas não mora diretamente na casa, passa a maior parte do dia, finais de semana e em datas comemorativas. A casa é própria, a maioria é de religião católica, sendo apenas o neto de 29 anos, espírita. Moram na rua, há 50 anos ou mais, pois não sabiam dizer ao certo.

A segunda família é composta por avós e neta, durante a pesquisa, a composição familiar também se modificou. Sendo composta por avó e neta Valentina (23 anos), logo após o falecimento do avô. Depois sofreu outra modificação, Valentina passou a frequentar a residência apenas aos finais de semana. Assim a nova formação foi formada por avó, neta (Vanessa), filho (João) e nora (Dulce). Que vindo de São Paulo mudaram-se para Parnaíba, para fazer uma experiência de morar na cidade. A renda mensal nesse sentido, sofreu diversas modificações, era composta de 4 salários mínimos, com o falecimento da avó reduziu para dois salários, com a nova modificação familiar ocorrida, voltou com a renda de 4 salários mínimos. Tanto a avó (87 anos), como o filho (53 anos) e a nora (63 anos), são aposentados, a neta (19 anos) terminou o ensino médio e está prestando vestibular para ingressar na universidade. A casa é própria, sendo constantemente frequentada por filhos e netos, durante o dia; uma parte é de religião católica, e a outra evangélica.

Foram entrevistados também, alguns familiares meus, como minhas tias, minha avó, colegas, e meus amigos de infância, assim como antigos moradores do bairro, que se encontram em outra cidade, ou em outros bairros de Parnaíba. Tive dificuldades em entrevistar todos os integrantes das famílias, pois nem todos se dispuseram a participar. Pude conviver com a primeira família, durante quase seis meses (antes da pandemia COVID 19 e duas semanas durante, sempre respeitando as normas sanitárias), onde pude estabelecer laços

mais sólidos. Esses laços já existiam antes mesmo da pesquisa, pois era uma residência, conhecida pois sempre ia com frequência e grande parte dos entrevistados teve alguma ligação comigo ou com a minha família, direta ou indiretamente, apesar de não socializar muito, foi com a pesquisa que eu pude perceber o quanto era próxima sem saber que era, pois, as aproximações foram acontecendo de forma espontânea.

Não pude deixar de observar que nas formas de organizações familiares, em sua maioria, eram chefiadas por mulheres (tias e avós), a composição familiar patriarcal tornava-se uma opção quase nula, sendo chefiadas por mulheres e avós, ou tias (geralmente filhas que não casaram). Existe também na rua, um considerável número de casas compartilhadas, duas casas em um mesmo terreno. Além das famílias, pude também entrevistar alguns antigos moradores do bairro como Sr. Reginaldo, a Maria, A dona Julia, o Sr. Nelson, e os outros do bairro, pessoas que entram e saem do bairro, mas que não residem, apenas como forma de manter os laços estabelecidos ora na infância ora na adolescência. Sabemos que existe diversas configurações familiares, portanto, não existe uma configuração certa ou errada de família, o que existe são famílias, pessoas, que vivem juntas, seja uma ou mais. Dessa forma, de acordo com Prado (1991)

A palavra “família” no sentido popular, e nos dicionários, significa pessoas aparentadas que vivem, em geral na mesma casa particularmente o pai, a mãe e os filhos, ou ainda pessoas do mesmo sangue, ascendência, linhagem estirpe ou admitidos por adoção. (p.10)

Ainda assim, a categoria família carrega suas complexidades, estruturais e teóricas. Engels (1984), já apontava que as mudanças na estrutura familiar iriam acontecer, de acordo com seus estudos antropológicos e históricos, havendo notáveis mudanças no que foi concebido como formato “normal” de família. Uma característica interessante, foi perceber, que como a maioria das residências se caracterizavam por serem residências de “mães”, eram sempre frequentadas por todos, mas essa característica fica restrita apenas a estas residências, onde o entrar e sair flui a todo momento, tanto de familiares como de vizinhos próximos, as portas, sempre abertas, e os portões encostados. A casa da mãe, da avó, é a casa que você pode “fazer o que quiser”, abrir a geladeira sem ter que pedir permissão, como na fala de Ester, de 22 anos *“eu posso vir aqui na hora que eu quiser, fazer o que eu quiser, que a vovó não vai dizer nada”*.

Em grande parte, quando as mães vêm a falecer, as avós, as casas ficam restritas ao vazio, e ao abandono, ou a placas de “aluga-se”, rompendo assim com o ir e vir tão presente no cotidiano.

No caso do bairro São José, consigo perceber que ele se configura como uma “grande família de avós e tias” mesmo que, os moradores não tenham parentesco algum, acabam se tornando uma família pelo convívio social, e vão aparecendo as “tias” os “tios” posições de vizinhos, a “tia” da quitanda, o “tio” do bar, a “tia” mãe da sua amiga de infância, o vizinho antigo que virou “compadre” a vizinha neta do seu fulano de tal que virou “comadre”, os amigos se tornam irmãos, os colegas primos de segundo grau, o cachorro da vizinha que late na sua porta, se torna seu cachorro também, e os graus de parentesco vão aparecendo no cotidiano familiar do bairro, criando uma dimensão moral e valores que se estabelecem dentro desta rede de relações, fazendo com que o espaço da casa e da rua existam simultaneamente, dando valor simbólico as formas de viver e a produção de sentidos no mundo social. Procurei neste capítulo mostrar as técnicas da pesquisa utilizadas no decorrer do trabalho, enfatizando os aspectos que envolvem a pesquisadora e os atores sociais que compõe a pesquisa, buscando também compreender um pouco sobre as bases epistemológicas que a pesquisa foi sendo edificada. No próximo capítulo, discutirei sobre o bairro, sua história e o cotidiano através da pesquisa em campo.

## CAPÍTULO II

### O TUCUNS E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS DO MUNDO SOCIAL

*O bairro constitui o termo médio de uma dialética existencial entre o dentro e o fora. E é na tensão entre esses dois termos, um dentro e um fora, que vai aos poucos se tornando o prolongamento de um dentro, que se efetua a apropriação do espaço. (Pierre Mayol, 1994, p.42)*

*O espaço concreto do bairro ou da vila é um espaço aberto a todos, regido por regras coletivas, mas que tem como “foco”, no sentido óptico um lugar fechado, um lar. É um exterior definido a partir de um interior um público cujo centro é um privado. (Antoine Prost, 1992, p.100)*

#### 2.1 O cotidiano ou como as relações sociais se mantem

Tendo como alicerce a pesquisa bibliográfica atrelada ao trabalho de campo, busco discutir nesse capítulo o que faz do bairro São José (conhecido pelos moradores mais antigos ainda como Tucuns) um local de pesquisa sociológica no âmbito dos estudos urbanos, e como ele se revela dentro da pesquisa um campo de práticas sociais, resultado da interação de várias atividades e de distintos grupos que utilizam o ambiente do bairro como cenário. (GONÇAVES, 1988, p18). Bem como, compreender a forma que o seu cotidiano interage com as diferentes maneiras de existir em sociedade, de acordo com o trabalho de campo realizado entre os períodos de seis meses marcado cronologicamente pelo antes e depois da pandemia Covid 19, que servirá como aporte metodológico para o cumprimento deste capítulo.

Popularmente, um bairro é classificado como uma faixa de terra, de divisões físicas da cidade que pode constituir por ser a principal forma de reprodução do espaço urbano. Para além das formas geográficas de um bairro, assim como afirma Prost (1994), é também regido por regras coletivas, um lar, pois existe uma proximidade espacial, e por que não dizer um contrato social que é estabelecido entre os que compartilham esse espaço.

Esse contrato é assinado desde o momento em que passamos a viver em sociedade. É no viver em sociedade que apreendemos as regras do jogo social da vida, regras estas que tornam o espaço de convívio uma teia de trocas simbólicas, de formas e conteúdos sociais que possibilitam a elaboração da vida social, como aponta Simmel (1983), pois, as interações sociais constituem o principal elemento da sociedade onde se estabelecem significados reciprocamente compartilhados. Logo a sociologia das formas e conteúdo simmeliano nos ajuda a compreender que o mundo social, é constituído por uma complexa *rede interativa*

entre os indivíduos. Esta rede de interações, de relações é motivada por contrato sociais diversos nas palavras de Simmel “*na medida em que os indivíduos estejam ligados uns com os outros pela influência mutua uns e os outros* (2006, p.60).

É mediante essas formas que a vida no bairro se compõe. Na medida em que as práticas cotidianas são realizadas, podemos identificar no bairro os conteúdos que formam a vida social dos atores que assinam esse contrato, e que se configura de acordo com o conjunto das regras de convívio (MAYOL, 1994). A partir disso, é que tomamos o Bairro São José como local em que se expressam diversos tipos de práticas sociais, práticas essas que nos permite compreender os espaços microssociais e como ele se configura no decorrer do tempo e da história.

Os elementos históricos, culturais e subjetivos nos auxilia na construção do processo identitário tanto do bairro, quanto da cidade, e servem como parâmetro para compreendermos as mudanças ocorridas durante o processo de urbanização. Os históricos, pois a partir da história conseguirmos capturar os elementos do passado para podermos compreender os elementos presentes, os culturais, pois, é a partir da Cultura que podemos enxergar a heterogeneidade, os conteúdos presentes na sociedade, as tradições, as formas de falar, de se comportar e etc., e os subjetivos, pois é a partir das emoções que podemos pôr em xeque as dimensões da experiência humana como fenômeno subjetivo. Esses elementos denotam o que ficou embutido na memória dos moradores em seus mais específicos aspectos onde em cada um existe uma forma diferente que do sentido de habitar, existir, e pertencer no espaço.

O bairro passa então a ser apresentado como local de morada e pertencimento, visto como ambiente em que as pessoas se ligam umas às outras (relações sociais) (KOURY, 2016) ao compartilharem experiências, o viver do dia a dia, as lembranças acionadas em conversas de calçada, o privado que se torna público e o público que se torna privado (ALMEIDA, 2012, p. 48). É no mundo das relações sociais que o mundo social se constrói. São as formas específicas, o viver cotidiano, a vida de todo dia, na qual os indivíduos interagem, agem, e definem as ações humanas. A abordagem da sociologia do mundo da vida cotidiana pode ser concebida como a “*realidade interpretada pelos homens subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente*” (SCHUTZ, 2012, p.35), dessa forma, a realidade é constituída de acordo como apreendemos o mundo, e na apreensão dos sentidos subjetivamente construídos nas experiências vividas. Assim sendo, essa apreensão dos fenômenos sociais dá-se pelo sentido que os atores sociais dão às suas ações, no decorrer do seu cotidiano. (MARTINS, 1948, p.41).

O cotidiano nos oferece segurança, ele é imutável, mas não passível de mudanças, o que sentimos quando o cotidiano de uma hora pra outra sofre mudança, é insegurança. A rotina, que nos prende, o invisível do cotidiano, torna-se visível ao quando percebemos que somos, de certa forma, refêns dele.

Simmel (2006) compreende que o processo das relações sociais são formas de *sociações*, isto é, tudo o que existe na interação dos indivíduos movimentadas por interesses, impulsos, condicionamentos psíquicos, preferências individuais que estimulam efeitos recíprocos e interdependente uns sobre os outros, a fofoca, por exemplo, é um tipo de sociação que impulsiona os indivíduos a estabelecerem contratos sobre o que se fofoca, de quem se fofoca, como se fofoca, dentro do ambiente do bairro ou de uma rua, fazendo com que os moradores interajam, logo a fofoca é o interesse que move o sentido de interagir.

Podemos então dizer que, a representação da vida social é vista sob um conjunto de significados, onde os indivíduos dão sentido e reproduzem seus signos, seus modos e estilos de vida, sua posição de classe, suas hierarquias, suas redes de solidariedade, etc. ambientado em espaços de convívio diversos. Percebemos assim os laços nos quais estes atores sociais, utilizam suas formas e conteúdo que compõem a constituição e o desenvolvimento do mundo da vida<sup>5</sup>.

Esse mundo, como dito acima, é um mundo compartilhado. É um mundo experienciado por mim e pelos outros, é o mundo da relação Nós-Eu (ELIAS, 1994), das nossas experiências na esfera mundana (*alter ego*). É nesse sentido, que o mundo da vida cotidiana deve ser considerado como o mundo intersubjetivo (SCHUTZ, p.84, 2012) comum a todos nós. E se nós direcionamos nossas ações a esse mundo, elas nos modificam assim como são modificadas por ele, como aponta Schutz:

O mundo é tomado como evidente por mim é também tomado como evidente por você, meu semelhante, e mais do que isso, que é tomado como evidente por “nós”, mas esse “nós” não inclui somente eu e você, mas todos aqueles que pertencem ao “nós”, ou seja, a todos aqueles que possuem um sistema de relevâncias(suficientemente) semelhante ao meu e ao seu. (2012, p.201)

Ele mostra como nós encontramos nossas *consciências* nesse mundo e para onde ela a direciona. Esse mundo é o da vida cotidiana. É no mundo ordinário, que o cenário da apreensão das nossas experiências, são guiadas, onde podemos desempenhar diferentes papéis sociais na medida em que nós concebemos esse mundo. Goffman (1985), tratou da vida social

---

<sup>5</sup> No sentido Schutziano de Mundo da vida, dentro de uma abordagem fenomenológica, é o mundo onde o indivíduo está totalmente desperto, é a principal realidade de sua vida, trata-se das esferas totais da experiência de um indivíduo. (2012, p,348)

como um teatro, no qual estamos na maioria das vezes, representando diversos papéis acionando *fachadas*. Para ele, esse mundo tem a possibilidade da plasticidade, do orientar-se mediante o tempo, já que o “EU” é ator de si mesmo no palco da vida cotidiana.

Essa percepção do mundo, pode ser compreendida como uma forma de redução fenomenológica do fenômeno da “vida social”, onde o minguamento do mundo até a sua “essência” é apreendido socialmente, testado “ao longo do tempo”, somando esferas de costumes, tradições, e uma herança social que é transmitida, algumas enraizadas na condição humana (SCHUTZ, 2012, p.91) é nada mais do que perceber como esse mundo funciona com base no que o indivíduo percebe dele, nas suas miudezas, chegando nas profundas esferas das subjetividades individuais, de cada ser bem como na compreensão que eu tenho de mim e do outro.

Portanto a natureza dos fenômenos sociais, os códigos compartilhados, que nos permite que tenhamos contato, com outros (interacionismo-simbólico), partindo do indivíduo pra compreender os aspectos, microssociais da sociedade, até mesmo da própria individualidade o que os sujeitos pensam, sobre suas próprias relações, partindo da ideia da consciência de que o sujeito pensa do mundo e de si (do comportamento individual para o coletivo) e tendo como pressuposto do que o interacionismo-simbólico trata, como uma filosofia da vida . Dessa forma as relações sociais são caracterizadas pela relação entre o indivíduo e o mundo da vida em que são formadas por processos intersubjetivos onde são construídos tanto pela comunicação entre os sujeitos quanto pelas experiências humanas.

## **2.2 – Entre o Santo e a Planta- construindo uma história do Bairro**

O bairro São José, outrora Tucuns, compreende o que ficou conhecido como a “parte histórica” da cidade de Parnaíba situado as margens do rio Igarauçu “rumo” ao centro da cidade. o bairro é conhecido por muitos aspectos além de compor a arquitetura histórica da cidade. “O cheira mijo”, como também é conhecido, já foi palco de marinheiros que desciam do Porto das Barcas para aventurar-se às margens do rio Igarauçu nas embarcações que iam e vinham de diversos lugares com matéria prima de importação e exportação. O bairro também abrigara, uma massa de trabalhadores informais, vareiros, comerciantes, donas de casa que lavavam suas roupas na beira do rio, boêmios (PASSOS, 1982). Por ser um bairro localizado as margens da cidade, norteia alguns elementos que denotam precariedade em sua estrutura e saneamento básico como reforça Ferreira (2019)

Os bairros à margem do centro, local de moradia dos trabalhadores do comércio e do cais, vão estar sujeitos aos

problemas inerentes ao próprio lugar e entre eles podemos citar os alagamentos e a proliferação de doenças oportunistas devido justamente à falta de saneamento. A falta de água encanada era situação presente o que fazia com que as atividades diárias como a lida com a roupa e o abastecimento de água das casas fossem feitas diretamente no rio (p.49)

Os alagamentos, até os dias atuais é um problema que perpetua no São José; como moradora sempre ouvia até mesmo quem era de dentro do bairro, comentar, ou “zoar” ao dizer que no bairro São José “os carros são como as lanchas, as motos são como os *jet ski* e os pedestres são como os banhistas”<sup>6</sup>. Outras vezes, em época de fortes chuvas na região, ouvia que para poder sair de casa tinha que “pegar o bote” por ser área alagadiça, era comum ver alguns botes nas ruas das residências onde a cheia do rio mais prejudicava. Em uma matéria especial do jornal Inovação (1985) sobre as enchentes a manchete alertava para os riscos das cheias, pois além de deixar os moradores sem suas residências, também os deixava sem alimento, roupas, eletrodomésticos.

Figura 3 Jornal Inovação Ano VIII nº 52 março - maio 1985



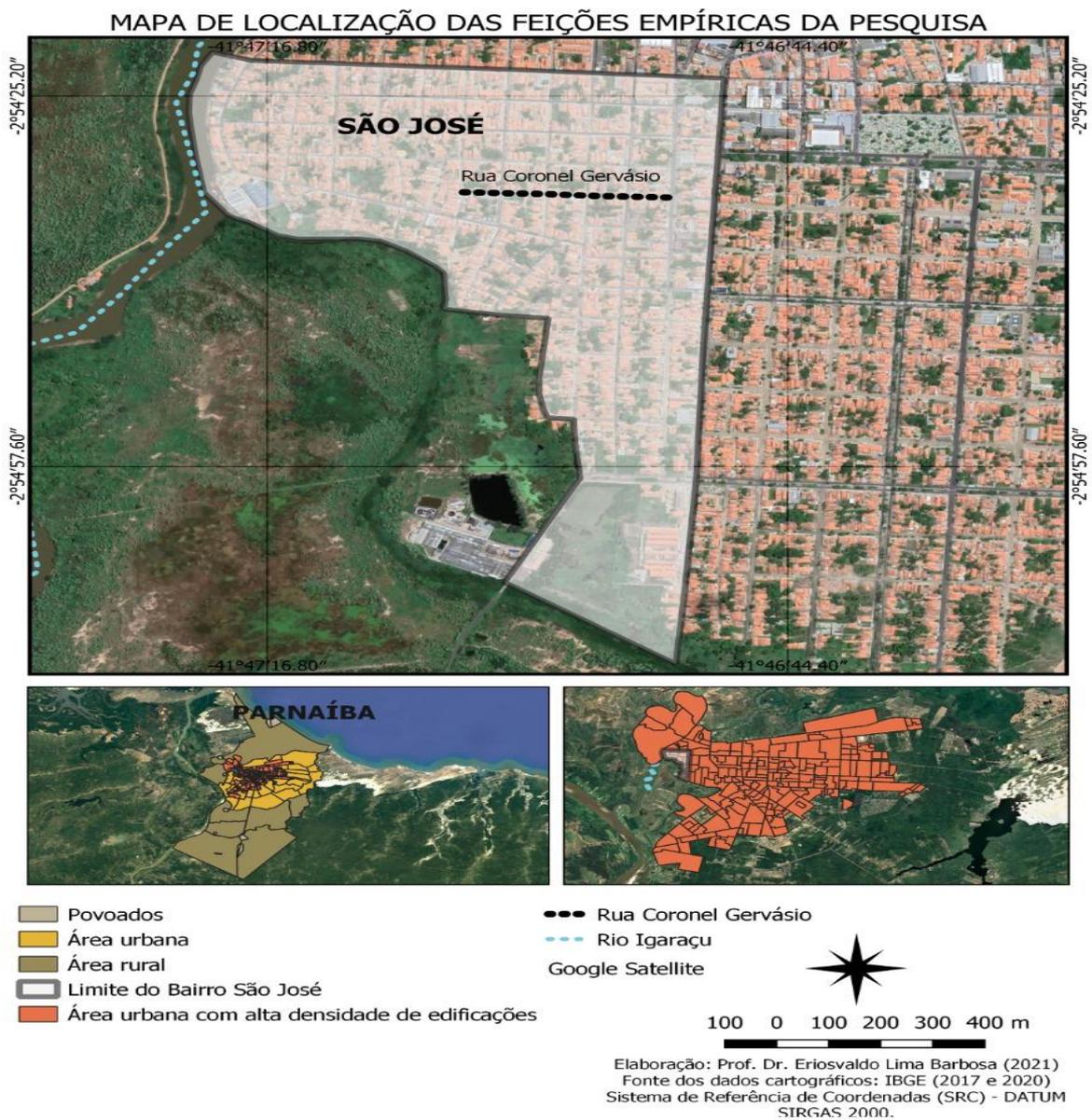
FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Para tanto, uma das causas que levou o bairro São José a uma possível decadência, e a um suposto sentimento de perda, de acordo com alguns moradores, foi em parte, em decorrência das inundações fazendo com que à procura por residência nesse local diminuísse

<sup>6</sup> Referência a propaganda da Marinha do Brasil da Campanha de segurança do mar de 2010;

consideravelmente, apesar da sua proximidade com o centro da cidade, o que de certo valorizava a venda de imóveis na região. O bairro São José compreende hoje o seguinte perímetro: ao norte – Santa Casa de Misericórdia, ao sul – Rio Igarauçu, ao leste - Avenida Álvaro Mendes e ao oeste – Rio Igarauçu.

Figura 4 mapa de localização das feições empíricas da pesquisa



Logo, ao amparo das margens do rio Igarauçu (figura 6), o bairro Tucuns surge, gradualmente, juntamente com os bairros Quarenta (Mendonça Clark) e Coroa (Bairro Do Carmo) Estes compreendendo o perímetro central da cidade, com características próprias, de

arquitetura e composição histórica e geográfica que faz parte do processo de expansão da cidade entre o centro e as margens. Três extensas ruas incluem o perímetro do bairro, sem incluir a Quarenta e a Coroa, são as ruas: Vera Cruz, Rua Barão e a rua Sete de janeiro (Rua do Tamancão), hoje o bairro é composto por 83 casas dispostas (Figura 4).

No bairro também se encontram duas praças em seu envoltório: a praça Antônio do Monte e a Praça José Narciso; além das escolas municipais: Godofredo de Miranda, na rua General Taumaturgo, Coração Imaculado de Maria, na rua Coronel Gervásio e a Escola Comercial do Círculo Operário São José na rua Emílio Falcão Costa, esta última desativada. O bairro possui ainda duas igrejas católicas, a Igreja São José, localizada na rua Monsenhor Roberto Lopes e a da Nossa Senhora da Conceição, localizada na rua do Tamancão, uma igreja Batista, uma Neopentecostal e um Centro Espírita localizado na rua Vera Cruz bem como a Santa Casa de Misericórdia e recentemente vem sendo construído uma pequena Marina (VM Marina Club), ao final da Rua Barão do rio Branco, comportando lanchas e combustível para embarcações de pequeno porte, onde antes era a antiga Casa de Curtumes. Além disso, em seu entorno se encontra a Fundação Raul Furtado Bacellar, na Rua Vera Cruz, o Sindicato dos Pescadores, na rua Barão, e o mercado da Quarenta<sup>7</sup> onde há circulação de pessoas de vários outros locais, abrigando o terminal principal de vans e ônibus da cidade, compondo assim um grande fluxo de pessoas que não moram na região, mas que são levadas para lá seja pelo comércio popular, trabalho, ou como um ponto de passagem.

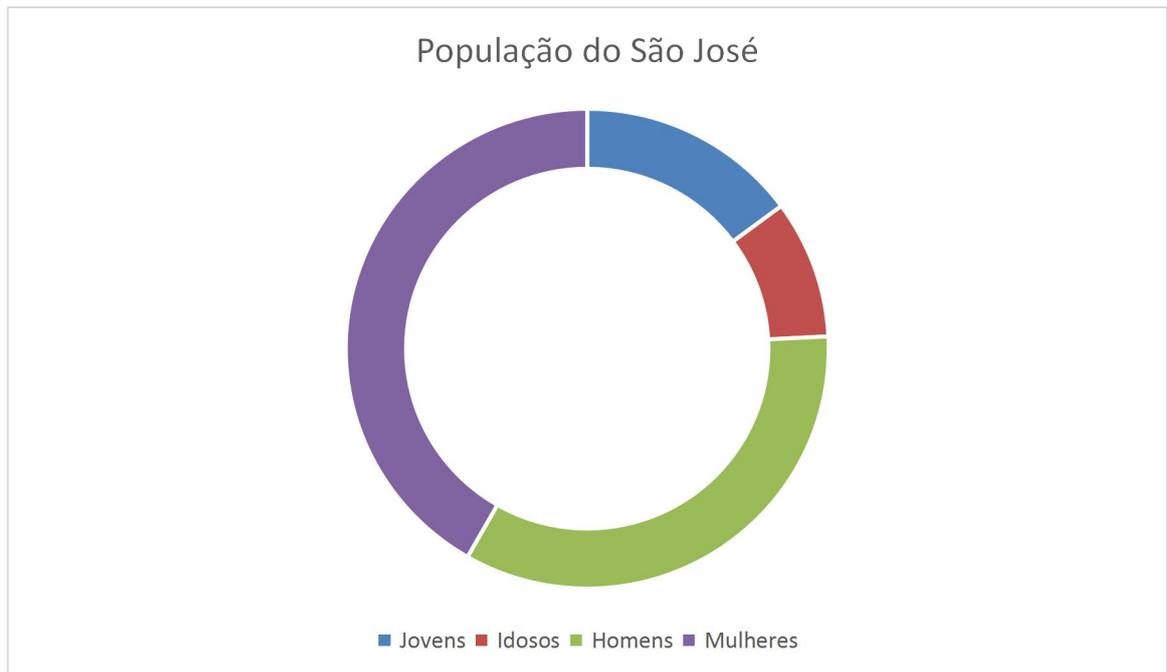
O bairro possui atualmente, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), uma população com cerca de 5,576 habitantes, o que corresponde a 3,7% da população total de Parnaíba, estimada em 153.482 habitantes<sup>8</sup>. No bairro, de acordo com o último censo (2010), existem mais mulheres do que homens, com 55,06% de mulheres e 44,94, de homens. A população jovem entre 15 a 25 anos compõe 19,6% e idosos a partir de 65 anos e correspondem a 12,3% como podemos acompanhar de acordo com o gráfico (Figura 4)

---

<sup>7</sup> O Mercado da Quarenta, antes conhecido como Munguba, é onde se localiza o mercado central, que na verdade compõe o bairro Mendonça Clarck que para alguns moradores ficaria “dentro” do bairro São José por não ter limites bem definidos onde há uma separação, é também onde grande parte da população do bairro frequenta diariamente.

<sup>8</sup>IBGE 2020.

**Figura 5 Gráfico da porcentagem da população do bairro São José por idade**



FONTE: IBGE, 2010

Lembro-me que ao iniciar a pesquisa, minhas impressões da população do bairro foram diferentes da que o censo apresentou. Nesse caso, acreditava haver mais idosos à jovens, à medida que ia vendo o bairro, pois geralmente, tanto na rua em que pude observar como no ao longo das caminhadas no bairro, eram os idosos que mais se destacavam no perímetro do bairro: praças, bares, beiras de calçada, esquinas, igreja, padaria, ficando aos jovens a praça José Narciso, e algumas esquinas, onde apenas podia ser observado um grupo seletivo frequente. Pude observar também, que, em grande parte, os jovens ficavam ou nas esquinas de suas casas ou de colegas mais próximos, mas nunca muito longe das suas residências.

O bairro é composto, em grande parte, por um conjunto de casas simples, todavia, as residências que beiram o rio possuem uma arquitetura diferenciada, apresentando calçadas altas, com fachadas mais modestas, algumas construídas com tijolos de adobe e várias casas conjugadas. Já as residências próximas ao centro possuem suas calçadas mais baixas, rente à rua e com aspectos mais abastado. Visivelmente podemos perceber as diferenças arquitetônicas e sociais do bairro entre as ruas e casas que beiram as margens e as que estão próximas ao centro.

Mesmo com todas as transformações urbanísticas e arquitetônicas, o bairro, ainda é visto pelo o que era antigamente, tanto pelo nome que carregava (Tucuns) como por sua formação histórica, pois alguns moradores, em especial os mais velhos, que ainda o chamam

de Tucuns. Mas mais do que sua formação histórica, o sentimento de pertencimento para com o bairro é carregado de afeições, adjetivos e saudosismo. De acordo com Caio Passos, o bairro era apenas uma grande mata fechada, carregada de uma planta chamada tucum<sup>9</sup>, e como tudo deriva de uma origem, o contar de Passos sobre a origem do bairro soa quase como um conto poético daquele local.

Era uma mata cerrada. O tucum, planta da família das palmáceas que dá um coco bom e gostoso, imperava na região. O rio “caminho que anda”, deslizava. O homem, este aventureiro audaz, começou a fazer às margens do rio Igarapu, as suas casas de barro batido, cobertas das palhas dessas palmeiras balouçantes ao vento. Era um novo povoamento que nascia dentro da mata, em busca de um horizonte, de um amanhã, cheio de sol. Dentro de pouco tempo estava formada a Rua do Tamancão, bem na beira do rio. A sua denominação surgiu do hábito dos seus moradores usarem rústicos tamancos, por ser zona alagadiça. E o apelido pegou, até que passou para sete de janeiro, isto em 1893[...] Ali moravam as famílias que faziam do rio seu tesouro encantado. Eram vareiros, canoieiros e pescadores. E foi assim que surgiu o Bairro dos Tucuns, sob o signo do trabalho e da tenacidade do homem que se levanta ao nascer do sol e se deita ao faiscar das estrelas. (1982, p. 44)

O bairro teria 107 anos de idade de acordo com sua primeira planta. Quando seu traçado definitivo feito pelo Intendente Municipal Cel. Constantino Correia o construiu (Figura 5). Atualmente o bairro é composto por 25 ruas. Entre estas existe uma avenida principal que dá acesso ao centro e ao antigo porto de exportação da cidade. Durante este trabalho, observei que existe entre os moradores um sentimento de estima ao bairro, as suas casas e as suas ruas. Assim como dito anteriormente, um sentimento de que o bairro não é mais o que era antes. Em uma entrevista com um antigo morador do bairro e da cidade, que hoje reside em outra cidade, mas mantém seus vínculos ainda com o bairro fala um pouco sobre a condição do bairro “antigamente”.

“O bairro era muito movimentado, principalmente aqui pra baixo, pois as embarcações motorizadas faziam o transporte de passageiros e cargas entre Parnaíba e povoados e as cidades do Maranhão e Ceará no sentido rio acima. As ruas eram todas de areia. Mas durante a década de 70 começou a aparecer problemas que não tínhamos mesmo sendo famílias simples e humildes, mas era um povo que procurava viver da melhor maneira. Como sempre teve muitos bares no bairro, alguns cabarés. Com o tempo que isso foi acabando, as drogas começaram a entrar, que já existia, mas era pouca. Tinha as brigas de bairro, mas o bairro era seguro. Na minha época, não existia isso que começou na década de 70 e ta aí até hoje. O São José não é mais o Tucuns que eu conheci. Os maconheiros nas esquinas e na beira do Igarapu, é só o que tem hoje pra se ver” (Francisco, contador, 57 anos, casado)

---

<sup>9</sup> Denominação comum a diversas palmeiras, em geral cespitosas do gênero *Astrocaryum* e *Bactris*, nativas da América do Sul, especialmente do Brasil; Palmeira de grande porte, que se encontra principalmente nas regiões Nordeste, Norte e Centro-oeste. <https://www.embrapa.br/meio-norte>

Figura 6 Mapa de 1928 do traçado da cidade de Parnaíba, seta indicando o bairro Tucuns



FONTE: ACERVO DO INSTITUTO HISTÓRICO CASA ANÍSIO BRITO - TERESINA-PI

É nesse ambiente que os espaços aqui observados também interagem em um tempo histórico e presente na memória, delineando aquela condição, ao qual usei anteriormente, para se falar sobre: “o outro lado do centro de Parnaíba” e que implica, de algum modo, as classes estigmatizadas e marginais entre o século XIX e XX, que abordei no capítulo anterior, mas que ainda persiste em nossa contemporaneidade. Na fala com o Sr. Francisco, é notável o sentimento de saudade em relação ao bairro de antigamente. Para ele, o ‘São José’ é diferente do ‘Tucuns’, pois foi perdido o verdadeiro *ethos*<sup>10</sup> do bairro, assim, não era mais o povo que, mesmo pobre e humilde, “procurava viver da melhor maneira”, mas agora os “maconheiros” que começam a tomar conta do bairro e “desmoralizar” aquele ambiente do trabalhador dito honesto, que labutava cotidianamente no antigo bairro dos Tucuns.

A ênfase nesse aspecto salienta o imaginário do bairro em relação à cidade e a contradição sobre ser um bairro por hora tranquilo de se viver, mas também conhecido por ser ponto de drogas na cidade, enfatizado também pela mídia local, que ainda coloca o bairro como região “problema” e um dos fatores é a sua proximidade com o bairro vizinho, o Mendonça Clark, algo que também persiste no imaginário de alguns moradores do bairro, como pude perceber na fala de alguns moradores. Mesmo com a imagem estigmatizada

<sup>10</sup> De acordo com o dicionário de Sociologia de Boudon (1990, p.99) o *ethos* é uma ordem normativa interiorizada, um conjunto de princípios mais ou menos sistematizados que regulam a conduta da vida. O *ethos* é um conceito abstrato que correspondem indicadores empíricos nas esferas econômica, religiosa, moral, etc.

elaborada pela mídia e pelos moradores, ainda assim, o bairro para grande parte das pessoas, ainda é o lugar onde a saudosa Parnaíba nasceu.

Nesse processo, percebemos que para além das mudanças estruturais ocorridas com o bairro durante toda a sua formação histórica, vale aqui ressaltar que, a mudança dos nomes de alguns bairros de Parnaíba, passou pelo processo do qual eles denominaram de “santificação”, uma vez que os nomes “originais” dos bairros foram substituídos por nomes de santos católicos, sendo esse processo visto por alguns como um corte cultural na memória e caracterização da cidade, mas para outros, era vista como uma forma de entrar na modernidade, começando pelo nome, como diz em uma matéria no jornal Inovação

Parnaíba vem se descaracterizando em todos os sentidos. Começando pelo cultural até ao da denominação dos bairros. O macacal hoje é o bairro de Fátima; os Tucuns Bairro São José; a Guarita, São Francisco, e vai por aí afora, a cidade perde um lado histórico marcante (Jornal Inovação, junho de 1986, p.7).

No entanto, essa descaracterização, que o jornal descreveu de modo um tanto indignado, fora esclarecida pelo antigo prefeito, Lauro Correia, que exerceu seu mandato nos anos de 1963 a 1967, esclarecendo em entrevista ao mesmo Jornal Inovação, que os nomes dos bairros teriam sido mudados a pedido dos próprios moradores:

Não foi de minha iniciativa os projetos de lei que mudaram os nomes dos bairros da cidade, e sim de vereadores. Os vereadores de Parnaíba em legislaturas, anteriores à minha administração, alteraram os nomes de alguns bairros, tais como: Macacal, Tucuns e Coroa. Com efeito, os moradores do Macacal, dizendo-se não serem macacos, pediram a substituição por bairro de Fátima. Analogamente, os moradores do bairro Tucuns dizendo – se humilhados com a denominação que os inferiorizava, solicitaram por abaixo assinado, a mudança do nome de Tucuns para São José, nome da igreja existente no bairro (Jornal Inovação, dezembro 1986, p.02).

Sáímos do bairro Tucuns e entramos no São José, mas não saímos de corpo e alma, temporariamente, saímos em rumo de uma “nova identidade”, caracterizada pelo jornal e por alguns moradores como uma “descaracterização” de uma tradição, São Joé *versus* Tucuns. Santo padroeiro dos trabalhadores, São José Operário sua estátua está na praça principal do bairro (Praça José Narciso), é quem dá o nome da igreja que compõe o bairro, (Paróquia de São José Operário), onde é comemorado um dos festejos mais frequentados pela população, que mesmo em tempos diferentes dos de costume, sua imagem circulou pelas ruas do bairro

**Figura7 Imagem de São José Operário circulando pelo bairro no Festejo (março 2020)**



FONTE: (ARQUIVO PESSOAL)

### **2.3 “Aqui é minha vida” – Envelhecimento e Pertencimento no bairro São José**

Um dos acontecimentos sociais e demográficos que se tornou bastante relevante nas últimas décadas (ZANCHI, ZUGNO, 2012) é o envelhecimento humano. As pessoas são vistas como diferentes, embora involuntariamente, como um desvio do normal social. Os outros, categorizados dentro de um grupo de “idade normal”, muitas vezes tem dificuldades em se colocar no lugar dos mais velhos na experiência de envelhecer (ELIAS, 2001, p. 70-80).

De acordo com Le Breton (2013), o envelhecimento é intolerável. Nossa sociedade atribui ao envelhecer ao corpo desfeito, ao indesejável. Como forma de uma rejeição social, mais ou menos branda, que distingue a velhice colocando-a em relação à sociabilidade ordinária, discerne-se, com efeito, o trabalho social de uma marca. A pessoa idosa tem na marca de seu corpo um lembrete da precariedade e da fragilidade da condição humana. Vivemos em uma sociedade que cultua a juventude e talvez tenha perdido o sentido do quão simbólico é o envelhecer e o morrer.

Na esfera individual o envelhecimento é um processo que por sua vez, produz modificações graduais em diversos sistemas, orgânicos. O bairro São José vai envelhecendo junto com seus moradores, hoje, é conhecido como o “bairro dos véi”, uma identidade que remete aos seus moradores e a própria historiografia do bairro. Na sociedade ocidental, marca a redução progressiva ao corpo ou como diz Le Breton, é como se fosse uma espécie de escravização a uma dualidade que opõe o sujeito ao seu corpo e o torna dependente deste último. (2013, p. 226). É interessante ressaltar que, no âmbito de gênero, a velhice para as

mulheres idosas, há uma representação social na qual, a mulher idosa: aposentada, viúva, abandonada pelos filhos, troca de moradia, e até mesmo impossibilidade de viver a vida por consequências de problemas físicos, (ZANCHI, ZUGNO, 2012, p. 357) ressalta que, nós mulheres, ao envelhecermos, tivéssemos um “prazo de validade” no decorrer da nossa existência. Dessa forma, a velhice marca de forma desigual, no juízo social, a mulher e o homem, a mulher por perder socialmente a sedução da juventude, em contrapartida, o homem ganha experiência por ter como valor sua energia e força vital, pois nele se valoriza a experiência e a ‘maturidade’.

Ao que diz respeito a rua CGS, grande maioria dos seus moradores são idosos e idosas, alguns vivem sós ou com netos e netas, restando aos filhos apenas visitas rápidas, de finais de semana, ou datas comemorativas como dia das mães ou dia dos pais. É comum ver carros nas portas das residências em períodos assim, depois o vazio retorna as ruas e calçadas.

A crueldade que se expressa não somente nas relações velho e velha, mas também na zombaria para com ambos. Certamente, antigamente em grande escala do que hoje em dia, mas ainda persiste. Está intimamente relacionada a uma mudança característica nas relações interpessoais, que tem lugar quando as pessoas envelhecem ou estão perto da morte, pois quando envelhecem estão mais dependentes dos outros, e menos fortes que os jovens. Então, a forma como as pessoas dão conta, quando envelhecem, de sua maior dependência dos outros, da diminuição da sua força, difere de uma para outra, pois depende de todo o curso de suas vidas e, portanto, da estrutura de sua personalidade.

É interessante ressaltar que de certas coisas que os velhos fazem, em especial, as coisas estranhas, podem estar relacionados ao receio, ou até mesmo medo, de perder a força e a independência, de perder o controle de si mesmo (ELIAS, 2001, p.82), a teimosia é um exemplo; ainda, Eclea Bosi (1994) nos lembra de que aos velhos devem-se poupar os seus conselhos, e designa-los um papel passivo da sua existência, priva-los da sua liberdade de escolha. O dar conselhos torna-se uma opção antiquada (OLIVEIRA, 2011, p.22), pois, a sabedoria atribuída ao idoso está em extinção.

Elias e Le Breton dizem sobre o isolamento dos idosos, hoje, nas sociedades tidas como industrializadas, o Estado protege o idoso como qualquer outro cidadão da violência física.<sup>11</sup> como na imagem acima que ilustra o casal de idosos cuidando um do outro, sem amparo de filhos(as), que enfatiza também, que ao envelhecer as pessoas ficam mais fracas, e

---

<sup>11</sup> O art. 9 do estatuto do idoso assegura que é obrigação do estado garantir à pessoa idosa a proteção a vida e da saúde mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o envelhecimento saudável e em condições de dignidade.

são cada vez mais isoladas da sociedade e, portanto, do círculo de familiares e dos conhecidos. Mesmo com o alto grau de individualização, a maioria das pessoas em nossa sociedade forma, antes da aposentadoria, laços afetivos não só com a família, mas com um círculo maior ou menor de conhecidos. Assim, o envelhecimento é geralmente acompanhado pelo esgarçamento desses laços que ultrapassam o círculo familiar mais estreito. A velhice é, portanto, um sentimento (LE BRETON, 2013).

Tomando como base esses pressupostos, observamos que o idoso está intimamente ligado na relação que é estabelecida entre os atores sociais do bairro São José, bem como, é uma das marcas, do bairro. Hoje em um menor número, os idosos estão constantemente ocupando os espaços de maior visibilidade, sejam nas portas de suas casas, nas igrejas, nos mercados centrais, ou andando de casa em casa em busca de “ter o que falar” ou com “alguém para conversar”. Por ter sido criada por idosos, e por perceber que grande parte dos jovens da rua CGS, tiveram essa mesma realidade, como mostra a figura 10, um dos entrevistados cedeu essa imagem da sua avó pouco antes de falecer, percebemos o afeto, o sorriso no rosto, pois foi quem o criou, de acordo com ele. A figura materna, nesse caso, foi a avó, fato bastante comum na rua coronel Gervásio, daí vê-se a importância que os idosos, e os moradores idosos do bairro têm que influencia no imaginário da identidade do bairro, existindo o sentimento de pertencimento como forma de viver o cotidiano, como marca presente na configuração estrutural do bairro.

O bairro é recordado pelo o que já foi, assim como marca da cidade. Os velhos estão em simbiose com o passado, como lembra Drummond “*Todos nasceram velhos - desconfo, em casas mais velhas que a velhice, em ruas que existiram sempre*”. Estão ligados em sintonia com as memórias, lembranças, com a vida, com a história presente, sem suas memórias e recordações, não poderíamos fazer esse trabalho, por exemplo, sem suas histórias de vida, sem seus apegos emocionais ao passado e ao presente que lateja com a memória do que um dia foi o bairro e a cidade.

Busquei neste capítulo discutir sobre o que faz do bairro Tucuns um espaço para as relações sociais se efetivarem, e encontrar sentido no mundo social, através da sua historiografia bem como do sentimento de pertencimento, e através do envelhecimento que é um importante para análise do cotidiano moderno e das formas que ele se efetiva, na configuração atual do bairro. No próximo capítulo, discutirei sobre a cidade, e a promessa industrial, bem como o sentimento de ressentimento que foi percebido pelos moradores do bairro em relação a cidade e ao bairro estudados.

## CAPÍTULO III

### A CIDADE: Parnahyba e a “Modernidade”: uma promessa sedutora

*“A menina se transformava em moça, e precisava de um vestido novo: a Vila de São João da Parnaíba, era agora, a cidade de Parnaíba (...) tomou corpo, hoje é mais bela. Ou melhor, sua antiga beleza desabrochou como um botão de rosa e passou a perfumar o Brasil com maior intensidade; certamente Parnaíba crescerá mais, e a menina-moça, tem em sua predestinação a dita de uma adulta feliz, de uma cidade luz porque traz em suas raízes o estigma do desenvolvimento” (S. Genuína, Jornal Inovação, 1985, p. 3)*

#### 3.1 A cidade e a promessa industrial

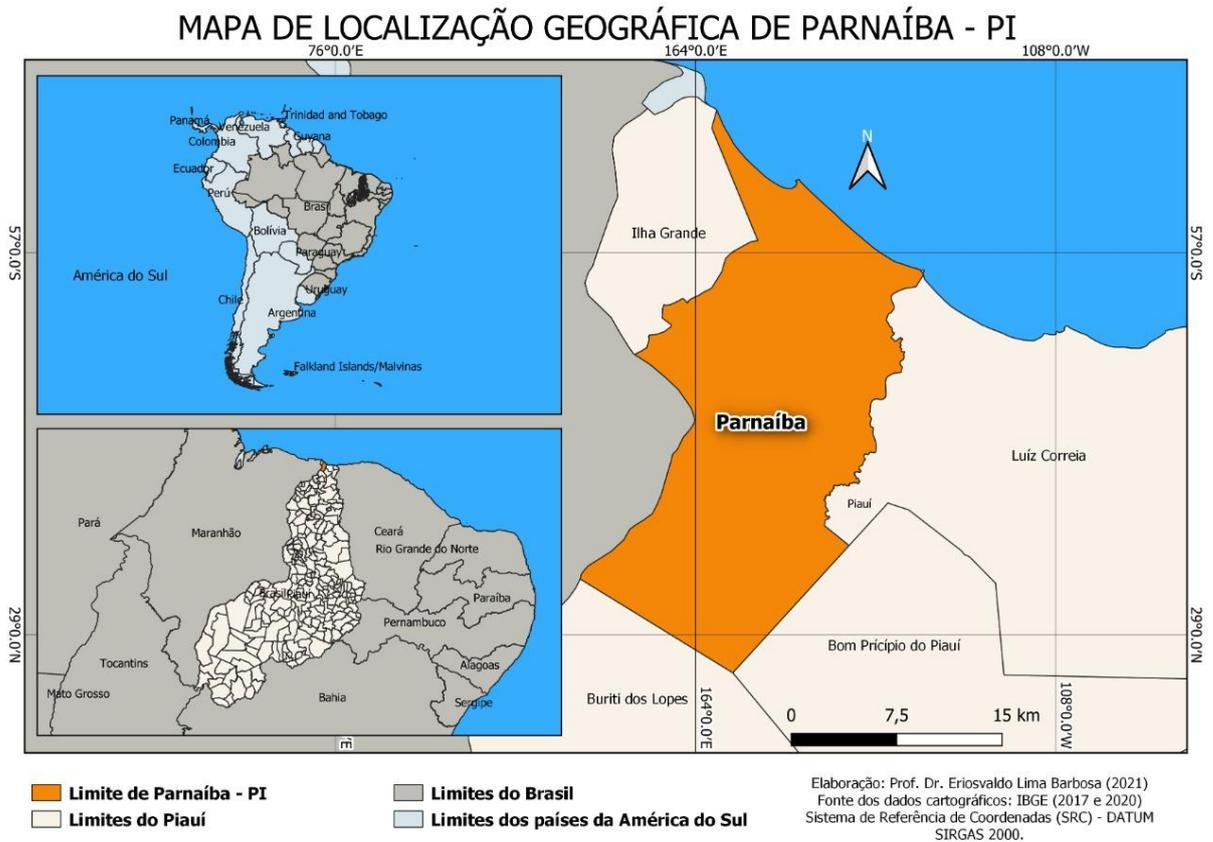
Dessa forma o jornal Inovação, na edição do Almanaque da Parnaíba, traz a crônica em comemoração aos 141 anos da cidade cujo título *Parnaíba: uma cidade que aniversaria*, onde a autora retrata a cidade como uma menina prestes a tornar-se moça, uma analogia daquele período em que a cidade passara por transformações políticas, sociais, culturais e estéticas.

É praticamente impossível, a meu ver, falar de bairro sem falar de cidade. Afinal de contas, o bairro está transcrito no tempo e no espaço da cidade, assim como suas ruas, avenidas, seus habitantes, e o próprio cotidiano está disposto no ambiente da cidade. Pensando nisto, este capítulo busca discutir um pouco sobre a historiografia da cidade de Parnaíba, pois falar da historiografia da cidade é falar do bairro São José e analisando a transição de Vila para Cidade, a partir da segunda metade do século XX. O recorte retrata o período de maior agitação no cenário da cidade que tem como contexto a economia extrativista bem como o surgimento do bairro São José no alvoreço processo de industrialização. Para isso, trarei algumas falas de seus moradores, acerca da percepção que alguns deles têm sobre a cidade, tendo em vista, a modificação do espaço urbano na contemporaneidade, pois acredito ser importante saber, afinal, que cidade é essa?

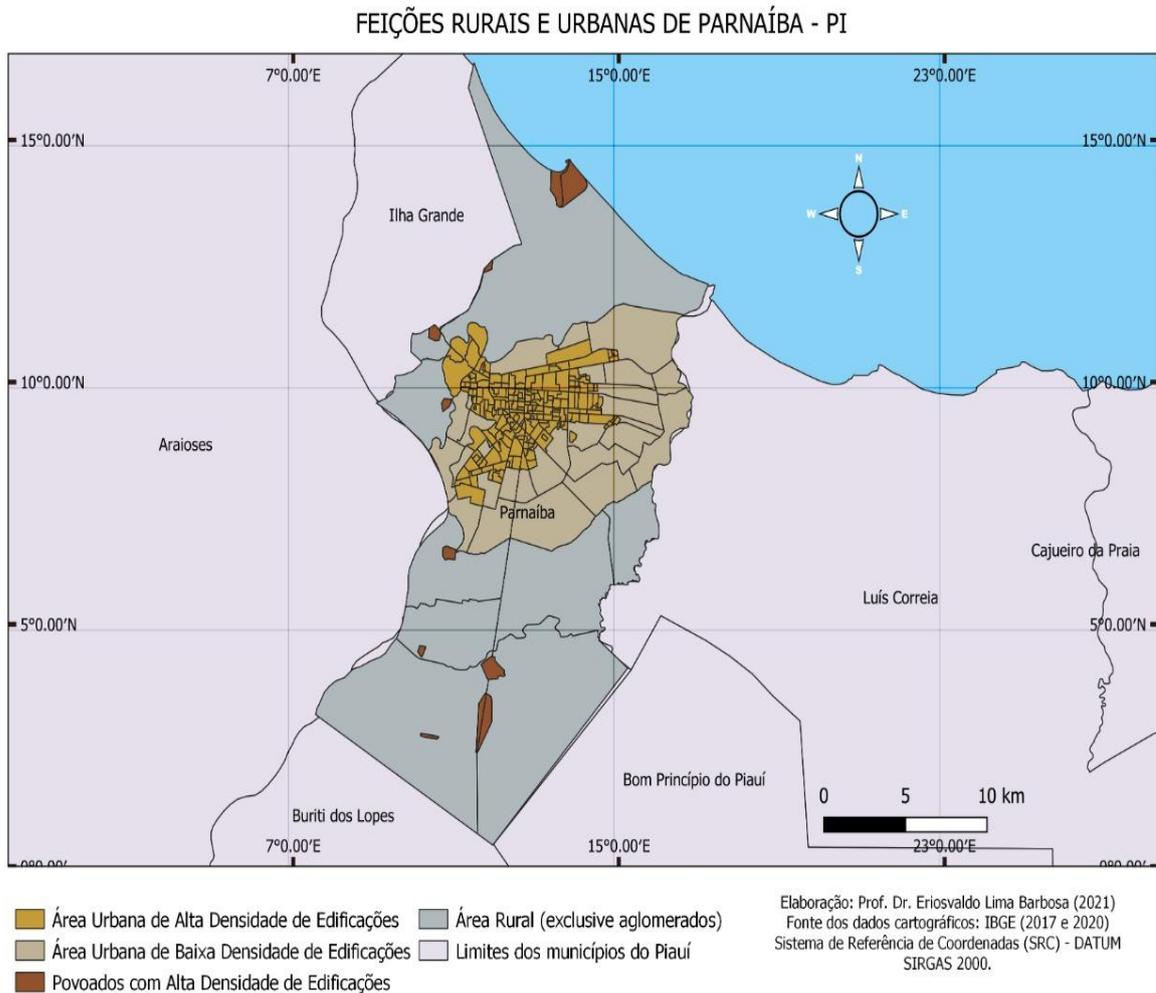
Parnahyba é uma cidade situada no litoral do Piauí, ao norte do estado, cortada por dois rios importantes, o rio Parnaíba e o rio Igarçu. O primeiro localizado entre o Maranhão e o Piauí, faz parte do Delta do rio Parnaíba, que nasce na Chapada das Mangabeiras e desagua no Oceano Atlântico, o segundo é um dos afluentes do rio Parnaíba que em proporcionava ligações com o comércio internacional (Amohim, 2017) como veremos mais adiante.

A cidade possui uma extensão territorial de 435.942 km<sup>2</sup> sua posição geográfica é de 5 metros de Altitude: Latitude: 2° 54' 14" Sul, Longitude: 41° 46' 35" Oeste. De acordo com dados do IBGE (2020) a população atual está estimada em 153.482, comparado ao censo anterior (2010) que mantinha uma população de 145.705 pessoas e a densidade demográfica é de 334,51 hab/km<sup>2</sup>. Os municípios vizinhos são Buriti dos Lopes, Ilha Grande, Bom Princípio, Luís Correia e Araisões (MA), o clima se caracteriza como tropical úmido (IBGE, 2010).

**Figura 8- Posição geográfica de Parnaíba no mapa do Piauí**



**Figura 9 Feições rurais e urbanas de Parnaíba**



Historicamente a Vila de São João da Parnaíba servia como polo econômico significativo para o Piauí e a região Nordeste, onde no período colonial, mantinha uma tradição tida como rural. Sergio Buarque de Holanda (1995, p.73) entende que: “É efetivamente nas propriedades rurais que toda vida na colônia se concentra durante os séculos iniciais da ocupação europeia: as cidades são virtualmente, senão de fato, simples dependências delas”. Eram as fazendas de gado que determinavam a forma da ocupação do solo. Sobretudo, de acordo com Mott, a probabilidade de que essas fazendas se urbanizassem era muito distante devido à baixa concentração demográfica.

[...] Tem circunvizinhos alguns moradores na distância de 1 légua, que tratam de algumas pequenas roças de mandioca, milhos, arrozes, que nem a terra admite agricultura abundante por mui seca no verão e não haver com que regar, e por serem muitas as enxurradas no tempo do inverno. Como a maior parte dos fregueses são criadores de gado vacum e cavalari e não podem comodamente morar junto da vila, se acham dispersos por vários riachos morando com suas famílias para com comodidade tratarem da criação de seus gados. (MOTT, 2010, p.55 apud IHGB, p.502-510).

Dessa forma a Carta Régia de 1761 e expedida, passava a autorizar a criação de novas vilas, pois a Capitania de São José do Piauí contava apenas com a Vila da Mocha, que depois se tornara Oeiras, então em 1762 é que a Vila de São João da Parnaíba vai aos poucos tomando forma

Em 18 de agosto de 1762, instala-se a nova Vila de São João da Parnaíba; o local escolhido foi uma grande fazenda de gado chamada “Testa Branca”, com quatro residências, oito brancos livres e onze escravos, e também próxima à região do Delta e do Porto das Barcas (MELO, p.44, 2012).

Melo (2012 apud Silva Filho, 2017) relata que Parnahyba tornou-se a primeira vila que teve um plano regulador prévio diferente de outras cidades, isso é importante, pois o bairro São José tentou se inserir neste plano, além de tudo, a cidade buscou ser o único centro urbano a construir duas igrejas em uma mesma praça, a saber, a Matriz de Nossa Senhora das Graças e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. A vila então se torna polo de desenvolvimento importante para a integração do Piauí na economia internacional, por abrigar um forte porto (Porto das Barcas), colocando o estado em destaque no cenário econômico até o século XX.

A Vila de São João da Parnaíba vestia seu “novo vestido”, ao colocar o Piauí em destaque no processo de industrialização, onde até meados do século XIX a pecuária era a atividade comercial econômica mais desenvolvida no Piauí. Dessa forma, economicamente, o estado entrava em uma nova etapa econômica: o mercado internacional. No entanto, ainda a passos lentos em relação ao centro-sul (SILVA, 2012), pois a dependência comercial com o Maranhão, fez com que os objetivos de alavancar a economia piauiense tomassem novos rumos; a abertura das vias comunicacionais e a facilidade com os meios de transporte.<sup>12</sup>

Os dados atuais da população de Parnaíba a coloca na categoria de cidade média, por possuir um número acima de 20 mil habitantes. A guisa do pensamento miltoniano, enquadraremos Parnaíba, na categoria de “cidade local”, que é caracterizada pelo autor como uma cidade que deixa de servir as necessidades primárias para servir as necessidades da população de forma geral, respondendo assim, as carências indispensáveis dos moradores, o que irá implicar, em uma vida de relações sociais. (SANTOS, 1982, p.71)

Nota-se que esse fenômeno traz à tona a mudança Parnahyba/Parnaíba, nas suas relações mais ínfimas. Ao impulsionar o processo de industrialização pelo comércio através do que Milton Santos (1993) chama de “movimento do meio técnico científico” (o momento

---

<sup>12</sup> De acordo com Silva (2012, p.18) apenas no século XIX que o rio Parnaíba foi considerado como um meio de transporte para inserção do Piauí no mercado internacional.

em que o “campo” começa a se “modernizar”) <sup>13</sup> seja com maquinaria, ou com materiais que são indispensáveis para a produção efetiva da comercialização<sup>14</sup>.

Santos (1993) entende que a cidade se torna reguladora do que é feito no campo: com as mudanças no espaço agrário brasileiro em virtude de “inovações tecnológicas” o que ocasionaria uma ‘metamorfose’ nas relações de trabalho e de produção, produzindo modificações do espaço urbano brasileiro. Essas modificações por sua vez, vão surgindo no momento em que a sociedade industrial vai impondo aos indivíduos um ritmo de vida disciplinado, estamos falando do início do século XIX, em que o entrar e sair das fábricas, o tempo de trabalhar e ir embora, o tempo do almoço, impunha uma rotina como quase que “sagrada”, fazendo surgir nesse espaço a *vida cotidiana*. Assim, a “cidade dos notáveis” de Santos começa a aparecer à luz desse processo que altera as formas do tempo, do cheiro, do ritmo e do espaço, do qual nos fala Eisner (2009).

Antes, eram as cidades dos notáveis, hoje se transformam em cidades econômicas. A cidade dos notáveis, onde as personalidades notáveis eram o padre, o tabelião, a professora primária, o juiz, o promotor, o telegrafista, cede lugar à cidade econômica, onde são imprescindíveis o agrônomo (o que antes vivia nas capitais), o veterinário, o bancário, o piloto agrícola, o especialista em adubos, o responsável pelos comércios especializados (SANTOS, 1993, p. 51).

A Vida Cotidiana emerge no espaço, como construtor de um longo processo complexo da produção social e de suas subjetividades na vida dos sujeitos que estruturam a sociedade. Como diz Lefebvre, “*é um conjunto de operações, e não pode se reduzir a um simples objeto*” (p.29). Portanto, o espaço é visto aqui como concreto, nascendo junto à sociedade, é parte fundante das relações políticas, sociais e econômicas.

Este espaço é vívido, não amorfo. Dessa forma se revela como possibilidade de compreensão da vida (NÓBREGA, 2017). É tudo isso, e tudo aquilo que se revela como formas do mundo da vida. Esse é o espaço que nos interessa falar aqui, onde, seu conceito liga o cultural, o mental, o social e o histórico (LEFEBVRE, 2006, p.06).

Como motor de transformação da sociedade (Lefebvre, 2001), o processo de industrialização é característico das sociedades urbanas. Foi a expansão das trocas, a produção mercantil do mundo da mercadoria, que gerou a industrialização. Nesse sentido, Parnahyba torna-se grande centro de importação e exportação, através do comércio marítimo e fluvial, famílias de todo lugar vinham em busca de “novos rumos”, proporcionado pelo crescimento do mercado externo, onde franceses e ingleses, se instalavam na pequena Vila buscando seu espaço

---

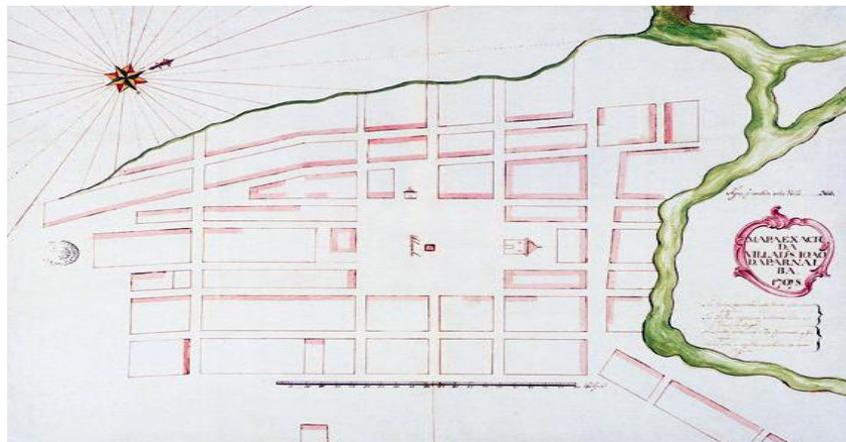
<sup>13</sup>Mais à frente trataremos com mais acuidade dessa categoria;

<sup>14</sup> Sobre este assunto ver a Dissertação de Mestrado

Na segunda metade do século XX, gente que vinha de longe se instalou no Piauí: franceses e ingleses em Parnaíba; Italianos em Picos e adjacências; sírios em Floriano e Teresina. No fundo, ainda que variassem os motivos que os fez deixar a pátria, ao chegarem tinham interesses em comuns: queriam *Fazer a América*, mudar de vida e prosperar. Os traços da presença dessas famílias estão um pouco em toda parte. No comércio, nas ruas e avenida, nos meios de comunicação e na política do Piauí. (ARAÚJO EUGÊNIO, 2006 p.9)

Não demorou, para que o poderio do mercado se estendesse concorrendo com o Rio Grande do Sul e suas indústrias de charque. Vemos o algodão, o couro o fumo fazendo crescer o comercio extrativista (MELO, 2012). Logo, com a utilização do rio, agora como meio de transporte fluvial, as portas do comércio se abrem mais ainda, para um grande número de empresas de navegação. Muitos são os registros desse período em que o comercio externo se expandia, especialmente em estudos de historiadores locais (VAGNER, 2017; VERAS, 2020, SILVA, 2012; SILVA, 2018; LIMA, 1987) o tema da riqueza e dos tempos áureos que a cidade atravessava nesse período fora bastante contemplado, de acordo com Fernandes (1998), as empresas que compunham o leque de exportação eram: Morais S.A, Casa Inglesa, Casa Marc Jacob, Pedro Machado S.A<sup>15</sup>, bem como a família portuguesa Dias da Silva<sup>16</sup> e a sua contribuição dentro do *boom* econômico parnaibano.

**Figura 10 imagem da construção de Parnahyba**



FONTE: REIS, 2000.

<sup>15</sup>As indústrias MORAES S/A têm um papel fundamental na consolidação industrial e no desenvolvimento do comércio em Parnaíba. Situada na Praça da Graça, mantinha diversas filiais de importação e exportação, em Parnaíba, tinha a Usina São José e a Usina Alberto Correia

<sup>16</sup>Na história local da cidade de Parnahyba alguns historiadores relatam como a construção da cidade foi marcada pelo derramamento de sangue dos índios Tremembé que habitavam aquela região, o negro escravizado e o autoritarismo, juntamente com a figura de Domingos Dias da Silva; este por sua vez possuía 1800 escravos trabalhando na produção de charque e couro. (WELLIGTON, 2017; MAVIGNER, 2007)

Com a aceleração da produção de charque e couro, as embarcações que surgiram aos montes ajudaram a colocar em destaque, sobretudo em outras províncias do Piauí o que contribuiu também para que Parnaíba fosse elevada à categoria de cidade (figura 3) iniciando em 1844 seu processo de urbanização<sup>17</sup>.

### 3.2 “Progridir sempre é o nosso lema” - urbanizar para quem?

Ao passo em que o comércio de exportação se intensificava no município marcando a cidade como um setor ativo de exportação e importação, mesmo com o aceleração industrial a cidade não estava preparada nem estruturalmente, nem politicamente para tais feitos. Nesse embalo de industrialização que a cidade foi montando o seu cenário urbano como um lugar de “ebulição permanente” (SANTOS, 2008, p.53) percebemos a formação dos seus mosaicos históricos, que, conforme a dinâmica industrial torna-se semelhante a outras cidades, o que vai consumir a noção de modernidade segundo seu progresso econômico.

Progresso é uma palavra muito importante para o parnaibano que vivenciava esses “tempos áureos” de industrialização. Consegui perceber isto, também, através dos interlocutores do bairro, que demonstravam que o São José teve seu cenário modificado através das tramas que ocorriam no centro da cidade, levando em conta o processo industrial e por compor ao conjunto histórico e paisagístico de Parnaíba (FERREIRA, 2019) a essa parte histórica e tida como tradicional por seus moradores.

Parnaíba alastrava o cheiro do emprego, do comércio, do êxodo da população que vinha de cidades menores em busca de emprego ou da zona rural, mas também, exalava a miséria camuflada pelas ações de uma falsa modernidade que ecoava nas mídias, jornais, panfletos, enaltecendo a grande Parnaíba, cativando o público, promovendo a cidade como a “mais bela do Brasil” não apenas com intuito de enaltecer suas belezas existentes, mas também com o princípio de desviar a atenção dos assuntos emergenciais, como por exemplo, as enchentes já mencionadas aqui, ocorridas nos bairros beirando ao rio, e que até hoje, tira os moradores das suas residências, e também em bairros mais distantes do centro onde, moradores fazem degraus em suas casas para impedir a passagem da água, no caso do Bairro São José faziam-se calcadas altíssimas para não invadir a residência.

A tão conhecida “vala da 40” (figura 9) também um problema de modernidade enquanto a Praça da Graça logo ali do lado exalava graciosidade, o cheiro de podre exalava no

---

<sup>17</sup> RÊGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. **Dos sertões aos Mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)**. 2010. Tese (Doutorado em História do Brasil) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

BSJ, segundo uma moradora do bairro “*eu e minha irmã brincávamos, em cima da vala, pulando no buraco do esgoto*” (Socorro, 53 anos, professora), nos anos 2000 foi quando a vala e o mercado passaram pelo processo de revitalização, mas perdurou aberta durante muito tempo.

**Figura 11** Vala da 40 anos 2000 em período chuvoso (mercado Central /Mercado da 40)



FONTE: IMAGEM RETIRADA DO INSTAGRAM "PARNAÍBA DAS ANTIGAS" PELO FOTÓGRAFO HELDER FONTENELE

Os problemas da modernidade além de modificar o espaço urbano, também modificava as relações sociais, políticas e culturais reestruturando a dinâmica espacial sob um processo de mutação ininterrupta, no qual, o ator social age, mesmo que de maneira mais individualizada e autônoma, de acordo com suas redes de relacionamento estabelecidas cotidianamente. De acordo com Park (1996), isso faz do espaço da cidade o local ou “habitat natural” do homem “civilizado”, no caso de Parnahyba, o fenômeno urbano também conduziu o modo de vida parnaibano, no qual a cidade recebe e exerce influência direta das relações produzidas por seus habitantes, permitindo uma reciprocidade entre o espaço e os atores sociais.

“Progredir sempre é o nosso lema”, está estampado na letra do hino da cidade<sup>18</sup>. Enriquecida pela fauna e flora, a paisagem parnaibana sugeria um olhar contemplativo, sobretudo sem nexos com a realidade, pois a fórmula era: alimentar a mídia para que alimentasse a população com o conformismo de uma cidade imune às contradições do sistema.

<sup>18</sup> Lei nº 255 Art. 2º - A música e partituras de autoria do prefeito Ademar Neves, estão publicadas no folheto “Hymno da Parnahyba/ Sport Club” de 29 de janeiro de 1919. (**Almanaque da Parnaíba, 1994, p.11**)

Assim, atravessada pelo antagonismo entre as condições sociais, culturais e econômicas que conduziria a passagem do rural ao urbano, de modo a estruturar uma tensão de tempos e espaços significativamente desencontrados (MARTINS, 2014), podem ser entendidos sobre a ideia corrente entre o rural e o urbano, que desencadeou noções vinculadas a perspectiva de uma ruralidade “tradicional” em decadência, a uma possível modernidade urbana em “progresso”.

É importante ressaltar que a categoria modernidade não se limita apenas ao que é novo, pelo contrário, é possível falar não apenas de Modernidade, mas Modernidades, para que possamos pensar cada cidade, espaço, tempo, a partir do seu contexto social, político, econômico, cultural e subjetivo. A literatura acerca dos estudos sobre a modernidade, é muito ampla, e com os estudos decoloniais<sup>19</sup> tem crescido cada vez mais, portanto, acreditamos que uma das importantes perspectivas sobre modernidade, que vai gerar as outras tantas, esteja descrito em *O Manifesto Comunista* de Marx e Engles (1973), descrição está também bastante utilizadas por teóricos como Berman (1986), Hall (2001), Bauman (1998), no qual Marx e Engles referem-na como:

O permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se, tudo o que é sólido desmancha no ar (MARX E ENGLÉS, 1973, p.70).

Esse *permanente revolucionar* se manteve latente durante um longo processo de mudanças sociais ocorridas no contexto brasileiro: industrialização, urbanização e modernidade são três conceitos que estão ligados por um extenso cordão umbilical que rege a formação da estrutura da sociedade, e da sociedade parnaibana não foi diferente. Para além das incertezas trazidas pelo movimento da modernidade, não podemos defini-la apenas pelo viés da mudança, mas também, como suscitará Guiddens (2002) como forma *reflexiva de vida* em que as práticas sociais se reformulam mediante o enxame de informações recebidas diante das próprias práticas. Para esse autor à medida que o mundo atinge um grau de *interconecções*, há um nível de transformações na estrutura da sociedade, para ele a modernidade chega e altera à natureza da vida social cotidiana, afetando os aspectos mais pessoais da nossa existência. (GUIDDENS, 2002, p. 09).

---

<sup>19</sup> Estes estudos estão relacionados a uma categoria crítica do pensamento latino-americano, onde há o questionamento de que cada lugar teve e tem suas conquistas e modos de ser epistemológicos, culturais, sociais e subjetivos onde é reivindicado uma ruptura do pensamento ocidental, o desafio destes estudos está em pensar o lugar geopolítico de quem se fala.

Dessa forma, Parnaíba foi constituída principalmente por uma elite que estava preocupada em manter as condições arquitetônicas paisagísticas da cidade em busca de manter a “sala de visitas piauiense” sob os signos favoráveis (ou não) ao desenvolvimento moderno, bem como a ideia de uma cidade que investe no “progresso”, pois a *bela moça* deveria superar o atraso e a antiga condição de vila rural.

Não obstante, as narrativas da modernidade devem levar em conta o impacto da experiência colonial na formação das relações de poder. Pois quando falamos que existia um ideal progressista no seio da sociedade parnaibana, que tinha também como intenção criar sujeitos subjetivamente dotados de sentidos, que provinham de uma “civildade”, custeada pela manutenção de normas e regras de *bem estar social*, forjando cidadãos para atuarem nessa Parnaíba que emergia dentro desse projeto que se intitulou modernidade, estamos falando de um determinado grupo social que impunha novos modos de viver, sentir e dizer, legitimando a lógica do progresso, manipulando assim um controle social e disciplinar da vida pública e privada como forma de “racionalizar” os usos do espaço (LAPA, 1996).

Dessa forma os signos da modernidade vão aparecendo para o cidadão parnaibano como a chave que abre as portas da civilidade<sup>20</sup> ou como uma promessa envolvente e sedutora! A paisagem urbana vai se modificando desde então, de acordo com a reconstrução dos seus espaços e seu crescimento populacional como mostra a tabela<sup>21</sup>

**Figura 12- Tabela indicativo do crescimento populacional de Parnaíba - PI**

<b>ANO</b>	<b>POPULAÇÃO</b>
<b>1900</b>	<b>19.413 hab.</b>
<b>1920</b>	<b>24.142 hab.</b>
<b>1940</b>	<b>42.062 hab.</b>
<b>1950</b>	<b>49.369 hab.</b>
<b>1970</b>	<b>87. 684 hab.</b>

FONTE: IBGE CIDADES (TABELA FEITA PELA AUTORA)

Essas modificações populacionais eram quase decisivas para a cidade, pois vemos formar seus mosaicos humanos de forma a evidenciar uma sociedade que emergia paralelamente as mudanças ocorridas. Uma vez que, seus habitantes aos poucos, eram

<sup>20</sup>Para Elias (1990) o conceito de Civilização, na cultura ocidental, estava também agregado ao nível de desenvolvimento tecnológico e científico, regras de etiqueta, decoro e controle das pulsões emocionais provenientes do exercício legal do monopólio da violência estatal. Tendo em vista que para este autor, a civilidade, a civilização fora um processo, acontecendo gradamente, se tratando do longo processo, que deu origem ao desenvolvimento das novas formas de gerenciar o comportamento social.

<sup>21</sup> IBGE Cidades (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/parnaiba/panorama>)

tomados pelo espírito do que se convencionou chamar “civilidade”, mas para isso era necessário disciplina, uma vez que, a esfera da vida pública passaria também a ter uma reorganização não somente espacial, mas também subjetiva, assim Silva (2012) aponta

Para a elite econômica parnaibana, principalmente a partir da segunda metade do século XX, as palavras “moderno” e “progresso” se tornaram verdadeiros “fetiches” porque encerrava o desejo de tornar a cidade a “menina dos olhos” de quem por lá aportasse. A atuação dessa elite foi decisiva para isso, já que a partir dela houve reivindicações para a implantação de vários serviços urbanos, como a das *redes de iluminação elétrica sistema telegráfico/telefônico, pavimentação das ruas, ramal ferroviário, remodelação de praças e fachadas urbanas*, etc. (p.28, grifos da autora).

Isso significa dizer que aquela elite, outrora preocupada em se estabelecer naquela antiga vila, estava também interessada em se manter através do controle dos seus modos de vida. Assim os manuais de etiqueta (Códigos de Posturas<sup>22</sup>) foram fundamentais para essa empreitada onde caracterizavam a sociedade que emergia na segunda metade do século XIX, como forma de manutenção do poder do Estado sob a organização da vida cotidiana, através da reforma urbana e higienização social, pois “nos Códigos de Posturas, a mudança no regime político repercutiu, uniformizando os procedimentos dos poderes periféricos em função de uma unidade territorial e política, burocrática e racional: o Estado Nacional” (SÁ, 2010, p.283). Não obstante, Norbert Elias (1990), compreendeu que a instauração de uma *etiqueta* da sociedade cortesã francesa do século XIX, foi decisiva na manutenção dos códigos de condutas, posturas e comportamentos sociais que viria a ser tidos como formas “civilizadas” de viver em sociedade, e não só, contribuiu a longo prazo, ao controle de instintos emocionais, mas também a conservação de um *habitus*<sup>23</sup> de diferenciação e dominação na aristocracia cortesã em relação aos demais grupos ou estratos sociais.

O código de posturas aqui descrito foi instituído sob a lei Municipal, nº270, de 19 de outubro de 1963, continha 57 páginas, compostas por nove capítulos que também descreviam o planejamento da cidade, estabelecendo tamanho e largura das ruas e avenidas principais, das calçadas, praças e etc. Nessa perspectiva os habitantes da cidade de Parnahyba para se “encaixarem” na onda moderna, passam a serem instruídos segundo esse manual que tenta

<sup>22</sup> Aqui em específico faço a utilização do Código de Posturas da cidade de Parnahyba de 1963, no qual pude ter acesso enquanto produzia a monografia de conclusão do curso.

<sup>23</sup> De acordo Elias (1990), *habitus* é tudo aquilo que rege os princípios das práticas. Elias utiliza desse conceito para dar conta de como a distinção social era feita a partir do *habitus* da sociedade, nesse sentido, o *habitus emocional*, utilizado como “estratégia de hierarquização” por meio de sentimentos como a vergonha, o medo, o nojo, etc, é importante frisar aqui que o processo civilizador ocidental é diferente de outros processos, no qual se tem uma monopolização por meio da violência seja física ou subjetiva, para que assim gere uma conformação e assim seja estabelecido um *habitus* emocional.

além de criar uma postura civilizada, imposta verticalmente por uma elite econômica e política, ressignificar um projeto indentitário e cultural alicerçado na concepção de cidade moderna, urbanizada e desenvolvida.

É interessante percebermos a forma com que esses discursos são legitimados a partir da *escrita* atrelada ao dispositivo de poder (em especial no contexto latino-americano), pois com eles foi possível a “invenção do outro”, pela perspectiva do processo de produção simbólica da sociedade ocidental do século XIX. Quando falamos aqui de invenção nos referimos, as formas que esses dispositivos aparecem forjando indivíduos pela ocultação de outras formas sociais preexistentes.

Santiago Castro-Gomes (2005) faz uma grande ressalva aos estudos de González Stephan (1994) ao se referir aos processos que forjam os cidadãos latinos americanos do século XIX. Stephan, destaca três símbolos dentre eles, os manuais de urbanidade, além das constituições e gramáticas, como forma de implementação de uma moral de padrões ocidentais de comportamento que irá ditar o que é desenvolvido e o que não é. Criando assim no imaginário social uma dicotomia, ou melhor dizendo, uma nova forma desigualdade social, ditando qual melhor assoalho para que sua casa se enquadre nos padrões modernos de ser e existir. Essa forma de ver da autora repousa na fascinação pela modernidade em que grande parte das cidades da América Latina, assim como Parnahyba se fundaram: sob o fascínio pelo o que é produzido pelo Ocidente; então González em *Escritura e Modernización de la domesticación de la barbárie*, aponta que

La modernización en América Latina fue un proceso lento, complejo, lleno de contradicciones, que abarco casi toda la centuria anterior y se extendió hasta las primeras décadas del presente siglo. Obviamente tiene una etapa -lo que se conoce como Modernismo - donde los elementos que apostaban a la modernización de las sociedades latinoamericanas alcanzaron por primera vez una más clara y notoria objetivación histórica, al menos en ciertos escenarios de la vida nacional. Las tensiones entre el campo y la fisonomia que iban adquiriendo las ciudades se perfilaron como uno de los ejes centrales que direccionaron gran parte de los discursos culturales. La modernización ejerció una progresiva fascinación sobre ciertos sectores sociales captando cada vez más adeptos, no sin fuertes resistencias por parte de una numerosa población rural y también urbana que seguía defendiendo los valores de la tradición. (1994, p.109)

Essa ideia vai aos poucos fundar a imagem de superioridade diante das dicotomias rural/ urbano, comunidade/sociedade, atraso/progresso<sup>24</sup>, dentro do plano de uma elite parasitária, (BONFIM, 2008) que constrói uma sociedade à custa de um discurso que faz uso

<sup>24</sup> Essa ideia, vai ser defendida, por Simmel (1979) em *A metrópole e a vida mental*, onde o autor coloca o campo à mercê da cidade, como local de atraso e dependência, e a cidade o espaço da racionalidade.

de várias ferramentas para reafirmar a sua superioridade ou autoridade diante do outro e talvez o principal deles seja o “estereótipo”<sup>25</sup>. Albuquerque (2011) argumenta que, os discursos que tornam dizível o Nordeste foram feitos através da literatura, da pintura, da música e do cinema, onde mostram o passado que a modernidade por ventura viria a transformar.

É nessa tentativa de transformar as formas mais subjetivas de viver, principalmente do cidadão comum<sup>26</sup> que Parnaíba vai se reinventando, mas para isso, foi necessário encobri-lo. Esse cidadão comum de que falamos, é aquela parcela da população que foi extinta desse projeto moderno, o sujeito que foi colocado como objeto estranho em relação a si próprio (MARTINS, 2008), constituída aqui ora pelo alavancar de um acelerado crescimento econômico, ora cobertos pelo véu da pobreza, pois o projeto que se intitulou modernidade, apenas pareceu ser o que na verdade nunca foi nas palavras de José de Souza Martins “A modernidade anuncia o possível, embora não o realize” (2008, p. 19).

Como é possível perceber, das características de uma modernidade a ser alcançada, vemos um processo que demanda diversificados tipos de transição. No processo moderno, existe quase sempre dualidades, estas sobrepostas umas às outras; “acomodação” versus “conflito”, “novo” versus “arcaico”, “comunidade” versus “sociedade”, (DOMINGOS, 2003, p. 181), e nessas dualidades, nunca a certeza de que irá necessariamente haver uma solução.

Para encobrir, excluía-se. Logo íamos percebendo cada vez mais a interferência da cultura europeia que fundava a elite parnaibana. Essa influência foi percebida na arquitetura da cidade, visíveis até hoje no Centro histórico e na antiga Rua Grande hoje Avenida Presidente Getúlio Vargas. Eclétismo foi o nome dado a esse projeto de “desenvolvimento”, que tentou reunir na cidade traços da *Belle Époque*, expressados no traçado da avenida com seu extenso *boulevard*, fachadas planejadas com detalhes minuciosos, ora extravagantes, que simbolizava o gosto e o hábito impostos pela aquela sociedade. Foi dessa forma que os espaços da cidade se mostraram cada vez mais elitizados, dando continuidade a um projeto de urbanização que buscava a higienização, retirando as pessoas que possivelmente tornariam a paisagem urbana “feia” ou “indecente”.

Como uma receita de bolo, o manual tinha como objetivo mudar o comportamento do homem e da mulher comum. Trabalhadores, comerciários, barbeiros, empregadas domésticas, estivadores, operários, que compunham a malha que se encontrava no limbo do

---

<sup>25</sup>Discurso que cria uma definição superficial e caricata do sujeito colonizado; é uma forma de legitimar e justificar a dominação. (ALBUQUERQUE, 2011)

<sup>26</sup> É importante ressaltar também, que antes do código de 1963 houve outros; em especial o Código de 1899, como um dos maiores, contendo 18 capítulos e 226 artigos. (SILVA, 2019, p.14)

tecido urbano de Parnaíba, eram opostos ao avanço do processo civilizador, aqueles que deveriam ser “bem-educados” e ter “boas maneiras”. Descrevendo regras sobre como se comportar nos espaços públicos, como por exemplo, a utilização dos acentos em praças e avenidas onde era terminantemente proibido deitar-se, pois era visto como uma prática pouco educada ou “incivilizada”<sup>27</sup>. Dessa forma estas regras buscariam cobrir o uso dos locais públicos por mendigos ou prostitutas, que de acordo com o projeto civilizacional do código, deveria prezar pela estética e por bons modos de convivência na antiga cidade da Graça.

O Código de Posturas procurava definir desde o projeto arquitetônico da cidade, aos modos de um bom convívio cotidiano no qual havia uma preocupação com a higiene dos espaços públicos, visto, talvez, como um processo sanitário para evitar propagação de doenças e epidemias que por ventura pudessem derivar da falta de higiene dos seus habitantes<sup>28</sup>. Não por acaso que Elias (1990) nos mostra como foram importantes o cuidado sanitário e a higiene pessoal na própria composição dos sentimentos de vergonha e nojo, gerando, do mesmo modo, embaraço individual quando o indivíduo não se adequava as normas civilizacionais aparentemente, com a pretensão até mesmo de criar um significado de identidade que marque a diferenciação dos atores sociais.

Todavia, os espaços da casa e da rua, iam sendo colocados como extensão um do outro, onde a ordem e a limpeza deveriam ser mantidas em ambos os espaços. As mudanças nos costumes seria uma forma de conduzir a civilidade e a beleza para a cidade. Nesse sentido, era importante intensificar a política sanitária (até mesmo nas margens do rio), os modos de como os automóveis poderiam trafegar e como as pessoas deveriam agir e se comportar no espaço privado da casa<sup>29</sup>.

Quando falamos casa, pensamos enquanto uma categoria socioantropológica, nos termos propostos por DaMatta (1997), isto é, não significa apenas um “espaço definido geograficamente”, mas, acima de tudo, uma: “entidade moral, dotada de possibilidades de domínios culturalmente bem institucionalizados” (DaMatta, 1997, p.15). A casa obedece a

---

<sup>27</sup>Cap. II Código de Posturas 1963, p.35)

<sup>28</sup> De acordo com o código “estender roupas ou outros objetos a enxergar ou arejar; limpar vasilhas; joeirar gêneros; escamar ou tratar peixes; matar ou pelar animais; exceto em caso de urgência; partir ou depositar lenha ou material de construção; desencaixotar mercadorias; cozinhar ou torrar café; sacudir tapetes” assim como “lançar lixo nas ruas, praças ou jardins; pendurar gaiolas em lugares de alinhamento com a via pública; arremessar água ou cuspir de janela que abra diretamente para a via pública; urinar ou defecar fora de lugares destinados a esse fim”. (Código de Posturas de Parnaíba, 1963, p35)

<sup>29</sup> A saber como o manual interferia na vida privada, de acordo com o Art.158 e 159 (p.33, 34, 35) era proibido pessoas com transtorno mental sair fora de casa, obrigando-o a manter este em sigilo absoluto. Caso a família não tivesse condição de arcar com as dispersas do paciente, o mesmo seria conduzido ao hospital público psiquiátrico. Era proibido também permanecer em casa com roupas de banho, gritar, falar alto, etc. As sanções eram estipuladas em porcentagens de acordo com o salário mínimo, que variava entre 10 a 50%.

uma ordem hierárquica, onde existe um conjunto de valores que expressam uma identidade, seja na estrutura idílica e idealizada de família e pessoas que, ainda segundo DaMatta (1997), convivem harmoniosamente no seu *espaço relacional* privado, ou como símbolo de diferenciação representado na sua própria arquitetura, ou seja, nos seus telhados, cores, objetos, janelas, portas, etc. Diferentemente da casa, ainda para DaMatta (1997), a rua é o seu oposto, pois é o espaço da desordem pública, da vadiagem, do trabalho e do trabalhador, do indivíduo anônimo, no qual o fluxo da vida, tudo “passa ligeiro” (DaMatta, 1997, p.29).

Contudo, se formos fazer uma comparação entre os espaços da casa e da rua, no período da implementação do Código de Postura de Parnaíba, a desordem ou os maus hábitos privados não poderia estar em nenhum lugar. Tanto na casa, como no espaço público da rua, as *pessoas* ou os *indivíduos* – só para utilizar mais uma vez duas categorias oposta do pensamento damattiano – deveriam ser educadas, disciplinadas e civilizadas. Na medida em que o código impôs regras de como viver no dia a dia, a rua passou, automaticamente, a ser considerado um espaço de racionalidade e civilidade. Dessa forma, não haveria, nos espaços das ruas, outra ordem que não fosse apenas aquela do progresso (OLIVEIRA, 2002, p. 11). A construção de uma “Nova Parnaíba” existia, na medida em que, a “Velha Parnaíba” passa a ser excluída juntamente com sua população marginalizada, vivendo as margens ou, pejorativamente: nas “beiras” dos rios. Todavia, como havia mencionado antes, o centro da cidade sendo visto como lugar de opulência e riqueza, era totalmente diferente dos espaços construídos as margens, com sua população estigmatizadas<sup>30</sup> e, cada vez mais, deteriorada no imaginário coletivo da cidade.

### **3.3 A cidade vista sob a ótica dos que vivem – o ressentimento como forma de memória**

Os tempos ditos “bons” no desenvolvimento urbano da cidade, embebida através do simbolismo de uma modernidade às avessas, acabariam mais cedo do que a “*bela moça*” esperava, sobretudo, no quesito economia. Como dito anteriormente, a concorrência estava acirrada, e a cidade não acompanhou como desejava o desenvolvimento tecnológico do setor. De acordo com Silva Filho (1994) as três fases da economia parnaibana estavam prestes a ruir. Primeiramente a fase das charqueadas, segundo as indústrias Cortez de exportação de óleos vegetais, e terceiro as Industrias Moraes S/A. Depois disso, a cidade declinaria seu empreendimento industrial, como podemos perceber, segundo Menezes (1994)

---

<sup>30</sup> Sobre o conceito de *estigma* Goffman (1989) diz que este é um atributo depreciativo, conferido a um indivíduo ou grupo marcado de estereótipos físicos, sociais e morais, definidos através do que pode ser institucionalizado entre o normal e anormal, e que, devido a determinadas circunstâncias, acarreta a deterioração da identidade individual ou social.

A cidade já foi centro comercial de todo o estado do Piauí, muitas vezes considerada capital. O seu comércio de importação e exportação com as capitais do país e o estrangeiro era exercido em grande escala. Grandes firmas comerciais existiam, assim como firmas estrangeiras. Toda a mercadoria, gêneros alimentícios, cera de carnaúba e tudo o que o estado produzia, era transportado e recebido pelas companhias de navegação fluvial e marítima. Nessa época, não existiam estradas de rodagem. O transporte era feito por navios. Do sul do estado e parte do Maranhão vinham nas gaiolas que puxavam grandes barcas com mercadorias para serem transferidas para o porto de Tutóia no Maranhão. (p.08)

A partir de então, a cidade passa a ser conhecida pelo que já foi, e o que ela é, deixou de ser importante, diante desse passado que parece latejar como uma medalha de ouro nos corações do parnaibano. E a cada geração, vemos florescer essa tônica que habita e emerge das lembranças, dos dogmas do que outrora foi à cidade. Em um tom de saudade, moradores recordam esses tempos como “bons tempos” e em um tom de nostalgia com o que a cidade poderia ter sido. No decorrer desta pesquisa, quando questionava, por exemplo, o que as pessoas achavam da cidade, como se sentiam como parnaibanos, sempre a resposta: “Parnaíba tinha tudo pra ser capital” ou “Parnaíba já foi boa” reflete muito sobre tanto a saudade, como o ressentimento, enaltecida por seus moradores.

“Antigamente aqui era bom sabe. Todo mundo trabalhava, não tinha essa violência, e a gente podia *andar pela cidade sem preocupação*. A cidade era boa, era bonita, não parava, tudo funcionava, as pessoas vinham de toda parte pra trabalhar. Por que tinha emprego, nas fábricas sabe. Era tão bom naquela época, hoje não é mais não, é porque você não pegou né, esses tempos, oh tempo bom, o povo era mais amigo, não tinha essa desconfiança toda, a gente era mais humilde, o povo se vestia melhor também, tinha gente e ‘chique’ na cidade”, os ingleses, eu bem queria namorar com algum na época, (risos) mas nem deu certo.” (Julia, 52 anos professora, casada)

O “antigamente era assim” ressoa como um canto de saudade às referências ao “povo amigo” e a “confiança”, “a segurança”. Esses elementos convergem com as representações que se tinha da população àquela época, o “gente chique” é atribuído às pessoas que vinham de fora, da Europa, para confraternizar e montar suas indústrias e comércios, onde havia um cenário nutrido de aspectos de uma funcionalidade plena, sutil e amiga. Isso nos leva a crer que junto com o desacelerar econômico e a expansão da cidade, o morador parnaibano foi enaltecendo cada vez mais o seu passado dentro desses signos europeus. Logo o ressentimento como resultado de um sistema coletivo, passa a ser fundamental no nosso cotidiano. Assim, concordando com Brito (2013), quando nos diz que, o ressentimento seria um “*padrão de interações*” permitindo a continuidade das posições discrepantes. Para essa autora, o ressentido se apropria de histórias de como poderia ter sido a ordem dos fatos de

uma vida, se imaginando com ela, no entanto, este indivíduo não pode mudar os fatos, restando apenas o desejo de voltar ao que era antes

O ressentimento é um substrato necessários da ação, parte organizadora das relações sociais. Não é necessário no sentido de que nós precisamos dele, mas no sentido de que, dado o fato de o conflito ser inerente a nossa sociedade, esse sentimento sempre está presente na ação. Do ponto de vista de uma sociologia da moral, ou seja: de uma sociologia que busca compreender a busca do bem e da vida reta, é possível perceber o papel regulador do ressentimento. Se, por um lado, é reproduzido sofrimento e a dor, por outro, também se pode identificar a necessidade uma experiência distinta. (BRITO, 2013 p. 5)

Percebemos aqui o ressentimento como ação coletiva que serve como uma agulha que aciona o sentimento de pertencimento<sup>31</sup> como atenuante do imaginário dos moradores, demonstrando a ambiguidade dos espaços contracenando com os objetos do passado que atravessam as gerações. Ora como um passado dentro das escamas do progresso e da alusiva modernidade que não chegou, ora como um presente em que o “povo amigo” não existe mais, ora como o futuro; o que a cidade poderia ser, mas não foi. De tal modo percebemos como as características de uma sociedade ainda temente ao passado vai elaborando sua cultura emotiva dentro do viver cotidiano e das lembranças que não deixam de existir. É interessante ressaltar que para autores como Elias (2001), esse ressentir está interligado na relação *estabelecido* e *outsider* onde ele explica através da sua experiência como judeu

O problema dos judeus alemães era efetivamente um problema de relações entre grupos estabelecidos e grupos outsiders. Como muitos outros grupos outsiders, os judeus estavam excluídos, na Alemanha imperial, de toda uma série de promoções sociais. Existem muitos paralelos a essa solidariedade dos grupos estabelecidos face aos outsiders e a exclusão desses últimos de inúmeras situações reservadas aos estabelecidos, a sua exclusão das chances de poder que elas oferecem. As comunidades negras e hispanófonas nos Estados Unidos são um exemplo claro disso. A Ku Klux Klan americana mostra que um profundo ressentimento pode igualmente surgir em outros países entre os membros da maioria, sobretudo entre aqueles que têm a impressão de que seu status está ameaçado, aqueles cuja *consciência de seu próprio valor está ferida* e que não se sentem em segurança. Esse ressentimento surge quando um grupo outsider socialmente inferior, desprezado e estigmatizado, vê-se pronto a exigir a igualdade não apenas legal, mas também social, quando seus membros começam a ocupar sociedade majoritária das posições que lhes eram antes inacessíveis, ou seja, quando começam a entrar diretamente em competição com os membros da maioria enquanto indivíduos socialmente iguais e, inclusive talvez, quando ocupam posições que conferem aos grupos desprezados um status mais alto e mais chances de poder do que aos grupos estabelecidos cujo status social e inferior e que não se sentem em segurança. (Elias, 2001 p.136-137)

---

<sup>31</sup> Em outro capítulo reforçaremos sobre o sentimento de pertencimento da cidade atrelado principalmente ao Bairro.

O problema do ressentimento aqui está atrelado ao sentir-se ameaçado pelo grupo *outsider* em que reforça o ressentir como resultado de sensações coletivas, acionadas pela memória coletiva do grupo. Memória essa que está ligada as percepções, as formas, ao existir e habitar na cidade. Por exemplo, ao se deparar com o Porto das Barcas, e encontrar ruínas ao invés do antigo polo industrial, sentir-se “ameaçado” por um passado que teima em não resistir aos infortúnios da memória, (a experiência de quem vivenciou a época do trabalho no Cais de Parnaíba) faz parte também de uma narrativa social, embebida de acontecimentos rotineiros que nos ajuda a compor uma história e memória social (HALBWACHS, 2006) do morador parnaibano e da cidade que a todo o momento, parece ter mudado a dinâmica urbana interferindo na vida cotidiana dos seus moradores. Ainda de acordo com Bresciani (2004), partindo de Nietzsche, atribui uma história dos sentimentos à história do ódio, no qual o autor explica que o ressentimento é configurado de acordo com a ordem cultural e psíquica.

Portanto, compreender que a cidade pós período industrial cria uma *cultura emotiva* embebida de ressentimento onde os atores sociais estão envolvidos em um processo cultural e social, demonstra como a cultura, molda a experiência emocional de cada indivíduo o que demonstra, esse sentido, a emoção como uma categoria analítica, compreendemos que ela não pode ser entendida apenas como *estado interno* e individual do sujeito, mas também, como produto de uma narrativa coletiva. Logo, de acordo com Koury (2004), “um indivíduo, assim, pode pensar as emoções de uma maneira própria, e essa maneira única ter sido construída e constituída cultural e socialmente” (p.10) Nesse sentido as relações entre as instituições, as pessoas, e as emoções, são produtos e ao mesmo tempo produtores dos processos de interação, pois “as situações emocionais são inscritas dentro de modelos relativamente contínuos e duradouros de relações sociais” (KOURY, 2004, p. 11). É nesse contexto, que para alguns moradores fica difícil, se desvincular das lembranças de outrora.

“Aqui ainda podia ser um grande centro industrial, só que os políticos não deixaram. Era tão bom morar aqui nesse tempo, ainda é, mas era melhor. Era tudo mais bonito, até a praça era mais bonita, mas aí tacaram fogo, depois mudou completamente, e agora está aí, ninguém vai mais lá como antes. A gente se divertia, brincava, tinha cada carnaval bonito, mas só pra os ricos também, sabe. Naquele tempo não tinha muita violência, era menos gente né, parecia que o povo *não tinha medo de muita coisa como hoje*, que a gente não pode mais nem sentar na porta da rua, que pode ser assaltado, ou sei lá”. (José, 57 anos, Segurança municipal, divorciado, grifo nosso)

Percebemos por exemplo que em cada pessoa, há uma Parnaíba que habita em diferentes contextos, sejam pela economia, pela mudança de estilo de vida, pela ausência da violência, de antes, pelo ir e vir mais cadente, mas sempre algo que punge dando sentindo de

ainda pertencer à cidade, pertencimento este ligado principalmente ao sentimento de existir de viver a cidade, mesmo com o medo que punge diante da rotina do dia a dia, para outro entrevistado a cidade se apresenta como

“Tenho muita autoestima em relação à cidade, principalmente por ser formado em turismo, fez com que eu enxergasse com outros olhos, com todos os sentidos que a gente tem, essa coisa de quando você chega numa cidade você ter o que você ver, o que come, o cheiro, e tudo isso faz eu gostar daqui de Parnaíba. Como o cheiro da chuva no inverno, a comida, e eu cresci aqui, nos bairros mais antigos da cidade e isso me dá muita autoestima, porque cresci no meio de amigos, e pude conhecer também muita gente de fora, que desde a faculdade até a infância queriam ficar aqui, morar aqui. Eu costumo comparar com a experiência de morar fora, passei alguns meses em Brasília e em São Paulo, mas no meio da viagem eu quis voltar porque eu me sinto mais seguro aqui, posso andar de moto despreocupado, sentir falta de casa né, que por mais bonito que fosse, sentia falta, e Parnaíba por mais pacata que seja em crescimento, interiorizada, mas eu acho que em alguns aspectos ela é desenvolvida, eu gosto mesmo daqui, do litoral, do Delta, e eu carrego em qualquer lugar que eu for, eu sou Parnaibano e piauiense”(Lucas, desempregado, 29 anos, solteiro)

Desse modo, as ruas, os espaços, os cheiros, passam a ter um significado simbólico construído pelos moradores, o que permite a criação de um sentimento de pertença ao local que se mora, seja por sua localização, pela tranquilidade que é justificada pela saudade e comparações a outras cidades, ou pelos vínculos estabelecidos dentro e fora da casa, com colegas de rua, e até mesmo as coisas mais simples como o cheiro da chuva no inverno. É nesse ambiente que os espaços aqui observados também interagem em um tempo histórico e presente na memória. Portanto, se tal como afirma Aristóteles (1997), em que por natureza o ser humano é um ser sociável e o indivíduo tem a necessidade de interagir com seus semelhantes, o pertencimento torna-se responsável pela forma no qual os sujeitos se apoiam em conteúdos onde a finalidade é a garantia de valores e práticas compartilhadas cotidianamente.

Neste capítulo, procurei discutir sobre a Cidade de Parnaíba, e seu lugar enquanto cenário em que se desenrolam as relações sociais. Como um ambiente repleto de particularidades, seu cotidiano moderno, bem como o ressentimento deixado por uma cidade em ruínas, e por um bairro “decadente”. No próximo capítulo tratarei da rua CGS como espaço de sociabilidades, e do seu cotidiano juntamente com os moradores que compartilham deste espaço.

## CAPÍTULO IV

### A TRANS (FORMAÇÃO) DA SOCIABILIDADE E O CÓDIGO DE CONDUTAS EM UMA RUA

*Falar da rua é falar da cidade (...) a rua é entendida como recorte empírico que permite encontrar uma multiplicidade de pontos de vista e de objetos, um recorte etnográfico possível para exploração e o conhecimento da vida urbana contemporânea a partir de baixo e de dentro (...) A rua que tanta vez se inventa além do enquadramento urbanístico que a envolve e que assim nos surpreende. (Cordeiro e Vidal, p. 9-10, 2008).*

*Mas como é o espaço da rua? Bem, já sabemos que ela é local de “movimento”. Como um rio, a rua se move sempre num fluxo de pessoas indiferenciadas e desconhecidas que nós chamamos de “povo” e de massa”. As palavras são reveladoras. Em casa, temos “as pessoas”, e todos lá são “gente”: “nossa gente” mas na rua temos apenas grupos desarticulados de indivíduos – a “massa” humana; (DaMatta, p.29, 1986)*

#### 4. 1. Pelas nuances da rua – A rua Coronel Gervásio como espaço de Sociabilidades

Neste capítulo busco discutir um pouco como se dá o espaço da rua CGS, juntamente com os atores sociais que compartilham deste ambiente, tornando-a um espaço de sociabilidades, dialogando com autores da teoria social que nos ajudam a refletir sobre o modo de vida na cidade em que a interação e a sociabilidade pública possuem valores centrais, apresentando a rua como espaço de interação e integração dos moradores do BSJ, assim como, trazer a experiência da interrupção do cotidiano no período em que se deu a pesquisa.

DaMatta (1986) quando nos fala sobre como é o espaço da rua, remete a ele como lugar do desconhecido e da indiferença, será mesmo o recorte empírico da cidade, lugar dos dessemelhantes? A rua pode ser categorizada, assim como a casa como espaço da “nossa gente”? As categorias que imprimem o bairro, a rua, a casa, a cidade, podem ser vistas sob diferentes aspectos. O BSJ, “a cidade de baixo” de Parnaíba, traz formas distintas de ver, sentir e ouvir a cidade e seus moradores. A categoria “de baixo” por exemplo, é acionada aqui a partir de uma lógica social que, por mais que seja de certo uma posição geográfica, imprime o que DaMatta (1987) chamou de *regiões sociais convencionais e locais*. De acordo com o autor, estes locais podem indicar antiguidade ou diferença econômica e social. No caso do BSJ, exprime uma condição social e geográfica, por localizar-se próximo ao rio, e o que chamam de pequena periferia, aos arredores do mercado central da Quarenta.

Andando pelo bairro posso encontrar facilmente mercearias nas próprias residências dos comerciantes, bares, padarias, espetinhos, bancas de verdura e frutas, a Fundação Raul Furtado Bacellar, situada na rua Vera Cruz, o Sindicato dos Pescadores, na rua Barão, e o

mercado da Quarenta, no Mendonça Clark que por mais que seja fora do ordenamento geográfico do bairro, é local de ampla movimentação pelos moradores do bairro São José.

As ruas são compostas, em sua maioria, por um conjunto de casas simples, todavia, as residências que beiram o rio possuem uma arquitetura diferenciada, apresentando calçadas altas, com fachadas mais modestas, algumas construídas com tijolos de adobe e várias casas são conjugadas. Já as residências próximas ao centro possuem suas calçadas mais baixas, rente a rua e com aspectos mais abastado. Visivelmente podemos perceber as diferenças arquitetônicas e sociais do bairro entre as ruas e casas que beiram as margens e as que estão próximas ao centro.

Com seus moradores e transeuntes, o bairro apresenta uma multidão variada de atores sociais. Entre idosos e jovens, entre adultos e crianças, que, conforme o horário do dia, permanecem nas ruas de acordo com seus afazeres cotidiano e suas sociabilidades. Há também aqueles que apenas cruzam o bairro para cortar caminho, pois, trata-se de um movimento intenso em direção ao centro, local que ainda abarca a uma grande parte do comércio da cidade, composto por bancos, casas lotéricas, lojas, lanchonetes, a praça da graça, bares, restaurantes, supermercados, enfim, uma gama de estabelecimentos comerciais, que também é ponto turístico da cidade, pois abriga o que chamamos de “centro histórico”, o porto das barcas, e os famosos casarões do século XX.

No início da pesquisa, ficava pensando o que tinha de “interessante” na rua CGS, pois, assim como alguns interlocutores achava a rua “morta”, sem muito movimento, quando eu comentei isso, com minha avó, ela disse assim *“é porque você é jovem e jovem quer movimentação né, pois pra mim aqui é muito é bom, calmo, silêncio”* é tanto que a rua é vista como uma rua perdida, que o tempo já passou pois quem morava lá, já morreu ou não mora mais, deixando o vazio pelas calçadas.

No entanto, pude perceber que não é a não existência de movimento, mas a forma como interpretamos ele. Logo percebi que a rotina de lá caminha diferente das outras ruas, apesar do bairro ser um só, as ruas são únicas, e se diferenciam umas das outras, tanto em suas categorias arquitetônicas como subjetivas, pois vemos a rua aqui como um lugar físico construído através das suas relações sociais, sociabilidades, cheiros, olhares, moradores e não-moradores, cada qual com suas especificidades.

Pelas manhãs da semana de segunda à sexta feira, entre as seis e meia e às sete horas da manhã, sempre tinha estudantes indo às escolas, trabalhadores a caminho dos seus empregos, senhoras e senhores indo ao mercado, pessoas andando com seus cachorros pelas ruas. Esse movimento estende-se até às oito horas da manhã, e volta a ficar intenso,

novamente, a partir do meio dia, quando as escolas encerram as aulas no período da manhã e podemos ver jovens e crianças retornando das aulas assim como, alguns trabalhadores retornam as suas casas para o horário de almoço. Nesse horário, entre meio dia e uma da tarde, o silêncio prevalece em algumas ruas do bairro, em especial a rua CGS que abriga maior parte das observações deste trabalho, mas a partir de uma e meia da tarde, se vê novamente um movimento semelhante aquele da manhã, um pouco mais cadenciado.

Durante a tarde o movimento é intenso em quase todo o bairro, entretanto, com algumas diferenças perceptíveis no seu cotidiano, variando de rua para rua, de esquina para esquina. Assim, das escolas se escuta nitidamente o barulho das crianças e professores. Já a praça José Narciso permanece vazia até o sol baixar e a sombra aparecer. Quando o sol começa a se pôr, pequenos grupos de crianças andam de bicicletas, rapazes e moças utilizam a quadra da praça para o jogo de futebol, enquanto outros sentam-se na arquibancada para conversar com seus semelhantes e assistir ao jogo, outros utilizam do espaço da escola José Narciso, que está atualmente abandonada, fechada, e completamente jogada ao poder público, que parece não ligar para a escola; durante esse período de pesquisa, a escola já pegou fogo duas vezes, já quebraram o entorno do seu muro, e uma parte dela, foi utilizada para a construção de um Posto de Saúde localizado ao final da rua CGS.

As mercearias e padarias ficam mais movimentadas durante o horário da manhã e da tarde. E das três às cinco horas da tarde, em especial Rua Barão, as senhoras e senhores colocam suas cadeiras de plástico, tamboretas de madeira, ou cadeiras de macarrão na porta de suas residências. Jovens, em sua maioria homens, utilizam as esquinas para se reunir em pequenos grupos de 3 para socializar, fumar, e as vezes beber. Também, é no final da tarde que as crianças saem de casa para brincar na rua, andando de bicicleta, ou jogando bola, A partir das cinco horas algumas senhoras do bairro saem de casa, em direção à igreja São José, para assistir à missa, muitas andam vagarosamente pelas ruas, parando nas residências caso vejam alguém na porta, para papear rapidamente.

Quando a noite chega, a movimentação no bairro diminui, e principalmente na rua CGS que dorme cedo. É quando o cheiro da carne dos espetinhos sobressai, e o silêncio permanece. A movimentação da praça fica menos intensa à medida que vai escurecendo, pois, o bairro e a rua ao olhar dos moradores são perigosos pela noite. Isso foi sentido também por mim, como pesquisadora, pois me via muito acuada, ao sair de casa só, em determinados horários, gostaria de poder tirar fotografias pela noite, mas devido a grande incidência de assaltos noturnos, ficava um pouco receosa, a rua CGS tem uma iluminação precária, e é bastante vazia, das 10 às 14 e das 19 até um pouco mais tarde, diferente de outras ruas, em

que existem por exemplo, espetinhos, padarias e lanchonete, e o ambiente se torna mais frequentado pelos moradores.

Na voz de um morador, quando fala deste horário na rua diz: “*se a gente morrer aqui, ninguém sabe, ninguém viu*”. É a rua morta do bairro. As pessoas tem medo de passar por ela, de colocar suas cadeiras na porta, de ficar com o celular na porta de casa, ou até mesmo ao pedir *delivery*, o tempo de espera quando o entregador chega na porta, para o pagamento, é um momento de tensão, já ouvi relatos de assaltos e roubos de moto nesses casos, a pergunta que me pairava sempre era, se ninguém estás nas portas, ou nas ruas, que sociabilidades pode existir em uma rua “morta” para seus moradores?

A violência é algo que perturba o morador do BSJ, que também, me perturba como moradora, tendo em vista que por vezes ficada desconfiada, ao tentar andar pelo bairro pela noite, tentando tirar fotografias, mesmo sabendo que era conhecida por alguns. Foi interessante perceber que os moradores atribuem a violência à proximidade com o bairro vizinho, Mendonça Clark

“Eu acho o ambiente do bairro muito bom de viver, é calmo, mas já foi mais calmo, acho também que por ser próximo ao Mendonça Clark onde tá a marginalização se torna um pouco mais perigoso. Mas é um bairro que eu consigo andar de dia, à noite eu já não tenho muita coragem, sendo mulher a gente corre mais risco também. moro aqui desde que me entendo por gente, e assim, acho socializável. Tem pessoas que eu falo, mas outras não, aqui na rua é mais de boa apesar de todo mundo ser cada um na sua, foi aqui que eu vivi né, e assim, como na cidade no bairro não é diferente, porque aqui todo mundo se conhece, então não tem como não focar da vida do outro, seja uma pessoa que passou pra algo legal e ninguém dava nada por ela, ou um cara que na adolescência só queria beber e fumar e depois entrou pra marinha e “virou gente”. Mas o povo sempre fala né, e acho que por ser um ambiente que todo mundo sabe quem é quem aí é que o povo fala mesmo”  
(Maria, Estudante, 22 anos, solteira)

Como no relato acima, para Maria, a marginalização é coisa do bairro ao lado, o que, segundo ela, torna o ambiente do bairro perigoso. Ainda existem relatos de haver vendas de drogas no bairro, criando um estereótipo tanto do morador do bairro, como do próprio bairro, pois, o morador ao dizer que reside no bairro atribui-se duas características que se sobressaem: ou é alagado, ou é marginal. Isso acabou se tornando parte do repertório indentitário do bairro, que o estigmatiza. Em contra partida, os moradores que estão a mais tempo no bairro, cultuam um sentimento de pertencimento ao também pelo estereotipo, chamar o bairro de “cheira mijo” por exemplo, é algo comum de se ouvir, assim como “antigos tucuns”, “BSJ” “San Joseph”, “bairro dos véi”, entre outros que durante a minha vivência no bairro, por vezes ouvindo diálogos entre familiares e vizinhos, era pronunciado com frequência. Podemos

perceber, portanto, na descrição de um interlocutor, antigo morador do bairro, mas que sempre circulava pelas ruas, quando questionei sobre os adjetivos referentes ao bairro descreveu-me sobre a denominação “cheira mijo”

“Passeando pelas pegadas do passado é possível compreender os reflexos de comportamentos que marcaram a vida de comunidades ou até mesmo de um povo, a repercutir ao longo dos anos. Pautados por reações compatíveis ao verdadeiro sentido dos fatos, houve a época em que a expressão “cheira mijo”, caracterizava, especificamente, um gueto, localizado entre as ruas Monsenhor Roberto Lopes e Coelho Rodrigues, nos “Tucuns”, atual São José, bairro de vida ribeirinha, localizado às margens do rio Igarapu, último afluente do rio Parnaíba, historicamente ligado à navegação e a diversão, sendo esta, respaldada pela disseminação de bares e prostíbulos que se instalaram por ruas, becos e vielas, pelos mais diversos pontos de sua geografia, em que, alguns, se destacavam pela alta frequência de visitantes, madrugada a dentro. Assim, naquela que se consagrou por “rua da bosta”, lugar de predominância do abandono como resultado de políticas públicas equivocadas e mal concebidas, mesmo assim, a diversão despontava como alternativa de sobrevivência e superação de dificuldades. Ali, se abrigavam algumas prostitutas que ganhavam a vida na outrora “Cidade dos Paus”, tornando hábito, jogar em plena via pública, o produto das necessidades fisiológicas, pois não dispunham de banheiro em seus aposentos. O resultado incompatível aos bons costumes, somado às características do solo em que a umidade associada ao calor dos dias, contribuía para exalar o mal cheiro de fezes e urina, embora real, contaminou a verdadeira identidade do bairro, alastrando-se para além fronteira, embora o *sensu de humor prevaleça* sobre o sentido pejorativo da denominação” (Sr. Costa, escritor, 65 anos, solteiro)

É interessante perceber que esses conceitos sobre o bairro, podem aumentar o estigma e a vergonha (KOURY, 2016) do morador em relação ao seu bairro. Mas, no caso do BSJ, foi percebido que gera um sentimento de pertencimento, apreço e como dito acima é levado no sentido de humor, chegando a ser mais relevante ao sentido pejorativo, gerando um sentimento de amor e ódio em relação ao ambiente do bairro. Pois o que parece, para alguns moradores, morar no BSJ é sinônimo de atraso, pelo fato do bairro carregar consigo símbolos que o estigmatizam, e por outrora existir ainda nos moradores, que a parte de baixo do bairro (centro e aderências) não deveria mais crescer, ficando restrita a parte de cima da cidade (Avenidas São Sebastião, e Pinheiro Machado), aqui mais uma vez, as categorias cima e baixo são acionadas, para exprimir o valor da lógica social local.

Essa descrição corrobora com as de Sobrados e Mucambos, onde Freyre (2006), em seus relatos, tanto sobre as modificações da paisagem no meio social, quanto às descrições mais simples como engenho, casa e a rua em que punge um tom tanto romantizado sobre as

analogias e as características que tangenciam uma relação nos sentidos mais estreitos de pertencer.

Ainda, concordando com Heller (2008) e Melo (2012) onde o sentido pejorativo dos caracteres ousados em relação ao bairro (rua da bosta, cheira mijo) demonstram que, o caráter do preconceito aparece como “fixação afetiva” dos atores sociais(moradores) em relação ao bairro. Heller demonstra como o preconceito se fixa na estrutura da vida cotidiana, essa estrutura é por hora “confortável” aos indivíduos que dela fazem parte. Assim o cotidiano vai se estruturando, se fixando, moldando e se repetindo.

Como na fala da entrevistada anterior, cada morador, em cada rua, se situa a partir dela. No geral as pessoas gostam da rua em que residem. E expressões como “moro aqui desde que nasci” ou “desde que me entendo por gente” confirma o sentimento de querer bem e gostar do ambiente que se mora, apesar de configurar vez ou outra as relações de normalidade em relação as fofocas por exemplo, justificada pelo tempo de convivência e por saber quem é quem, dando ao morador a confiança de poder falar da sua vida.

Dessa forma, os adjetivos ao bairro, a fofoca contribui para o *ethos* cultural do bairro, ou seja, reflete a forma como o bairro é visto pelos seus moradores, e como ele vai sendo categorizado por eles de acordo com suas características mais intrínsecas. (GUEERTZ, 1978). Como dito anteriormente, o quadro geral do bairro vai aparecendo na medida em que as experiências pessoais de cada morador dão sentido à experiência coletiva, dentro da esfera do mundo da vida do papel que cada ator social representa.

Violência, medo, insegurança, aparecem em algumas narrativas, dos autores informais da rua, e do bairro. Tais sentimentos, os medos do dia a dia, corroboram com a percepção de Elias (2000) quando nos diz que tais elementos dependem das normas e crenças coletivas das relações em comunidade. A fofoca por exemplo, seja depreciativa ou elogiosa, torna-se uma forma dos moradores praticar a sociabilidade entre si, já que “todo mundo sabe quem é quem” ter algumas coisas para falar durante uma ida até a porta, mesmo que não se tenha muita intimidade com o outro que é vítima da fofoca

“Eu nunca fui muito de ficar pela calçada, lá fora, pela rua, eu fico mais em casa. Praticamente todos os dias meus vizinhos ficam na calçada conversando, quanto a isso eu acho tranquilo, porque não se percebe muito em outros bairros. Tem também a quadra que quase todo dia tem gente jogando. Eu não gosto muito de ficar pela calçada por conta das fofocas, teve um tempo que os vizinhos aqui falaram que eu era sapatão e que fazia orgia em casa, e eu não gostei. Foram falar pra mamãe, “olha tua filha faz orgia com um monte de mulher” achei um absurdo. Fiquei chateadíssima, sendo que eu nem falo com essas pessoas” (Marianna, estudante, 22 anos, solteira)

Como observamos no relato de Marianna, nem todos os moradores tem o “costume” de ficar nas ruas, mas muitos ainda mantem o hábito em determinado horário ir “lá fora”. Este “lá fora” é tudo que não tem dentro de casa. O “lá fora” oferece as experiências que dão significado ao cotidiano ao dia a dia, a sociabilidade, pois reforçam o sentimento de pertencimento gerando laços de solidariedade para com seus pares. Às vezes, como moradora, sempre escutamos o burburinho nos cantos, em conversas de calçada, sobre o que está acontecendo na cidade, quem matou quem, quem traiu quem, quem se separou, quem está grávida, isso se torna uma fofoca compartilhada até por quem não compartilha desta rede de entendimento e sociabilidade, como no caso da entrevistada que mesmo não gostando de estar na rua, ou ficar pela calçada, era vítima da “conversa alheia” as vezes chega a ser até engraçado, certos acontecimentos, e como eles vão tomando conta da rua, e depois o bairro todo está sabendo.

Acredito que os locais onde mais se sabia das coisas do bairro era na quitanda do seu Casa Verde, e no Bar Nego Assis, e a floricultura, locais de ampla sociabilidade no bairro, próximos a rua CGS, onde o ir e vir se emantem constante, assim esses locais estabelecem um forte poder de controle e vigilância, se sentir observado pelo outro, ou como dizemos “cabreiro”, sem saber muito como nos defendermos dos comentários. Assim, percebo, que as relações na rua CGS, mesmo se mostrando como um ambiente por vezes vazio, é percebida como um movimento duplo, no qual de acordo com DaMatta os indivíduos são estimulados a escolherem entre o ambiente da casa ou da rua.

#### **4.2 Sobre a interrupção do cotidiano na rua CGS**

Como mencionado no início deste trabalho, a intenção em poder acompanhar e vivenciar o cotidiano dos moradores do Bairro Tucuns era um dos objetivos centrais desta pesquisa, tendo como uma das suas etapas de construção a possibilidade da pesquisadora poder anotar, ver, ouvir e compartilhar experiências com os atores sociais durante o percurso em campo. Para que isto fosse possível, era necessária uma busca constante entre ruas e becos, observações de calçada, conversas aleatórias, fotografias, tudo o que permeia o trabalho de campo, como já mencionado aqui em capítulos anteriores. Foram meses de frustrações, e pensamentos que por vezes quase me fizeram desistir da possibilidade de dar continuidade à pesquisa, pois o contexto em que nos encontrávamos no início de 2020, não estava favorável para nenhuma destas opções.

Para as Ciências Sociais a pesquisa em campo, bem como a possibilidade da etnografia abre uma gama de possibilidades de estudar o que escolhemos para pesquisar.

Nesse sentido, não adiantava ler autores que teorizavam as formas em entrar em campo, os métodos de afastamento entre pesquisador e pesquisado, se não podíamos entrar em campo ou nos aproximar de alguém. Entre a construção e desconstrução do objeto sociológico escolhido, aos poucos, fui aproximando-me de novos métodos para a pesquisa social, como dito anteriormente, as redes sociais, foram imprescindíveis nesse estudo, no sentido de que, me fez perceber que ao invés de desistir, poderia adaptar a pesquisa ao contexto social existente, o que não foi tarefa muito fácil, tendo em vista as dificuldades em marcar, por exemplo, videoconferências com os interlocutores mais idosos.

Pois bem, pouco antes da Covid-19 surgir em nossas vidas, rompendo com o cotidiano, quebrando as relações face a face, e construindo novas formas de se relacionar e vivenciar o dia a dia, criando novas rotinas, novas formas de trabalho, novas sociabilidades, pude perceber que o dia a dia na rua Coronel parecia não haver nada, pois eu estava sempre em busca de encontrar alguma coisa, mas nem eu mesma sabia o que estava a procurar. É difícil, procurar no cotidiano em que você mesma está submersa nele.

O cotidiano, imutável a nossa construção no mundo social, nos dá a sensação de segurança, estabilidade e conforto diante da rotina. Saber que quando o relógio daria 15 horas de uma terça-feira era hora de sair e comprar pão, pois a padaria iria estar aberta, e esse horário, o seu João tira alguma fofalha de pão francês, todo dia é a assim, é a segurança que temos, e talvez a certeza, pois todo santo dia é assim, estou segura disso, faço isso todos os dias, não pergunto por que o faço, apenas faço, logo somos produto do cotidiano (MARTINS, 2014) tentamos através dele compreender o que se esconde na face do imutável, será que é tão imutável assim? O dia após o outro, o todo “santo dia”, o fugaz? Na proposta de Martins (2014) investigar o visível, aquilo que se vê das relações e ações sociais dentro da estrutura social da realidade nos permite uma análise crítica do real (LEFEBVRE, 1981).

#### **4.3 – Entre o que foi e o que é – memória dos antigos moradores da Rua Coronel Gervásio**

Tendo em vista a mudança do cotidiano dos moradores do bairro, em especial da rua Coronel Gervásio, percebeu-se, além do ressentimento de que a memória social e coletiva dos moradores é dividida entre o bairro Tucuns, e o bairro São José. Nesse sentido, como já dito anteriormente, o nome faz diferença no que se refere à memória afetiva dos moradores, bem como o sentimento de pertencimento, pois como reforça Halbwachs (1990)

Acontece, com efeito, que uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, possa descrever muito exatamente os fatos ou os

objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e mesmo reconstruir toda sequência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo (p.27)

Unindo a memória da infância a memória da vida adulta, reúne-se um emaranhado de lembranças que remetem a memória coletiva dos moradores do bairro, aquele “me lembro como se fosse hoje”, ou “eu era pequena, mas ainda hoje me lembro” nos faz perceber que desde a infância a vida sensitiva, se pensa em conjunto com os outros (HAWBWACHS, 1990). Ao conversar com uma antiga moradora do bairro, com muita felicidade no decorrer da conversa, ela foi acionando suas lembranças, mais íntimas, e revelando com um ar saudoso os espaços do bairro, as amizades, a família

Vim morar aqui com 8 anos de idade, mais ou menos em 78, fui alfabetizada na Baixa da Carnaúba, depois vim morar aqui, com meus pais e irmãos, nós éramos 5, viemos para estudar, lá na escola José Narciso, na época eu ia fazer o 1º ano B, quando fiz o teste, que naquela época tinha que fazer um teste, fui pro 1º ano A. Aqui sempre foi movimentado por conta do centro né, era um dos *bairros mais movimentados da cidade*. Me lembro como hoje, dos movimentos da churrascaria Gabriela, que vinha gente de todo jeito, rico, pobre tudo junto, não tinha violência sabe, só que eu não podia entrar mas ficava prestando atenção no movimento, os casais agarrados dançando, eu adorava aquilo, nas ruas todo dia passava o vendedor de cana, que descascava as canas na hora e vendia, enfiados na própria casca da cana, e o homem descascador de laranja, me lembro demais! passando e vendendo laranja descascada na hora, com um descascador que eu achava incrível, que descascava a laranja bem direitinho parecia um “redemoinho”, no inverno, eu gostava de correr tomando banho nas bicas d’água, me lembro das enchentes que tanto tiravam as pessoas das casa, ainda bem que a gente daqui de casa nunca ficou alagado não. Gostava de me entreter na rua eu jogava vôlei, e quando eu passava os meninos ficavam tudo olhando, com as roupas curtas (risos) a blusa amarrada na cintura (risos) adorava *sentar na porta pra conversar*, e na noite de São João, que todo mundo por aqui assava peixe na porta de casa, fazia a fogueira, teve uma vez que a minha irmã foi fazer uma experiência com o fogo pra ver se conseguia um namorado com um copo, nunca deu certo. E nas noites eu adorava fugir pra ir às festas, fugia mesmo, com a Vânia, e a mamãe mandava a minha irmã mais nova me vigiar, eu tinha ódio! Por que eu era doída pra me casar. *Naquela época não era perigoso*. Tomar banho no rio também, a mamãe costumava lavar roupa lá, e de vez em quando a gente atravessava o Igarapé pra catar Tucum lá na Goiabeira. Lembro também, das Quadrilhas do Teteco era a mais famosa, mas a mamãe nunca deixava a gente brincar porque dizia que era coisa de “absoluta”<sup>32</sup> a gente só tinha uma roupa por ano, isso lá pra década de 80. *Na minha época as*

<sup>32</sup> Nome que os mais velhos davam para Prostituta;

*peças iam e vinham com segurança, era pouco movimento de carro e moto, era mais bicicleta, quando acontecia alguma coisa, aqui na rua ou nas redondezas todo mundo sabia e corria pra ir ver. Hoje não tem mais aquele movimento de antes, aquela segurança, ninguém vê mais as fogueiras na noite de São João, eu acho que até o céu mudou o brilho, de antes, aqui era o bairro das quadrilhas, do Boi Bumbá, ainda tem, mas não como antes, que quase todo mundo participava, hoje, a gente tem medo até de sair de dia (Julia, 54 anos, Professora município de Parnaíba, casada)*

Como podemos ver na fala de Julia, o cotidiano do bairro se altera com o passar dos tempos, onde de forma romantizada até a “cor do céu mudou”. Como bem retrata Bresciani (2004), as lembranças da cidade que “tão bem conhecíamos”, como as quadrilhas, as festividades juninas, também é algo forte no morador do BSJ, já que o bairro fora conhecido também por suas festividades. O “na minha época” ecoa como um tom de saudosismo, e pertencimento geracional, na época dos meus avós era uma coisa, na época das minhas tias era outra e assim percebo as modificações nas configurações do bairro seja geracional, ou moral, pois a ordem dos valores e das formas de *sociação*, se modificaram diante, por exemplo, do aumento significativo da violência, e conseqüentemente do medo dos moradores.

Na fala da entrevistada vejo um bairro festivo e divertido, um bairro que remete a sua juventude, a sua infância. Ainda assim, estas lembranças além de reforçar o sentimento de pertencimento, principalmente ao perceber o tom de saudade na voz da interlocutora ao acionar estas memórias, contradiz, como o movimento do bairro hoje, principalmente quando ela fala que “antigamente não era perigoso”, “as pessoas iam e vinham com segurança”. A característica de bairro perigoso, reflete as categorias de violência e medo, que está hoje descrito nas falas de antigos moradores do bairro, como a dona Julia, mas também de moradores atuais do bairro.

Percebo também, que a rua, bem como o bairro, se torna espaços privados em que se fala através do seu cotidiano, da fofoca, dos segredos, que somente quem mora no bairro, e reside em determinada rua, vai saber.

Para ter uma base sobre essas inquietações, tentei fazer um balanço, buscando em blogs e noticiários na internet sobre as notícias do bairro. Nesta busca, percebi uma quantidade significativa de reportagens entre os anos de (2016 - 2021) que relatam homicídios, violência patrimonial, furtos, abandono. O medo se coloca como algo presente no cotidiano do morador do São José. O medo, é acionado pela violência. Medo de sair de casa, de ficar na porta, de ir à mercearia em certos horários, logo a rotina é interrompida pelo medo. Tal percepção, corrobora com a fala de alguns moradores que dizem que o bairro não é mais o

mesmo devido ao aumento da violência esse fator é acentuado, principalmente quando o morador recorre ao sentimento de ressentimento pelo bairro não ter mais o ar que tinha antes de um ambiente tranquilo e familiar.

A grande questão colocada pelos moradores do bairro é sua decadência. Há no discurso dos moradores um sentimento de perda, como quando conversei com Sr. Francisco pelo aplicativo de mensagens WhatsApp, na ocasião, ele relata que o Tucuns não é mais o mesmo, e fica evidente o sentimento de perda

O bairro era muito movimentado, principalmente aqui pra baixo, pois as embarcações motorizadas faziam o transporte de passageiros e cargas entre Parnaíba e povoados e as cidades do Maranhão e Ceará no sentido rio acima. As ruas eram todas de areia. Mas durante a década de 70 começou a aparecer *problemas que não tínhamos* mesmo sendo famílias simples e humildes, mas era um povo que procurava viver da melhor maneira. Como sempre teve muitos bares no bairro, alguns cabarés. Com o tempo que isso foi acabando, as drogas começaram a entrar, que já existia, mas era pouca. *Tinha as brigas de bairro, mas o bairro era seguro*. Na minha época, não existia isso que começou na década de 70 e ta aí até hoje. O São José não é mais o Tucuns que eu conheci. Os maconheiros nas esquinas e na beira do Igarapu, é só o que tem hoje pra se ver. (Sr. Francisco, antigo morador do bairro, reside hoje no Rio de Janeiro, 57 anos, comerciante, grifo nosso)

Na fala do Sr. Francisco, quando residia no bairro, mesmo com as brigas de bairro, o bairro ainda assim era seguro. Percebemos por exemplo, a indignação em relação a população que hoje abriga no bairro que converge com o que a Dona Julia diz em relato anterior, em relação as “pessoas finas” que não existem mais, já que agora, “os maconheiros nas esquinas e na beira do Igarapu é só o que dá pra ver” e aponta esse fator como problemas que antes não existia no bairro. Koury, ao fazer um estudo etnográfico sobre o bairro Varjão em João Pessoa, reflete esse movimento de perda versus a saudade do que o bairro fora um dia, refletido a sua decadência em relação ao medo dos moradores (medo da violência, da velhice, do desemprego) bem como a angustia pela perda do bairro de relações saudáveis. (KOURY, 2010, p. 308-309). O autor parte da ideia que o medo, assim como outros sentimentos é uma construção social, e uma forma de relação social que vai delineando o jogo da sociabilidade. Esse sentimento de perda, de ressentimento, no caso do bairro São José/Tucuns, levou muitos moradores, a escolherem outros bairros, o que fez com que a rotina dos moradores se altere pela nova ordem social imposta dentro do que convencionou-se chamar de uma cultura emotiva em relação ao bairro, como já mencionado aqui anteriormente.

Acreditamos, pois, que essa cultura emotiva vai delinear as nossas formas de ser e estar no mundo social permitindo que, compreendamos as emoções como produto dessa

construção simbólica e o reflexo desta na constituição das relações, que atravessa o sentido psicológico vestindo – se de significados que desabrocham no banal, no cotidiano.

#### **4.4 – Relato de uma moradora/pesquisadora**

Despindo -me da pele de pesquisadora, e entrando na pele nativa, busco trazer aqui o meu relato como moradora e como pesquisadora de um ambiente que, num primeiro momento demonstrou-se familiar para mim, e que eu pude estranhar para buscar reconhecer novamente o seu espaço. Onde posso perceber o meu processo de enraizamento e desenraizamento, e onde pude me reconectar com moradores, com emoções que ainda não tinha experimentado.

Moro no bairro desde que me entendo por gente. Meus pais se conheceram aqui, meu pai professor, e minha mãe também. Durante a infância, minha mãe contava que meu pai me via apenas de longe, pois ela não deixava que ele chegasse perto, talvez por mágoas do passado deles, nunca procurei saber muito. Daí, fui criada pelos meus avós e tias, que viviam comigo pra cima e pra baixo. Minha família toda, tem alguma lembrança daqui, da rua, do bairro, da casa, então não tem como não dizer que o São José, direta e indiretamente, constrói a minha identidade, a minha memória, e como diria minha avó, faz eu “ser gente”. Gente conhecida daqui. Passei minha infância brincando nas ruas e calçadas, praças e sempre ia comprar leite pra minha avó na quitanda do seu Paulo, que nem existe mais. Assim como minha avó, vi muita gente indo e vindo indo e não voltando, indo e voltando, mais gente indo, do que vindo. Vi o bairro ser abandonado, as ruas silenciadas, o vazio do domingo, pois ninguém podia mais sentar na porta de casa sem medo de ouvir o barulho de uma moto.

Antes, o bairro era bastante animado, vizinhos perambulando, pelas ruas até umas horas da noite, eu podia ficar na casa das meninas até tarde, ouvi isso de vários interlocutores também, apesar de não lembrar muita coisa, mas lembro que sempre em junho, nas festas juninas, o boi passava nas ruas, animando a noite, eu sempre me escondia com medo do folharal! E nas quadrilhas, tinha apresentação na praça, era a conversa do dia, saber quem ia pra praça, jovens marcavam seus” ficas” nos becos da praça com a escola José Narciso, ao menos era animado. Quando não, era o festejo de São José, eu sempre ia com os colegas da rua, depois a gente ficava na porta da casa de algum deles conversando.

Antes tinha o horário de ir pra casa da vizinha(Estela), (quando a novela Malhação acabava)ficar até meia noite brincando de se esconder no escuro, e minha avó tinha o horário de sentar na porta pra falar da vida alheia, minha vó nem tanto, mas minha mãe, adorava saber das coisas, um vizinho meu até apelidou os outros vizinho de “rede globo”, pois ninguém podia respirar, que já saiam na porta pra saber o que tinha acontecido, é bom falar da vida alheia, a gente gosta, amplia os laços de solidariedade entre os mais íntimos e até os que não são tão íntimos. Do lado de casa tinha uma quitanda, e esse era o

ponto ideal pra jogar conversa fora, a calçada da padaria da minha tia, mas era melhor se fosse a porta dos outros.

A quitanda não perdurou muito tempo, nem a padaria, lembro que minha tia me arrumava, colocava presilhas no cabelo, só pra ficar sentada na porta da padaria, e quando ela queria sair me deixava lá na frente caso algum freguês chegasse, depois, eu pedia pão pra ir tomar café com minha bisavó (*in memoriam*), as vezes eu pegava sem pedir também. As memórias que pude construir da minha infância, no BSJ, também fortalece meus sentimentos de pertença ao bairro. (Vivianne, 25 anos, Cientista Social)

A criação, o apego aos avós, demonstra o forte sentimento de pertença da moradora em relação ao bairro, ao mesmo tempo em que demonstra o uso dos espaços do bairro como uma extensão das suas casas, onde o privado se torna público e público privado. Sobretudo, não poderia deixar de falar, do período em que essa pesquisa buscou se realizar. Particularmente, como pesquisadora, demandou de um exercício diário emocional, de paciência e cuidado, pois nesse período percebi o dia a dia interrompido, ou a "inversão do cotidiano" intitulado de "o novo normal" no qual houve uma quebra abrupta das rotinas dos moradores que obrigatoriamente tiveram que refazer suas vidas em relação a trabalho, família, lazer, as formas de viver o dia a dia e a cidade.

O cotidiano do bairro sempre foi marcado pelas pessoas andando pra lá e pra cá, varrendo as portas das suas calçadas, indo ao mercado comprar tempero pra fazer almoço, na 40, ao centro, e nesse espaço, a rua, servia de passagem para os vizinhos, que logo cedo estavam a perambular pelas ruas. Sempre ouvia da janela do meu quarto quando minha vó estava a varrer a calçada de casa, alguém a cumprimentando com “Bom dia” logo cedo da manhã. A janela, durante esse período, foi para mim um local em que eu podia observar e ouvir o bairro. De lá, conseguia ouvir as discussões da casa vizinha, seu Luiz, abrindo o portão barulhento da casa dele, os vizinhos da outra rua na esquina a fofocando (as vezes dava até pra ouvir o que falavam) como o muro da casa da minha avó é baixo, e a janela é de frente para a rua, vez ou outra, parava pra observar da janela do quarto, de lá eu conseguia enxergar o movimento da escola Coração imaculado, antes e o vazio que ficou no período da quarentena, que nem o som dos pássaros eu ouvia mais, e logo depois as aulas foram suspensas e só aparecia o vigia que vez ou outra, dava um inspeção na escola e depois ia embora, ou esperava a guarda patrimonial passar para ir pra casa.

Durante esse período, fazer um trabalho ode campo, indo a campo, fazendo entrevistas, sendo *flaneur* das ruas era quase impossível, tendo em vista as restrições sanitárias por conta da Pandemia. Fui então me adequando a “anormalidade do novo normal”

nesse tempo o uso das tecnologias foi bastante útil, para marcar entrevistas, conversas informais, etc. no início a adaptação foi difícil, não sabia nem como começar, o desânimo batia sempre, a angústia, o medo de não conseguir, o estranhamento com o dia a dia, tive dificuldades de estabelecer contato com entrevistados idosos, e como morava com meus avós e no período meu avó estava se debilitado por conta do câncer, eu tinha que estar atenta, caso fosse sair com cuidados diários em casa, com limpeza e alimentação.

Quando comecei a pensar a forma em que a entrevista semiestruturada poderia me ajudar, tentei, me questionar, o que significa ser moradora do bairro São José? Quais signos eu carrego como moradora? Quais as percepções que tenho do bairro?

Então, afastando-me um pouco da identidade de pesquisadora e me aproximando da moradora, posso dizer que, morar no bairro implica a mim, uma identidade, assim como para alguns moradores, ou até mesmo, antigos moradores do bairro que levam o “BSJ” como uma pequena cidade nunca esquecida na memória de cada um. E na minha, não é diferente, pois foi onde construí meus laços de amizade, que perduram até hoje, foi onde meus pais se conheceram, onde minha avó e minhas tias me criaram, então, carrego um sentimento de pertencimento, mesmo às vezes me sentindo estranha em alguns ambientes, conversando com algumas pessoas e o estranhamento com a rua em que eu resido, pois mesmo sendo moradora, o medo de andar pela noite, ou ficar na porta, é comum até mesmo para os nativos.

Posso dizer então que pesquisar o/no bairro foi uma tarefa difícil, que implicou em rever os meus pré-conceitos, as minhas percepções de nativa, meus afetos, e meu mundo ordinário, em que todo esse processo de vivenciar a cidade, a partir do meu local, seja rua ou do bairro, é colocado sob o panorama analítico em que a voz do outro se projeta num campo de significados cheiros de dilemas propiciados pela vida cotidiana, experiências de vida.

Neste capítulo procurei trazer os aspectos que tangenciam o cotidiano da rua CGS, como espaço de sociabilidades, a interrupção do seu cotidiano contemporâneo, bem como seu espaço vazio em conformidade com o sentimento de medo dos moradores trazidos pelo novo bairro que não é mais o mesmo.

## CONSIDERAÇÕES “FINAIS”

Embora, as dificuldades para a elaboração desta pesquisa e tendo em vista o contexto social em que ela foi executada, a observação de um bairro, como o Tucuns, obrigou-me como pesquisadora, encontrar o meu lugar de moradora, e como moradora encontrar o meu lugar como pesquisadora. Confesso não saber se consegui executar com maestria, esta tarefa pois, por vezes via as minhas subjetividades ora interferindo, ora ajudando a compreender as observações em campo, nessa empreitada percebi que não é fácil “matar” o bairro em que você nasceu de você, o processo de “luto” é tão doloroso quanto. Não precisei necessariamente “matar” o bairro, mas me distanciar um pouco dele, e assim o fiz.

A cidade, o bairro e a rua como objeto de compreensão do cotidiano no meio urbano, me permitiu perceber melhor como as relações se estabelecem, como aquilo que é considerado comum, e por que não dizer obvio, que também é passível de análise, o cotidiano é obvio, mas nem por isso, não devemos questioná-lo.

Descrevo, pois, a cidade bem como o bairro São José como espaço social construído de costumes modernizantes e de tradições, onde os indivíduos organizam-se entre si formando um elo integrado entre espaço físico e espaço construído moralmente, culturalmente, e socialmente no qual os indivíduos convivem e que, segundo Ítalo Calvino (1990) passam a ser vistas sob as suas simbologias e os significados da existência humana. A cidade aqui vai sendo revelada sob as dinâmicas que percorre o invisível das suas formas e dos seus mistérios, elucidados, pelas redes de relações e interações que movimentam a vida de cada habitante. É nesse sentido que compreendemos o bairro São José/ Tucuns sob a ótica de seus moradores e sob os sentidos individuais e coletivos que se fazem presentes nas suas formas de ser e estar na cidade, nas sociabilidades, na memória e no sentimento de pertença que cada morador possui, para com o bairro e conseqüentemente para com a cidade.

Logo o objeto desta pesquisa, teve como o intuito buscar demonstrar de que formas o homem que habita as margens da cidade, nesse caso o bairro São José, se insere na ideia de modernidade, de subjetividades e no decorrer do processo de industrialização da cidade de Parnaíba tendo em vista, o imaginário “modernizado” na cidade, estabelecendo novas configurações sociais e criando uma cultura emotiva nos moradores da cidade. Logo o cotidiano moderno, que chega ao centro da cidade de Parnaíba, é observado pelas suas formas estéticas, pelo embelezamento da cidade e pela mudança de costumes imposta aos seus moradores. No decorrer desse processo, as mazelas e as “coisas ruins” que existiam na cidade, ficaram as margens da sua construção, ou o outro lado do centro (o bairro) que não se queria

ver, fazendo perdurar nos seus habitantes um sentimento de ressentimento ao que a cidade e o bairro poderiam ter se tornado diante dessas práticas, ficando no esquecimento e do sentimento de saudade as lembranças dos “bons tempos”, ou “naquela época”, como observado nas falas nativas.

Além disso, com a observação do cotidiano podemos perceber que à medida que o tempo passa há uma alternância de atores sociais que transitam no bairro, a velhice que acompanha a rua, a identidade do bairro que se altera diante da mudança de nome e das práticas sociais. A rua como categoria sociológica vista como espaço de transição e de morada, espaço onde as relações sociais se mantem ou não, onde a fofoca une e separa ao mesmo tempo, o viver do dia a dia, em sua forma mais pura pode ser vista com o decorrer do dia a dia do homem comum, que, é brutalmente interrompido quando a Covid 19 se alastra pelo mundo, trancafiando-nos em nossas intimidades, esvaziando ainda mais os espaços vazios pelo tempo.

Sobretudo consigo identificar que muitos moradores, mesmo em período de pandemia, desenvolvem um sentimento de pertença e afetividade com o bairro e seus moradores, nas observações de janela, por exemplo, conseguia sentir cada vez mais forte o cheiro do café da tarde exalando das outras casas, o arroz, e a panela de pressão da vizinha, não mais o correr da rotina, mas o avassalador cotidiano das tarefas domésticas, que prendiam cada vez mais o morador confinado.

As observações me levaram a perceber que o bairro fala por si, em suas formas e construções espaciais, em suas ruas, e em seus habitantes. A saber que, a medida em que tentava identificar os códigos de vizinhança, entre os moradores, também identificava as minhas formas de conviver no bairro, de existir e de sentir o cotidiano e seus moradores, que foram se revelando no decorrer do trabalho. As modificações espaciais na qual o cenário urbano do bairro, a modificação nas estruturas de organização do Cotidiano, com a modernidade, já analisada por diversos pesquisadores, bem como, suas pluralidades de redes de interação encontra-se um espaço equalizado em ruas que mesmo existindo em um mesmo espaço geográfico, se caracterizam sob diferentes aspectos, sociais, estilísticos, culturais

Vivemos, pois, a rotina do presente, da vida que passa ligeiro, da busca de sentido nas coisas mesmas, que podem até não ter sentido algum. A rotina do cotidiano, dessa forma, tal qual a modernidade é inconclusa e passageira, talvez não tenhamos ou não sejamos modernos, Martins (2008), por exemplo, reconhece que vivemos nessa sensação moderna, que apenas nos traz a nostalgia do tempo vivido no presente do cotidiano “para o homem comum, os acontecimentos do cotidiano são os que ficam na memória, são os que tem importância” (p.136).

Bauman (2004) também vai perceber que a superficialidade do cotidiano nos leva a superficialidade da vida passageira, o cotidiano de hoje nos sufoca nos condicionando a rotina, com a pandemia, isso se demonstrou ainda mais intenso, com a quebra da normalidade do cotidiano, mas mesmo assim o novo cotidiano, continuou nos espremendo na liquidez da vida insolúvel, dos dias que não passavam, das horas eternas, sendo obrigados a enfrentar a rotina de trabalho que não queríamos, a rotina de casa, e de todo dia ser o mesmo, repetido.

As pesquisas sobre estas pequenas coisas demonstram a necessidade e importância do estudo das cidades, do cotidiano, bem como as emoções na sociedade contemporânea, ancorando as reflexões que se traduzem no campo empírico da sociologia ou até mesmo antropologia urbanas. Como aqui ressaltado, as políticas higienistas, talvez tenham sido um dos ápices desses estudos, em especial no Brasil, com a criação de Códigos de Posturas nas cidades, como forma de controle social, sanitário, e porque não dizer um controle na moral dos habitantes da urbe. As práticas sociais cotidianas decorrente da pobreza, da desigualdade, de uma suposta modernidade que nunca chegava.

Foi no cenário da rua que pude perceber os vínculos sociais no vazio. Onde os vizinhos elaboras suas rotinas diárias de acordo com o andar do dia, as configurações e relações sociais são elaboradas sob o olhar do outro, sob as fofocas da familiaridade, da intimidade. O cenário da cidade, portanto, é sobretudo cenário do cotidiano, das minúcias, onde podemos debruçar nossas subjetividades e questiona-las também.

Intentando refletir sobre as minúcias, destaco aqui os estudos da Escola de Chicago como mencionando antes, pois estas pesquisas que intentaram refletir os aspectos microsociais da formação das sociedades na cidade de Chicago, conseguiram alavancar os estudos urbanos, e os métodos de pesquisa para se estudar as cidades, no qual puderam enxergar a cidade como uma variável importante para compreender o espaço em que habitamos, ou como uma “ecologia urbana” (PARK,1979) estas pesquisas, ao longo do processo de desenvolvimento brasileiro, em especial a mudança de uma sociedade basilar rural para uma sociedade vista como urbano-industrial, introduziram uma vasta produção bibliográfica onde os estudos brasileiros puderam tomar como base para o estudo das cidades brasileiras

Merecem destaque os estudos dos irmãos Velho (1982) e a forma em que problematizaram a cidade, com a proposta metodológica de estranhar o familiar; bem como os estudos dos grupos sociais onde mostrava como as elites vivenciavam a cidade. Outros estudos que refletiam a problemática da expansão das periferias urbanas, cidades com Recife, Fortaleza, Rio de Janeiro e São Paulo, se tornaram objetos de inúmeras pesquisas (ZALUAR,

1985; 1996; LEBRET, 1994; FREHSE, 2008; BARREIRA, 2016; NUNES, 2006) estes autores por meio de etnografias, (FREHSE, 2008) entrevistas, trabalho de campo, focaram suas pesquisas sobre estudos de habitação popular (ZALUAR, 1985), organização social de imigrantes rurais (LEBRET, 1994), o usos dos espaços e a construção simbólica da cidade para os moradores (BARREIRA, 2016).

Nesses aspectos destaco o Observatório das Metrôpoles, que engloba uma rede nacional de pesquisas, investigando temas direcionados a desigualdade social e econômica bem como projetos de políticas públicas nas grandes cidades (GUIMARÃES; BÓGUS; CARVALHO, 2017). Neste sentido, as pesquisas que buscaram refletir as minúcias no meio urbano, e colocar um *zoom*, digamos assim na observação das sociedades urbanas (KOURY, 2004; BARBOSA, 2015; REZENDE E COELHO, 2011;) com temas que discutem as emoções, as sociabilidades, os afetos, as relações de parentesco, as formas de organização espacial, o bairro, as ruas.

Nesse aspecto esse trabalho tentou trazer estas formas de dar o *zoom* na cidade no qual os processos de renovação que acontecem de tempos em tempos ocorrem de acordo com os valores de cada tempo, onde os fazedores do espaço urbano (moradores) buscar dar sentido as suas práticas ordinárias, sobretudo, no caso aqui apresentado, como o processo de renovação do bairro São José, não se descaracterizou no que diz respeito aos seus aspectos “tradicionais” de sociabilidades, mas ocasionou uma mudança no processo emotivo do bairro, a dinâmica do bairro e das ruas passa a ser uma fonte de frutíferas pesquisas no âmbito da sociologia e antropologia urbana que não se esgotam.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE Junior, Durval Muniz. *Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana / São Paulo: Cortez, 1999.
- ALMEIDA, Alexandre Paz; COSTA, Vivianne Oliveira; SILVA, João Carlos Soares. *Entre a subjetividade e intersubjetividade no urbano brasileiro: De Gilberto Velho a Mauro Koury e as ciências sociais da emoção*. Sociabilidades urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia, v.2, n°4, p. 51-62, março de 2018.
- ALMEIDA, Alexandre Paz. *A cidade, o Bairro e a rua: Um Estudos sobre Cotidiano e Sociabilidade em Valentina de Figueiredo/ João Pessoa/PB*. Dissertação de mestrado, João Pessoa, 2008.
- AMARAL, Nazaré. *Dilthey: conceito de vivência e os limites da compreensão nas ciências do espírito*. Revista Trans-form-ação, vol27, (p.51-73) São Paulo, 2004.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *Antologia poética*. São Paulo, Companhia das letras, 2012.
- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- ARISTÓTELES, *Política*. Tradução, introdução e comentários de Mário da Gama Kury. Brasília. Ed. Universidade de Brasília, 1997.
- ASSIS, Francisco Souza, et al (org). *Fragmentos Históricos: experiências de pesquisa no Piauí*, Teresina, Sieart, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*, editora brasiliense, 1986.
- BERMAN, Marchal. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- BOMFIM, Manoel. *A América latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. 2. ed., São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.
- BOUDON, R. & BOURRICAUD, F. *Dicionário crítico de sociologia*. São Pulo: Editora Ática, 1993.
- BOURDIEU, PIERRE. *Razões Práticas*, São Paulo, Ed. Papyrus, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Coisas Ditas*. Terceira parte: Os usos do povo (p.181-188), Editora brasiliense, São Paulo, 2004.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (orgs), *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Editora UNICAMP 2ª edição; Campinas, São Paulo, 2004.

BRITO, Simone. M. *Experiência moral e emoções: notas para uma sociologia do ressentimento*. In: XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología 2013, 2013, Santiago. Acta Científica XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología 2013. Chile, 2013.

BRANDÃO, Iracema; Inaiá, GUIMARÃES; Lucia Maria, BÓGUS. *Entre os estudos urbanos e a sociologia urbana*. Revista brasileira de sociologia, VOL. 6, Nº 12, P. 221-218, 2018. Acesso em: 11/10/2021.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CARDOSO, Roberto. *O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever* São Paulo: Editora da Unesp, 1998, (p.17-35).

CARVALHO, João Eduardo. *Imaginário e Representações Sociais*. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis: EDUFSC, Especial Temática, (p.25-33), 2002.

CASTRO. Gomez, Santiago. *Ciências Sociais, Violência Epistêmica e o problema da invenção do outro*. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. CLACSO, 2005 in: [http:// bibliotecavirtualclacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624102434/9\\_CastroGomez](http://bibliotecavirtualclacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624102434/9_CastroGomez).

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: a arte do fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.

CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano*, Volume 1: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1997.

COHN, Gabriel (Org.) *Max Weber*. São Paulo: Editora Ática, 1982.

COMTE. August. *Os pensadores: Discurso sobre o Espírito positivo*. Pag. 41-79, Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1983.

COULON. Alain. *Escola de Chicago*, Campinas SP, Ed. Papiros, 1995.

COUTINHO, Thiago; DESLANDES Suely. *Pesquisa social em ambientes digitais em tempos de COVID-19: notas teórico-metodológicas*, Cadernos de Saúde Pública, 2020, (p.1-11).

CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço Urbano*. 3º edição, Editora Ática S.A. São Paulo, 1995.

DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

\_\_\_\_\_. *O que faz o brasil, Brasil*, Rio de Janeiro, ed. Rocco, (1986).

\_\_\_\_\_. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro; Ed. Rocco, 1987.

DILTHEY, Wilhelm. *Introdução às ciências humanas – tentativas para uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história*. Prefácio Marco Antônio Casanova- Rio de Janeiro, ed. Forense Universitária, 2010.

DOMINGOS, José Maurício. *Do ocidente à modernidade: intelectuais e mudança social*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. 3 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

\_\_\_\_\_. *Da Divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho. *Etnografias de rua, estudos de antropologia urbana*, ed. UFRGS, Porto Alegre, (p.123-145), 2013.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS. NORBERT. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

\_\_\_\_\_. *A solidão dos moribundos*. “envelhecer e morrer” (p. 79-103). Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizacional*. CapI- Da sociogênese dos conceitos de “civilização e “cultura” (p.59-75); publicações Dom Quixote, volume 1, Portugal, 1989.

ENGLES, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 9ª edição, editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1984.

ERIKSEN, Thomas Hilland e NIELSEN, Finn Silvert. *História da Antropologia*. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 2007.

EISNER, Will. *Nova York: a vida na grande cidade- Caderno dos tipos urbanos* São Paulo Companhia das Letras, 2009.

FERREIRA, Ivanilda Sá. *Meu bairro é meu Patrimônio: educação patrimonial no conjunto histórico e paisagístico de Parnaíba-PI*, dissertação de mestrado, UFDPAR, Pós graduação em artes, patrimônio e museologia, Parnaíba, 2019.

FERNANDES, Wellington. *Desemprego no Comércio Parnaibano (1997/1998)* TCC, Universidade Federal do Piauí, Parnaíba, 1998.

FORTUNA. Carlos. *Urbanidades invisíveis*. Revista Tempo Social: revista de sociologia da USP.v.31. n.1, p.135-151, 2019.

FLEURY. Laurent. *Sociologia da cultura e das práticas culturais*, Editora SENAC. São Paulo, 2009.

FREYRE. Gilberto. *Sobrados e Mucambos; decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Cap 1 e 2. (p. 104-165), 16ª edição, São Paulo, Editora Global, 2006.

FREHSE, Fraya; LEITE, Rogério P. Espaço Urbano no Brasil. In: MAR-TINS, Carlos Benedito (coord.). Horizontes das Ciências Sociais no Brasil. Sociologia. São Paulo: ANPOCS. pp. 203-237, 2008.

FREITAG, Barbara. *Teorias da cidade*, Papirus, Campinas, 2006.

FRÚGOLI JR, Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetos, conflitos e negociação na metrópole*. São Paulo: Cortez: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

GADAMER, Hans – Georg. *Verdade e método I*, editora Vozes, Petrópolis, 1997.

G. INDIAS Cordeiro/ F. Vidal (org). *A rua - espaço, tempo, sociabilidade*. ARGIER Michel. Cap. 1 (p.17-45) - *O “acampamento”, a cidade e o começo da política*. VIDAL. Frédéric. Cap. 4, (p. 65-77) *A rua como lugar de referência: identificando domicílios em Lisboa*. Coleção horizontes universitários, Lisboa, 2008.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC; 1978.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

\_\_\_\_\_. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1975.

GONÇALVES, Custódio Antônio. *Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais*. RFL- Geografia, vol. IV- Porto, p.15 a 30, 1988.

GONZALES, Stephan Beatriz. *Escritura e Modernización de la domesticación de la barbárie*. Revista Ibero-americana, vol. LX, nº166-167, Enero – Junio, 1994.

GUIDDENS, Antony; TURNER, Jonathan. *Teoria social hoje*, São Paulo, editora Unesp, 1999.

GROSGOUEL, R. *Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global*. Revista Crítica de Ciências Sociais Coimbra, n. 80, p. 115-147, mar. 2008.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo, Editora Loyola, 2007.

HABERMAS. Jurgen. *A lógica das ciências sociais*. Ed. Petrópolis, Vozes, Rio de Janeiro, 2011.

HAGUETTE. Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*, Petrópolis, Vozes, 2005.

HANNERZ, Ulf. (1986), *Exploración de la ciudad*. México, Fondo de Cultura Económica.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*, São Paulo: edições Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Quebra de Confiança e conflito entre iguais: Cultura emotiva e moralidade em um bairro popular*. Coleção Cadernos do GREM, Recife Ed. Bagaço, 2016.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Sociologia da Emoção*. Coleção Cadernos do GREM, N°3, João Pessoa, Manufatura, 2004.

\_\_\_\_\_. *Medos corriqueiros: em busca de aproximação metodológica*, Revista CRONOS, Natal – RN; V.03, p.94-101, jan - jun, 2002

\_\_\_\_\_. *Pertencimento, medos corriqueiros e redes de solidariedade*, Sociologias, Porto Alegre N° 25, ano 12. p. 286-511, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*, Editora Atlas, 4° edição, São Paulo, 2004.

LAPA, José Roberto Amaral. *A cidade: os cantos e os antros – campinas 1850-1900*, São Paulo, editora EDUSP, 1996.

LAPLANTINE. François. *Aprender Antropologia*, Ed. Brasiliense, São Paulo, 2005.

LEFEBVRE, Henry. *O direito a cidade*. São Paulo, Centauro Editora. 2004.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*, Petrópolis, 3° edição, Editora Vozes, 2013.

LEBRET, Louis J.; RIOS, José Arthur, *As favelas na paisagem da Gua-nabara*. Comentário. Favelas. Arquitetura, n. 8, pp. 15-29, 1964.

LEITE, Kelen Christina. *A (in)esperada pandemia e suas implicações para o mundo do trabalho*. Revista psicologia e sociedade, vol.32 Belo Horizonte (p.1-18), 2020.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “*De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana*.” Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol.17, n. 49. 2002.

\_\_\_\_\_. *A antropologia urbana e os desafios da metrópole*. Revista Tempo Social, (p.81-95), Aula inaugural na FFLCH/USP, abril, 2003.

MALINOWSKI. Bronislaw. *Argonautas do pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*, 2ª edição, os pensadores, Abril cultural, São Paulo, 1978.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. *Uma sociologia da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2014.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify; 2003.

MELO, Neuza de Brito. *O Ecletismo parnaibano: Hibridismo tradução cultural na paisagem da cidade na primeira metade do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2012.

MENDES. Iweltman. *Parnaíba: educação e sociedade na primeira república*, Dissertação de Mestrado apresentada em Teresina, no Centro de Ciências da Educação em 2007.

MELO. Samuel Pires. *Trajetórias de proximidades redes e feiras: as práticas de agricultores familiares feirantes em Água Branca - Alagoas*. Tese de doutorado, programa de pós-graduação em sociologia UFPE, 2012.

MENESES, M. L. M. de. *Parnaíba no século XX*. Fortaleza, 1994. p.8. Produção Independente.

MICHEL. Agier. *La Antropología de las identidades em las tensiones contemporâneas*. Instituto de Investigación para el Desarrollo (IRD), París, Escuela de Altos Estudios em ciências sociais. Revista Colombiana de Antropología Volume 36 enero- diciembre (p.6-19), 2000.

MIGNOLO, Walter. *Los desafíos decoloniales de nuestros días: pensar en colectivo*. 1a ed. Neuquén: EDUCO - Universidad Nacional del Comahue,; Desafios Decoloniais hoje. in Revista Epistemologias do sul, p.12-32, 2017.

MOOT. Luiz, *Piauí Colonial: população economia e sociedade*. 2ºed. Teresina: APL: FUNDAC: Detran, (Coleção Grandes Textos vol.8), 2010.

MORAES FILHO, Evaristo de. (Org.) *Simmel*. São Paulo: Editora Ática, (Coleção grandes cientistas sociais; 34), 1983.

MORAIS, Erasmo Carlos. *Uma história das beiras, ou nas beiras: Parnaíba, a cidade, o rio e a prostituição (1940-1960)*. Ed. SIEART, 2017.

NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. *Leituras sobre o cotidiano, a cotidianidade e a centralidade do estudo da vida cotidiana na reprodução do urbano*. Revista Rural e Urbano, volume 2, nº 2, (p.26-46), Recife, 2017.

NUNES, Brasilmar Ferreira. (2006), O sentido urbano de ocupações espon-tâneas do território: uma periferia de Brasília. In: NUNES, B. F. (org.). *Socio-logia de Capitais Brasileiras: participação e planejamento urbano*. Brasília: Liber Livro. pp. 35-63.

OLIVEIRA. Paulo de Salles. *Vidas Compartilhadas: Cultura e relações intergeracionais na vida cotidiana*, São Paulo, editora Cortez, 2011.

OSANAN, Amorim Lima. *Enchendo os vazios com palavras*, Parnaíba EDUFPI, 2017.

PARK, Robert Ezra. "A cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano". In, Velho (Org). *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

\_\_\_\_\_. *A migração humana e o homem marginal*. In Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia, v.1, n.3, p. 114-123, novembro de

2017.:<http://www.cchla.ufpb.br/grem/sociabilidadesurbanas/PARK%20Tradu%C3%A7%C3%A3o%20SocUrbs%20V1%20N3>. Acesso em 27/10/2020

PASSOS, Caio. *Cada rua sua história*. Associação Parnaibana de Letras, Parnaíba – PI. 1982.

PESAVENTO, S. J. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

PRADO, Danda. *O que é família*. Coleção Primeiros Passos; Editora brasiliense, primeira edição, 1991.

RÊGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. *Dos sertões aos Mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)*. 2010. Tese (Doutorado em História do Brasil) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

REZENDE, A. P. *Desencantos modernos: Histórias da cidade do Recife na década de XX*. Recife: FUNDARPE, 1997.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SÁ, Tânia Regina Braga Torreão. *Códigos de Posturas Municipais como instrumentos normativos da produção de nova lógicas territoriais: estudo de caso do centro histórico de Salvador*. Percurso: sociedade, natureza e cultura. nº 11, 2010-1, p. 273-289.

SANTOS, José Luiz. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006 (Coleção primeiros passos; 110) 12ª reimpressão da 16ª. ed. de 1996.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*, ed. Edusp, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. *A urbanização brasileira*. Editora HUCITEC, São Paulo, 1993.

SENNET, Richard. *Construir e Habitar: Ética para uma cidade aberta*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

\_\_\_\_\_. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. Editora Record, 2014.

SILVA, Josenias dos santos. *Parnaíba e o avesso da belle époque: Cotidiano e pobreza (1930-1950)*. Dissertação de Mestrado, Programa de pós-graduação em história do Brasil, Teresina, 2012.

SIMMEL, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito*. In, Velho (Org). *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores 1979.

\_\_\_\_\_. “A Metrópole e a Vida Mental”. In, VELHO, Otávio Guilherme. (Org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1979.

\_\_\_\_\_. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

SHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. WAGNER, Helmut R. (Org.). Editora Vozes, 2012.

VAGNER, Pedro. *Súditos da “Princesa do Igaraçu”: trabalhadores em Parnaíba na década de 70*. Revista Temporalidades, Edição 24, Volume 9, nº 2 (p. 324 - 347), 2017.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

\_\_\_\_\_. *A utopia Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982

VICENTE, Marcos Felipe. *O código de posturas como instrumento de controle social: reflexões sobre o código da Vila de Guarany (1898)*. In: XII Semana de História da FECLESC, 2016, Quixadá. Anais da XII Semana de História da FECLESC, 2016.

WAGNER, Roy. *A invenção da Cultura*. Ed. Cosacnaify portátil, São Paulo, 2012.

WEBER, Max. *Conceitos Sociológicos Fundamentais*. Covilha: Lusofia-press, 1979.

\_\_\_\_\_. *Ensaio de Sociologia*. Ed.SA, 4ª edição, Rio de Janeiro, 1982.

\_\_\_\_\_. *Metodologia das Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

WELLINGTON, Silva. *A pobreza transformada em crime: o combate as práticas subalternas no código de posturas da cidade de Parnaíba, Piauí (1899)*, Vozes do pretérito e devir – Dossiê Temático; Ano VI, Vol. IX, nº1, (p.11-26), 2019.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

WIRTH, Louis. “*O urbanismo como modo de vida*”. In, VELHO, Octavio Guilherme (Org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1979.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ZILLES, Urbano. *Teoria do conhecimento e teoria da ciência*. São Paulo, Editora Paullus, 2005.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*; editora brasiliense, 1985.

ZANCHI, M.T. ZUGNO, P.L. *Envelhecimento humano*. In.: Sociologia da Saúde. 3º edição. Caxias do Sul, Educs, 2012.

**Almanaques e Jornais:**

Jornal Folha do litoral - Raimundo Ferraz Filho (1978)

Jornal Inovação (1978, 1985)

Folha Carioca (1993). *O livro do Centenário de Parnaíba:1844-* Documentário da cidade estudo histórico, corográfico, estatístico do município de Parnaíba: Americana,1945.

Almanaque da Parnaíba - (1994, 1996, 1998)

**Sites:**

<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/> acesso em: 15/01/2021

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/parnaiba/panorama> acesso em: 15/01/2021

<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus> acesso em: 12/12/220

<https://180graus.com/parnaiba/jovem-e-baleado-e-tem-motocicleta-tomado-de-assalto-no-bairro-sao-jose>

<https://piauidepontaaponta.blogspot.com/2015/03/homem-e-alvejado-bala-e-mulher-tem.html>

<https://www.jornaldaparnaiba.com/2020/07/abandonado-incendio-toma-conta-do.html>

[https://parnaibapontocom.blogspot.com/2016/09/briga-entre-irmaos-deixa-um-morto-no\\_19.html](https://parnaibapontocom.blogspot.com/2016/09/briga-entre-irmaos-deixa-um-morto-no_19.html) Acesso em: março 26/04/2021